

COMPRA
ABR. 1940

SERÕES



LIBRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 45 — MARÇO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as hexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: CARLOS MONIZ TAVARES

Endereço telegraphico: Vaccina

Numero telephonico: 548

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas	300 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vaccinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vaccinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista	2\$000 «

Preços especiaes para vaccinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa** e **Brazil**, acondicionamento especial de fôrma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Summario

MAGAZINE

	PAG.
BULHÃO PATO (<i>Retrato</i>) (<i>Frontispicio</i>)	174
OUTONO (<i>Versos</i>) por BULHÃO PATO	175
A PRIMAVERA (<i>10 illustrações</i>) por CACILDA DE CASTRO	177
O ROUXINOL (<i>Versos</i>) por J. B. PINTO DA SILVA	181
O ENGERIDO E A SEREIA (<i>5 illustrações e 1 vinheta</i>) por JUSTINO DE MONTALVÃO	182
EM TERRA DE LOBOS — NO PAIZ DOS REBANHOS (<i>5 illustrações</i>) por A. DE SOUSA MADEIRA PINTO	190
NA CAMPA D'UMA ENGEITADA (<i>Versos</i>) por MARIO FLORIVAL	196
O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO (<i>7 illustrações</i>) por CARLOS ABREU	197
APOCALYPSE (<i>Versos</i>) por JOEL PINTO	205
OS EX-LIBRIS (<i>14 illustrações e 1 vinheta</i>) por M. CARDOSO MARTINS	206
CARLOS REIS (<i>5 illustrações e 1 vinheta</i>)	211
MADRE PAULA (<i>Versos</i>) por CARLOS CILIA DE LEMOS	215
OS BASTIDORES DO NIHILISMO (<i>1 illustração e 1 vinheta</i>) traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA	216
ANNIVERSARIO FUNEBRE (<i>Versos</i>) pelo VISCONDE DE SÃO BOAVENTURA	223
VESTIGIO DA PASSAGEM DOS PORTUGUEZES NO JAPÃO (<i>6 illustrações e 1 vinheta</i>) por WENCESLAU DE MORAES	224
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL (<i>3 illustrações e 1 vinheta</i>) por ALBRECHT HAUPT	229
A MORTE DO BARQUEIRO (<i>3 illustrações e 1 vinheta</i>) por F. A. CORRÉA	232
GENEZIS (<i>Versos</i>) por CELESTINO MONTEIRO	235
ACTUALIDADES	
GRANDES TOPICOS (<i>13 illustrações</i>)	236
RESENHA MUNDIAL (<i>39 illustrações</i>)	241

A MUSICA DOS SERÕES

A BOTA DO DIABO, por D. FRANCISCA GONZAGA	4 paginas
-----------------------------------------------------	-----------

DIRECTOR LITTERARIO

Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{ Anno	2\$200 réis
	{ Semestre	1\$200 »
	{ Trimestre	800 »
Para o Brazil (moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	- Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS *Serões*

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 7.º volume da 2.ª serie.

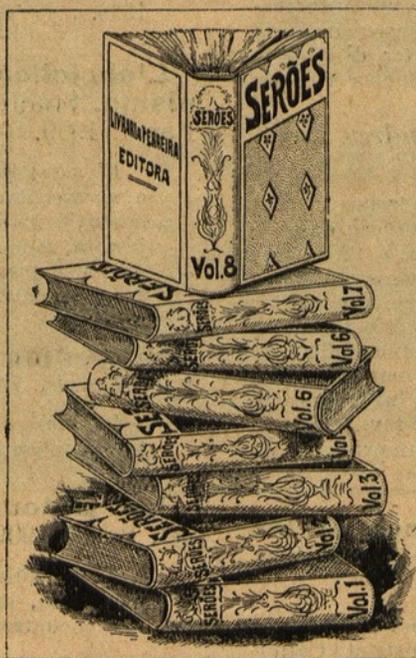
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

SETE VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA

Revista bibliographica universal

La Musique actuel en Allemagne et Autriche-Hongrie, par *Eugène d'Har-court*. Paris, 1908.

Estudo sobre os conservatorios, concertos e theatros, escripto com natavel competencia especial.

Sor Demonio, por *Felipe Trigo*. Madrid, 1909.

Esta ultima novella do illustre escriptor es-panhol tem sido severamente apreciada pela critica, que acusa o auctor de ter d'esta vez exagerado as suas habituaes tendencias eroticas.

The Maid of France, by *Andrew Lang*. London, 1908.

Este curioso volume escripto por um protes-tante constitue uma vigorosa reputação da obra de Anatole France sobre a admiravel Pucella de Orleans. A opinião do auctor escossez resume-se n'esta sua conclusão: «Inclino-me a acreditar que Joanna foi inspirada n'um certo sentido e estou convencido de que ella foi uma mulher do mais alto genio e do mais nobre character. Sem o seu genio e o seu character, as luzes que ella teve do mundo invisivel (se as teve) não lhe teriam servido de nada para o cumprimento da sua grande tarefa».

Les croyances religieuses et les sciences de la nature, par *J. Guibert*. Paris, 1908.

Serie de oito conferencias apologeticas em que o superior do seminario do Instituto Catho-lico de Paris, procura demonstrar que não existe qualquer antagonismo entre as sciencias e a fé.

La vie à la Bastille. Souvenirs d'un prisonnier, par *A. Savine*. Paris, 1908.

São as recordações de prisão do agente secreto Constantin de Renneville, bastante dramatisa-das, mas que, ainda assim, corroboram todos os

trabalhos publicados nos ultimos annos sobre a Bastilha, e que destróem o absurdo tecido de lendas, formado pela imaginação popular e au-mentado pelo espirito de partido.

Il tesoriere del Duca. Romanzo storico di *L. Gramigna*. Torino, 1909.

O auctor de *Dragoni Azzurri*, descreve n'este seu novo romance historico, o estado de anar-chia em que caíra o ducado do Piemonte, em 1536.

L'enciclica «Pascendi» e il moder-nismo. Studii e commenti di *Eurico Rosa*. Roma, 1909.

E' a segunda edição, já publicada este anno, e acrescentada, do famoso livro de polemica contra o modernismo escripto por este distincto jesuita, como commentario á enciclica *Pascendi dominici gregis*, que o anno passado condemnou a nova doutrina.

Vingt-cinq années de vie littéraire, par *Maurice Barrès*. Paris, 1909.

Paginas escolhidas da obra de Barrès, o cele-bre propagandista do culto do Eu e da vontade.

Les Détours du cœur, par *Paul Bour-get*. Paris, 1909.

Nova collecção de novellas do genero psy-chologico, em que o eminente escriptor ainda não encontrou competidor.

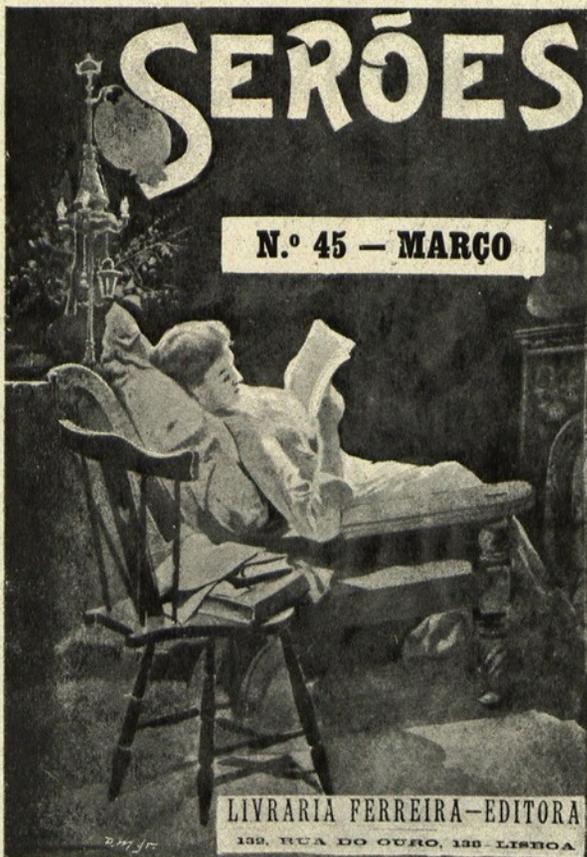
Le Clergé à l'Académie, par *Mgr. Moucheron*. Paris, 1909.

Desde a sua origem a Academia franceza tem contado entre os seus quarenta annos nada me-nos de 117 padres e prelados, que são biographados n'este volume, ao qual a recente morte e sub-stituição do cardeal Mathieu dá uma flagrante actualidade.

Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires au-ront été envoyés à la redaction des *SERÔES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication.

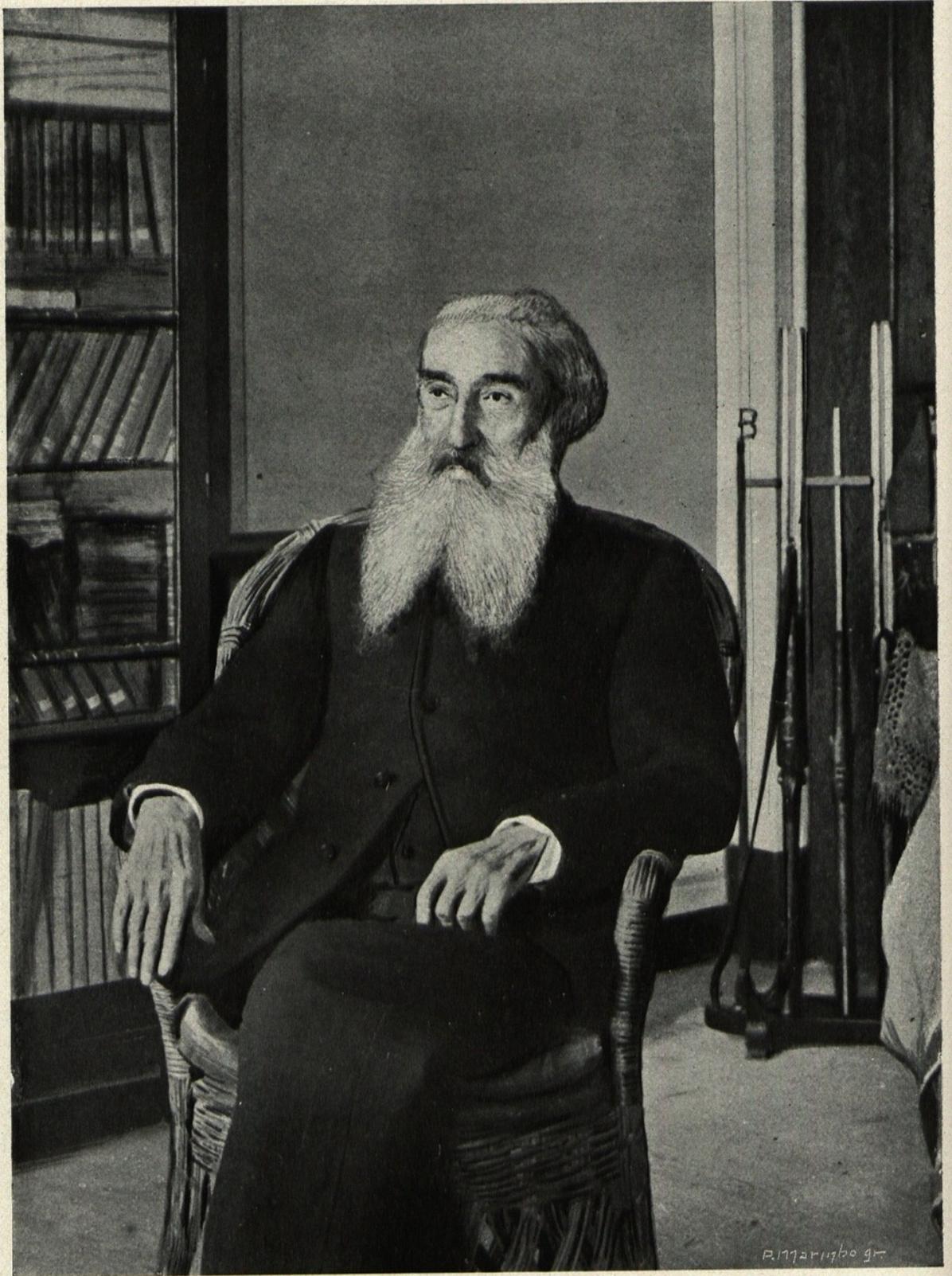
SERÕES

N.º 45 — MARÇO



LIVRARIA FERREIRA-EDITORIA

139, RUA DO OURO, 139 LISBOA



Bulhão Pato

Outono

GEORGICA

Sejas velho, embora, outono.
Que bello dia!
Que dia, Senhor, que dia!...

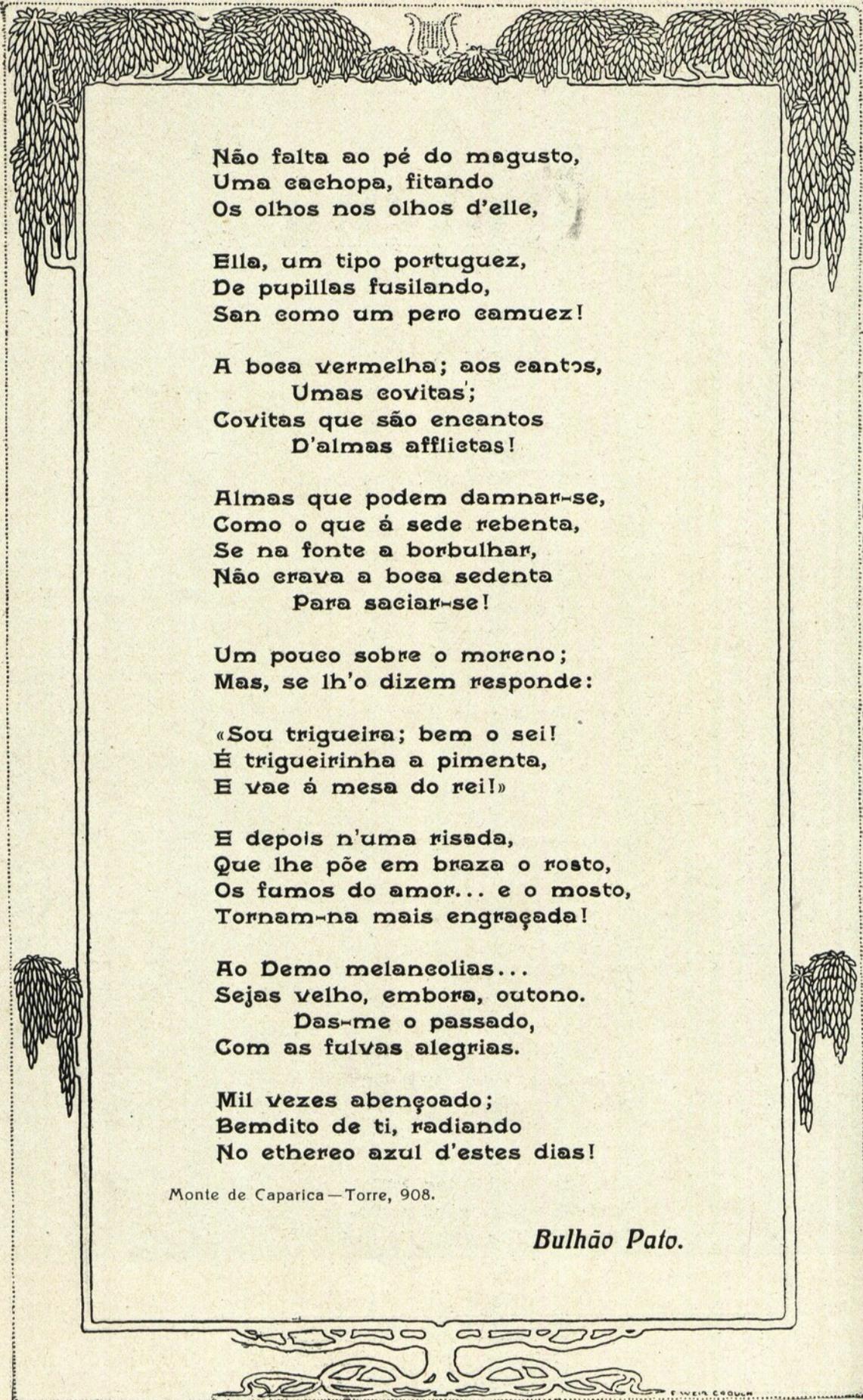
De manhã, para assustar,
Umás brumas
Sobre as arribas do mar.
Nuvens sinistras nenhuma.

Todas orladas de espumas,
As ondas a rebentar
Na areia loira. Que dia,
Que dia, Senhor, que dia!...

Os bois mansos a lavrar,
E o lavrador, ao timão,
Na voz inculta, a entoar
— Inculta mas afinada —
A campestre desgarrada.

São Martinho, folgazão,
Temol-o á porta. Isso então,
Agora sim que será
Mosto a rodo, que o vinhedo,
Cachos de tal perfeição,
Não deu, nem talvez dará
Por estes annos mais cedo.

Vejam, no lagar aquelle!...
Parece um Baco d'Antino:
Alto, bem posto, robusto;
Olho azul e cristalino!



Não falta ao pé do magusto,
Uma cachopa, fitando
Os olhos nos olhos d'elle,

Ella, um tipo portuguez,
De pupillas fusilando,
San como um pero camuez!

A boca vermelha; aos cantos,
Umás covitas;
Covitas que são encantos
D'almas afflietas!

Almas que podem damnar-se,
Como o que á sede rebenta,
Se na fonte a borbulhar,
Não crava a boca sedenta
Para saciar-se!

Um pouco sobre o moreno;
Mas, se lh'o dizem responde:

«Sou trigueira; bem o sei!
É trigueirinha a pimenta,
E vae á mesa do rei!»

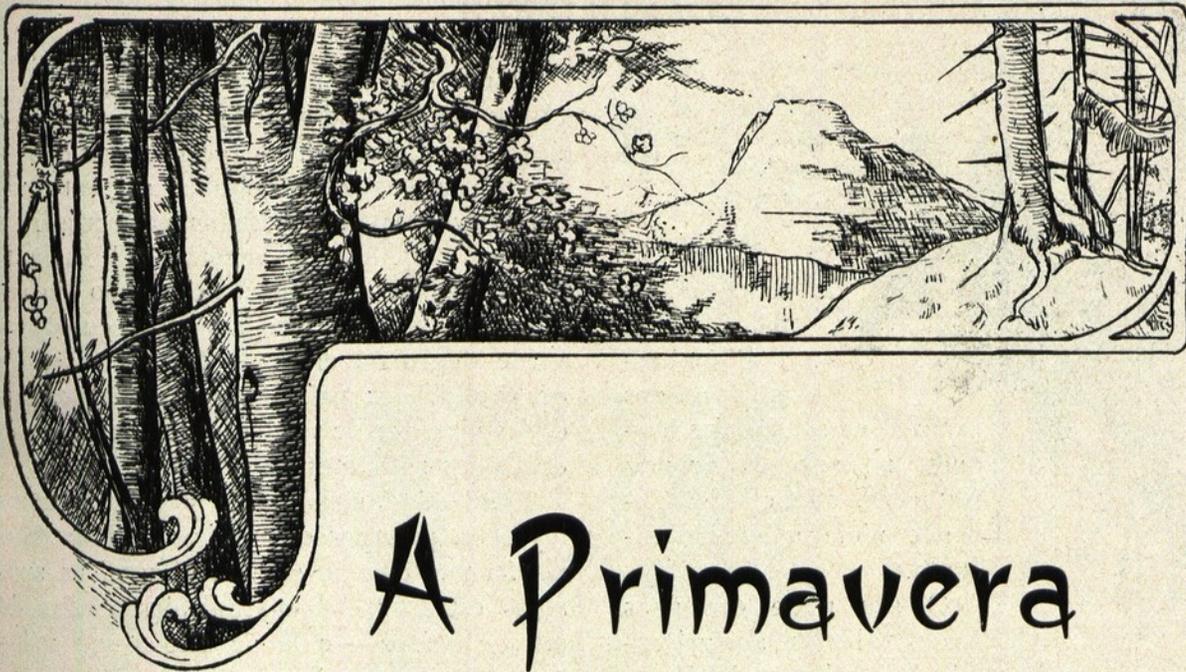
E depois n'uma risada,
Que lhe põe em braza o rosto,
Os fumos do amor... e o mosto,
Tornam-na mais engraçada!

Ao Demo melancolias...
Sejas velho, embora, outono.
Das-me o passado,
Com as fulvas alegrias.

Mil vezes abençoado;
Bemdito de ti, radiando
No ethereo azul d'estes dias!

Monte de Caparica—Torre, 908.

Bulhão Pato.



A Primavera



AUDÊMOS a Primavera! Quando ella chega n'uma onda de sol, n'uma nuvem de flores, toda promessas, toda mysterios. alegre como o riso das creanças, alvorada vaporosa dos dias lindos — toda a Natu-

reza se agita, revive e se alinda n'uma saudação que se repercute de quebrada em quebrada, de serra em serra, de fragua

em fragua, acordando o echo em vibrações sonoras, dissipando as sombras em clarões de luz!

Quando ella passa ha murmúrios vagos — no bater da aza, na canção incerta, no gorgueio a medo, no ciciar da briza, no estremecer da folha... E tudo se alegra, se reveste e enfeita, para a vêr passar.

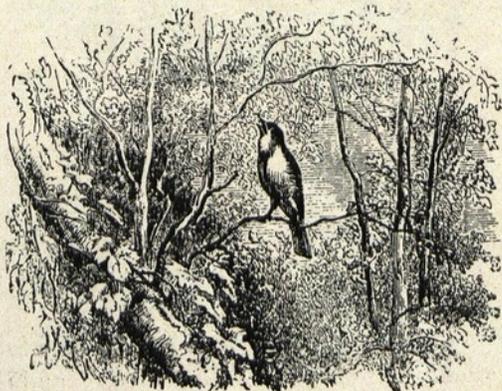
No espaço o azul sem nuvens; na terra as ondulações da relva; no arvoredo o verde tenro das folhinhas novas; nos prados o branco saltitante das margaritas; nos valados o roxo melancolico dos lirios doloridos; nos outeiros o ouro refulgente dos junquillos!

E nos pomares então, a festa, a grande festa que lá vae...

Em março os pecegueiros sorridentes vestem-se de côr de rosa, em nuvens de gaze transparente, como odaliscas; em abril as pereiras toucam-se de branco, castamente, como freiras; e em maio, quando as cerejeiras opulentas se adornam lascivamente de rubis, como cortezãs — nos campos as papoilas vermelhas, sangrentas e capitosas, salpicam de manchas ardentes e orgiacas, o loiro quente dos trigaes.

Não é nas cidades — não — que a Primavera se desdobra em maravilhosas telas.

Ahi, aonde ella chega como um echo, por onde passa como uma nuvem, onde se espalha como uma sombra — ahi — toda ella se resume no vôo da andorinha, n'essa azita nostalgica, setinosa e negra, que pelas tardes calmas fende a





aragem te-
pida...

E' na am-
plidão dos
campos, na solidão dos bos-
ques, no seio da propria
Natureza, que ella se ex-
pande n'um indefinido en-
canto.

O seu nome evoca as
nossas aldeias amourisca-
das, as nossas aldeias caiadas de bran-
co, as nossas aldeias de saloios, as rus-
ticas povoações, os pequeninos logares ser-
tanejos, as nossas quintas muradas com
pedra solta por onde a silva arisca vem
espreitar a estrada, sempre a namorar
quem passa.

Traz-nos a Primavera a nostalgia das
nossas terras, onde
os moinhos do alto
das nossas collinas
verdejantes agitan-
do as velas pandas,
põem na paisagem
a nota viva ruidosa
e quente; a nostal-
gia dos nossos ca-
saes onde ha noras
a gemer o dia inte-
iro; das nossas her-
dades onde a agua
espuma nos açudes;
das nossas estradas
onde os carros de
bois passam chiando;
e das nossas serras
com os seus reba-
nhos e pastores.

E traz-nos então
ao ouvido, o mur-
murio da agua das levadas e a canção do-
lente da camponeza.

Como ella é realmente bonita, essa Pri-
mavera que afastando para longe as chuvas
do inverno e a ventania agreste, passa com
a sua varinha magica, tocando esta linda
terra de Portugal!

Tornando mais azues e mais limpidas, as
claras margens d'aquelle rio de sonho, o
nosso rio Lima, que se recorta caprichosa-
mente nas suas areias doiradas, serpenteando
em curvas vivas e ousadas pela paisagem
dentro, rasgando a vegetação luxuriante
como laminas prateadas; golpeando em re-
flexos metallicos como adagas recurvas, o
verde negro ou claro da folhagem setinea
ou avelludada; palhetando aquelles arren-
dados massiços de verdura e folhagem, como
estilhaços rutilantes de crystal.

Espalhando mais mysterios nos recantos
idyllicos, profanos e sagrados do Bom Jesus
do Monte, com a sua *Via-Sacra*, as suas
aléas estreitas e emmaranhadas, cheias de
altos e baixos — e lá no alto a sua mila-
grosa Senhora do Sameiro.

Dissipando um pouco a tristeza profunda,
que se desprende da grande matta frondosa
do Bussaco, com os seus caminhos sempre
a subir zig-zagueantes até se bifurcarem
nos seus nichos desmantellados, escondidos
na sombra pesada das suas arvores ponte-
gudas, dos platanos, dos alamos, de enor-

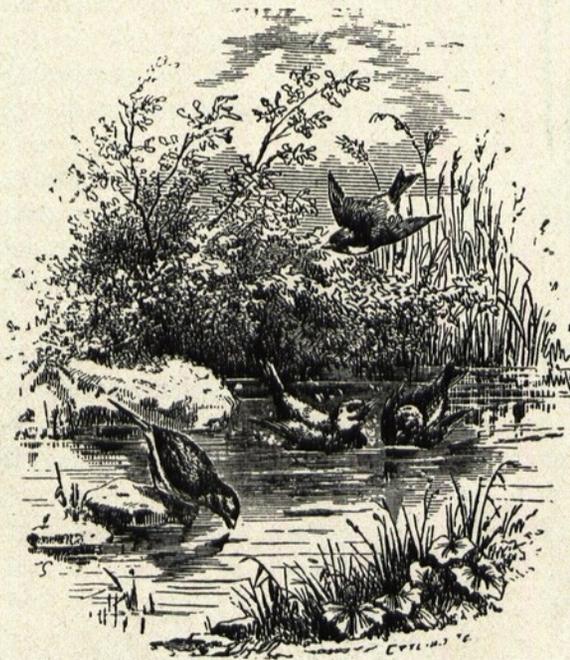
mes carvalhos secu-
lares e cedros co-
lossaes.

Dando mais es-
tranho encanto á
melancholia que pai-
ra sonhadora, pelos
poeticos lugares de
Coimbra.

E' por certo aqui,
que a magica var-
rinha primaveril
deixa um especial
encanto, depois de
ter abafado um pou-
co mais além, n'uma
chuva de maravilhas
surprehendedentes, o
eden que é Pena-
cova.

Nas franças dos
salgueiros, na rama
dos choupos medita-
bundos e sonhadores á
beira do Mondego, nos bosques do Choupal,
no Penedo da Saudade — oh! terras de Por-
tugal, que bem em vós se enquadra a Pri-
mavera!

Oh! arredores de Coimbra — manhãs cla-
ras, tardes melancolicas, crepusculos tris-



tes, poentes mysteriosos, noites de luar em que o canto do rouxinol e o choro das guitarradas, tão bem se casam com a suave canção da Primavera, que vem sacudir ainda a ultima gotta de orvalho de sobre as flores da amendoeira — e n'um hymno de louvores desaparece em maio, no mez das rosas — por entre as borboletas doidejantes, que jogam as escondidas na madre-silva, e as abelhas doiradas, que zumbem em volta de uma *rêve d'or*.



Symbolisada n'um vulto de mulher ou n'uma petala de flor, no trinado da ave ou no canto do pegureiro, no aneio da nossa alma ou no frémido do arvoredado sensual, ebrio de amor — a Primavera é a synthese de esse beijo genesisico e animico, que o sol creador depõe na terra fecunda.

D'esse beijo que depois é a seiva que se crystallisa em flor, a flor que se etherisa em perfume, o perfume que se dilue em amor, o amor que se transforma em fructo.

N'um murmurio de vida e alegria, ella é toda amor — desde o seu halito que perfuma e dilata o ar, que bafeja e faz germinar as leivas, até á ternura com que envolve acariciadora a Natureza inteira!

Não ha poeta, não ha pintor, não ha escultor, que lhe não tenha traçado, delineado ou cinzelado, no verso, na tela ou no marmore — a alma, a graça, a belleza, o espirito, a frescura e a fórma.

Com a sua feição pagã, ella tanto pode ser uma ecloga de Virgilio, como um fauno de Miguel Angelo, como uma Venus de Ticiano.

D'esse Ticiano, o mais sensual e o mais pagão dos artistas da Renascença, que foi o maior colorista do seu seculo n'aquella Venezia ardente e orgiaca, em que elle transpondo os assumptos biblicos ia materialisar na tela — a característica dominante do seu temperamento, o espirito do seu tempo e o amor mais puro de toda a sua vida — ou na lascivia das suas bacchantes, ou na es-

tranha e fulgurante auréola das suas virgens, ou pondo na sua *Flora* os traços da filha adorada.

A's mais variadas concepções se adapta graciosa a Primavera, sob os seus multiplos aspectos.

Copiada do natural, symbolisada nos assumptos mythologicos, representada em phantasias allegoricas; nas ornamentações de todas as épocas, nos baixos relevos, nos cunhos das moedas — em tantos motivos decorativos; nas vividas paisagens de Poussin e Claude Lorrain, nas Marquezitas e pastoras, transportadas por Watteau para os ridentes jardins de Cythera, nas obras dos Huysmans, nas allegorias de Lancret, nos *amores* de Boucher — e por toda a escola do seculo XVIII.

No seculo XIX ainda — nas telas dos Robertts, nos medalhões de Spaendonck, precisamente symbolisada na *Venus e Adonis* de Prudhon ou tratada nas paisagens de Corot.

Essencialmente a sua idéa tanto podia estar na manufactura de um Saxe, na concepção do velho Sèvres, na confecção dos passaros, das plantas e das flores de oiro do estylo japonéz, nos vestidos Luiz XV pintados ou nos brocados de Genova — como pode evolar-se no espirito de uma prece em volta do abrunheiro sagrado do Japão — ou no perfume da flor da laranjeira, com que a noiva cinge a fronte sonhadora, na madrugada das suas ingenuas illusões, n'um desabrochar de crenças, n'um alvorecer de esperanças, na primavera da vida.



Celebravam os romanos nas proximidades da Primavera umas festas chamadas *Lupercaes* — *Lyceannas* na Arcadia — em honra do deus Pan, percorrendo as ruas de Roma, apenas cobertos com as pelles de diferentes animaes e dirigindo ás formosas romanas gracejos — ao que parece, nada gentis...

Foram por certo estas festas, que inspiraram em parte o nosso Carnaval. Em março celebrava-se primeiro uma festa campestre chamada *Ambarvalia*, que depois foi fixada em 29 de maio, e em que se fazia uma procissão pelos campos e pelas searas, terminando por um sacrificio denominado *Suovetaurilia*.

Em 21 de abril eram as *Palilias*, em honra de Pales, a deusa dos rebanhos e dos pastores. Estas festas consistiam n'umas fogueiras de ramos de rosmaninho, oliveira, pinheiro e loireiro, onde se purificavam. Depois deitavam fogo a grandes montes de palha, que os pastores saltavam em doidas correrias, ebrios, cantando — seguidos dos seus rebanhos. E' de crer que de aqui se inspirassem tambem as nossas fogueiras e descantes do S. João.

No primeiro dia de maio, celebravam-se de noite os mysterios da *Bona Dea*. Esta deusa que é o espirito da natureza e que entre os antigos, tanto podia ser

Cybele, como *Ops*, *Terra*, *Maia*, *Fauna*, *Rhea*, *Proserpina*, *Diana* ou *Hecate* — era representada com uma corôa mural na cabeça, n'um carro puxado por leões.

Diz-nos a fabula n'uma allegoria, em que parece estar comprehendida a idéa do verão e do inverno, que Proserpina restituindo

a vida a Adonis, morto n'uma caçada por um javali, lhe permittia deixar os infernos durante seis mezes do anno.

Estamos pois n'essa quadra em que o espirito de Pan, como um raio de sol, de vida e de alegria, abrangendo na fórma a natureza inteira, é festejado doidamente nos seus dominios.

Sob o olhar dominador, apaixonado e ardente da linda Venus que

*Inunda d'harmonia a vibração da luz
O valle em flor de Pan e o horto de Jesus...*

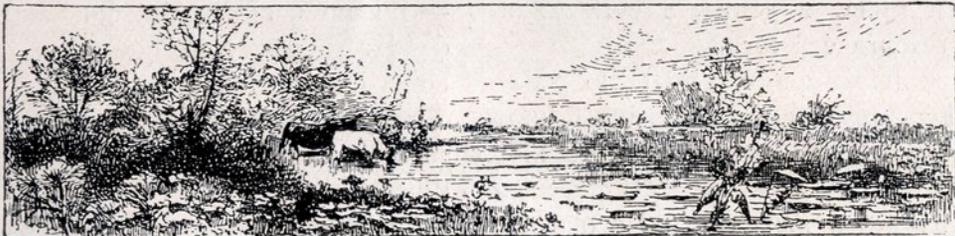
as nymphas, as driades, as napeias, as oreades, passam nas florestas, nos montes, nas grutas, nos bosques, nas charnecas e nos prados, deslizando na nudez mal velada da tenue transparencia dos seus véos fluctuantes, dançando, cantando e rindo — fugindo aos faunos de pés de cabra, e aos satyros coroados de tenros e verdes pampanos.

As naiades gentis e scismadoras, debruçam-se voluptuosamente nas aguas dos regatos e das nascentes, mirando-se vaidosas, nas fontes e nos lagos prateados, e adormecem e sonham á beira dos arroyos ou nas grutas musgosas das cascatas — emquanto as nereides sobre os mares, se corôam de conchas nacaradas e algas viçosas, sacudindo os cabellos ondulantes, de onde a espuma cae transformada n'uma chuva de perolas e opalas — para ir depois em delicadas ondas, beijar as rochas, aflorar as práias.

Saudêmos pois as lindas andorinhas, essas pa-

gens de olhitos vivos e pennas aguçadas, negras e luzidias, que veem annunciar-nos que a Primavera — está ahí!

Saudêmos essas meigas avesitas envolventes, que no seu vôo gracioso, passam ao alcance da nossa mão e nos roçam pelo rosto a azita cariciosa e confiante.



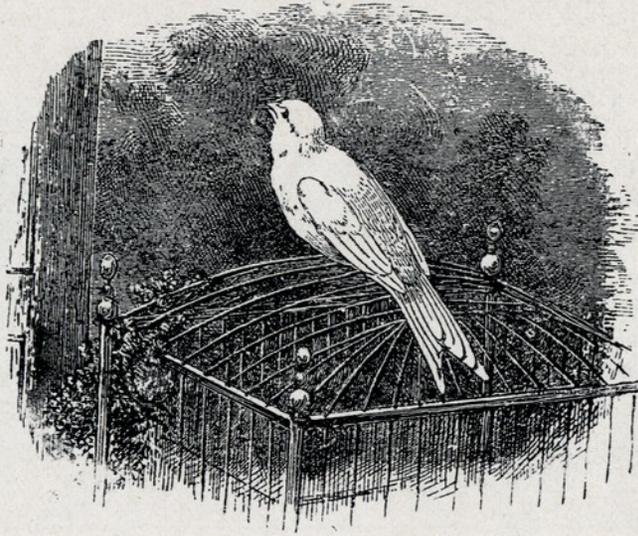
Ellas são as doces companheiras dos exilados e dos prisioneiros.

Conta-se que em um castello perto de Epinal, na Lorena, um prisioneiro da Revolução, cingira um anel de metal no pé de uma d'estas creaturinhas.

Durante os tres annos de captiveiro, ella voltou sempre pela mesma época, a visitar o seu triste amigo e companheiro.

Saudêmos pois a Primavera!

Ella é para as flores a graça, para as



creanças o riso, para os novos uma esperança ou uma illusão a mais — e para os velinhos, então a saudade perfumada e viva de uma pagina de amor, d'um sonho do passado...

Oh! terra de Portugal, que bem em ti se enquadra a Primavera!

Antonio Nobre,
— anda, vá, des-

perta — empunha a tua lyra de oiro e vem cantar na tua voz dolente:

*A fartura da seara reluzente
O vinho, a graça, a formosura, o luar!*

CACILDA DE CASTRO.

O ROUXINOL

NO CANTICO DOLENTE E TÃO MAVIOSO
DO ROUXINOL, O REI DAS HARMONIAS
HA UM MYSTERIO INFINDO DE ALEGRIAS
E PRANTOS D'ALMA EM SEU TRINAR CHOROSO;

O VÔO É TÃO SUBTIL E VAPOROSO
COMO AS ENDEIXAS, COMO AS MELODIAS
QUE VAE TRINANDO EM PRANTOS E AGONIAS...
TRILLOS DE AMOR DE QUEM VIVE SAUDOSO;

E A RECORDAR UM SONHO QUE PASSOU,
UM BEIJO TODO AMOR, TODO IDEAL,
TÃO PROLONGADO QUE JAMAIS FINDOU,

ALEGRA O CAMPO Á HORA MATINAL
DEIXANDO O NINHO QUE AMOR FABRICOU,
SEMPRE A CANTAR DOLENTE E TRIUMPHAL.

J. B. Pinto da Silva.



SALGANDO A SARDINHA

O Engerido e a Sereia

(Scenas da Beira-Mar)

DEDICATORIA

Em memoria do nosso ultimo poente, em Syracuse, quero invocar aqui o seu nome, Miss Jane-Mary Clark Stryiński, que com luar e sonho escreveu «The Knight Errand and the Blind»: e pedir-lhe que aceite a homenagem d'estas paginas, escriptas na rude lingua inculta dos pescadores do meu paiz, e onde a realidade grosseira se confunde com a idealidade — egualmente divina, na alma dos humildes, como na dos heroes.

Monte-Carlo, novembro de 1908.

I



ão sei porque me veio agora á lembrança a historia desse pescador que noivou com a morte, allucinado pela miragem dos seus amores sem esperança

Quem m'a contou?

As ondas, ou o meu coração? . . .

Por ventura não seriam senão os seus olhos, tão tristes, ha pouco, no terraço, quando ficou por muito tempo calada, olhando o Mar — os seus olhos nostalgicos, que de subito m'a evocaram, na elegia da luz que espiritualisava o ceu e as aguas, como n'um poente de Whistler o seu querido Morto.

Em verdade, eu não poderia jurar-lhe, minha boa amiga, se tudo o que lhe vou contar aconteceu a um vagabundo que, de tanto penar, endoideceu d'amores; ou se realmente se passou na minha propria alma, n'um antigo naufragio d'illusões, junto d'este mesmo Mar que tantos tem acolhido.

Foram os seus olhos, ha pouco, tão tristes ou os meus sonhos que m'a contaram?

O que é bem certo é que a sinto correr-me do coração, e que preciso de lh'a dizer, agora que o crepusculo e o silencio mais evocam os idyllos mortos e a solidão das ruinas d'esse palacio encantado do seu Poema. onde o moço Cavalleiro-Errante encontrou dormindo a linda Cega Nua, que só tinha por manto os seus cabellos doirados.

A pouco e pouco, como sonhos que se des-

fazem, vão-se em torno de nós, no ceu e no mar, amortecendo os reflexos do poente. E' a hora maravilhosa em que as virgens, silenciosas, alongam para o espirito os olhos abertos, como se esperassem dissipar um divino mysterio: a hora bem dita entre todas em que tudo, pela natureza, parece que tem voz para nos falar ao coração.

Quantas creaturas, pelo mundo, n'este mesmo instante em que no seu rosto, tão branco na penumbra vespéral, os seus olhos me lembram, duas chammas onde se concentrasse toda a claridade que da terra vae subindo para os astros, fitam tambem o ceu e as vagas, a' sonhar ou a recordar-se — na ancia de que ha-de vir, ou na saudade de que passou. E quantas lagrimas, n'este mesmo instante, vão n'esse occulto ceu espiritual da vida interior crear poemas eternos!

Olhei o luar, o luar sagrado a surgir, a florir as vagas harmoniosas! Como ellas cantam, cheias de saudade, esta noite, como se falassem tambem de coisas passadas. . .

Não sente a mesma nostalgia, etherea dispersa em tudo, na luz que parece povoar-se d'apparições, no mar que fala mais baixinho, e dentro em si, no echo de todas essas vozes confusas das vagas que se recordam talvez de já ter sido Sereia, — corações desfeitos em aguas, salgadas aguas como as lagrimas dos que amaram?

Quer ouvir a historia desse pescador de Portugal que as ondas me ensinaram — as ondas, que são as illuzões eternas dos poetas da minha terra!

Recline a cabeça na mão esguia, n'esse lindo geito de quem sonha, e deixe-se ficar assim calada, com uma expressão *extra terrena* com que Dante Gabriel Rossetti espiritalisou a *Beata Beatrix* — emquanto, as primeiras estrellas surgem tremendo, a luzir sobre o rosto da Noite, como as lagrimas que eu vi, um dia, correr sobre o seu rosto. . .

II

O pescador Antonio era um rapaz encolhido, desageitado e triste, de cabellos ruivos e grandes olhos humildes de cão sem dono. Chamavam-lhe o *Engerido*. E toda a gente se ria da sua timidez e da sua fealdade.

Era exposto da roda. Ninguem sabia onde nascera — nem elle, de certo. Nunca seio

materno e divino lhe dera de mamar. Mas, como o d'aquelle outro péscador da Galileia (que tambem por muito amar teve na vida igual sorte) triste foi o seu fado na terra — que para além d'ella, sómente, como Elle ensinou, «serão consolados aquelles que choraram».

Um dia, apparecera n'aquella povoação de pescadores, esfarrapado e faminto, com os pés descalços inchados e sangrentos de vaguear por montes e caminhos.

Seduzido pelo encanto do Mar, como se no seu coração de caminheiro acordassem attavismos dos celtas errantes, por ali ficou. Dias inteiros sosinho, vagueava ao sol dos areaes, d'olhos verdes absortos nos longes d'agua luminosos, nos enxames pairantes de velas das lanchas, nos vôos alvos das gai-votas sobre as espumas ou nos esbeltos brigues ou nos vapores que partem do porto cheio de mastros e fumos, para o horizonte do desconhecido.

Sobrio, como todos os pobres, vivia do que pescava e dos mariscos que arrancava dos rochedos, na maré baixa. Nas partidas dos paquetes d'imigrantes, fazia carretos. E solitario e feliz, como um pária sem senhor, dormia nas noites de verão, ás estrellas; e nas frias noites de chuva, em que o vento norte fazia uivar as ondas, n'uma velha barraca desmantelada, onde se guardavam as ancoras e os lémes das lanchas.

A principio, os pescadores olharam-no com a deisconfiança que os homens do mar teem sempre pelos da terra. Os arraes, a quem se dirigia, recusavam-lhe trabalho. Mas a pouco e pouco, todos se foram afazendo á docilidade submissa do *Engerido*. E como remava horas seguidas, sem mostrar fadiga, arranchou por fim n'uma companhia de pesca, onde ganhava o salario escasso dos cavadores das ondas, a quem pouco basta, como aos da terra, para viverem na paz de Deus.

De poucas falas, herculeo, roto e ruivo, sob o capacete de oleado, lembrava um wiking primitivo, com a sua expressão de candura humilde no rosto crestado pela marezia e o eterno sorriso alheado dos timidos nas glaucas pupillas contemplativas.

A scismar, ninguem sabia em que, passava ás noites inteiras acordado, emquanto os outros dormiam, sobre as vélas, embrulhados nos gabões de burel.

Estendido á prôa da lancha boiando sobre a lenta ondulação fosforescente do mar alto, com os olhos absortos nas nuvens e nas constellações, cantava, ao embalo das aguas, as velhas trovas tristes e sagradas dos marreantes de Portugal.

Que rustico sonho atonito illuminaria nas caladas noites lunares, aquella alma rudimentar de barbaro, sob o mysterio do infinito formilhante de ignorados mundos?

No que ha-de scismar, sob os astros, uma alma de adolescente — embora seja a d'um engeitado sem eira nem beira?...

Um dia, descobriu-se o segredo.

E não houve ninguem que se não risse do *Engerido*.

Aquelle paria de vinte annos, aquella pobre diabo tão desageitado e roto, de quem todos escarneciam — amava!

III

Quando na praia constou que o Antonio zôrro andava apaixonado, as vareiras robustas e trigueiras, fazendo-lhe roda, perguntavam-lhe com as boccas encarnadas como romãs, todas abertas em rizo:

— Eh! *Engerido*, então quem é a conversada? Já l'arranjaste o dóte, tunante?

Elle tinha um grande sorriso silencioso que lhe illuminava a fealdade de gigante ruivo, e sem responder, fugia, cada vez mais encolhido, como quem traz no peito, religio-

samente guardado, um maravilhoso thesouro, com mêdo que lh'o roubem.

E ninguem suspeitou nunca que aquelle valdevinos que todos tinham por doido, erguesse os olhos para a esterella mais alta — pois não era outra a luz dos seus olhos senão a filha do Manuel do Mar, o arraes mais rico da praia, — Clara Linda, a *Sereia*, como por toda a costa era nomeada pelos que faziam promessas de enormes corações de cera á Senhora Apparrecida. e pelas romarias ardentes de agosto, ao som das banzas floridas de giestas e cravos, a cantavam ao desafio.

Como lhe crescera no peito esse sonho, tão grande que enchia o mundo? Que mãos lhe haviam posto ao pescoço, quando nascera, o escapulario com um coração aureolado d'espinhos? Esse era o unico que comsigo trazia, scismava elle; que o *outro*, andava encantado no peito de *Clara Linda*.

A principio inconsciente, como uma onda que a attracção dos astros faz erguer-se das profundidades do mar imptuoso, assim fôra crescendo, desde que a vira, esse

amor secreto, sem o sentir — á maneira d'uma flôr escondida, que só pelo aroma se dá a conhecer um dia.

Mas foi na festa dos pescadores, por uma manhã de sol e alegria, com foguetes e arcos de murta no adro, que elle decifrou



OVARINA

emfim, o seu destino, na hora em que a viu a engrinaldar de açucenas e papoulas o altar da Senhora — que não era decerto mais formosa e loura, no céu estrellado do seu manto azul, do que ella, sua irmã na Terra — Aparecida do seu coração!

Ajoelhou sem saber se era a uma ou a outra que havia de erguer as mãos. Desde esse dia (tinha vinte annos, e era como se acabasse de nascer!) o Antonio zórro soube que no mundo não ha mais luz nem ventura senão a que vem d'olhos amados.

E já lá iam dois (ainda hontem, pelo encanto: havia seculos, pela amargura!) tudo á sua roda se fizera noite cerrada — porque Clara Linda do Mar não lhe tinha amor.

Que negra sina quizera que elle amasse entre todas, exactamente aquella mesma que não o amaria nunca?

Outras o amariam, talvez, se lhes abrisse os braços rudes de mareante. Outras responderiam porventura ao seu desejo — mas nenhuma outra ao seu sonho. No mundo só aquella existia para a sua alma. E nunca mais teve olhos senão para a adorar — e para a chorar.

Anonymo martyrio de querer áquella que nos não ama! . . . Quantas Sereias (como esta, sem outros feitiços) por quem choram em vão os olhos d'algum, que nunca viram com olhos de vêr — e que todas as noites, como este pescador malaventurado, vão sonhar em segredo, deante das suas janellas fechadas. . .

IV

Sol nado, vogava a lancha *Vai com Deus*, de latina solta, como uma grande gaivota, sobre a agua verde e prata, com seu Co-

ração de Jesus, á pópa, pintado a vermelho.

Todos os da companhia riam, só Antonio a scismar n'ella, queria ser o vento norte que ia bater á sua vidraça, ou a estrella d'alva que atravez d'ella estava espreitando o despertar da sua amada, branca e loura como uma sereia, entre as algas finas dos seus cabellos soltos.

Ao sol do meio dia, colhendo as redes e cantando por esse mar de cobalto e ouro,

os ais das suas cantigas levavam-nos ao areal onde ella andava, as ondas confidentes, a segregar nos rochedos — mas só ella, nunca os ouvia, de coração mais duro que elles, Senhora das Dóres!

Pelas noites de calmaria, á hora em que as almas errantes pairam na solidão e no silencio, d'olhar perdido na lua cheia, só a ella via e só o nome d'ella gemia nas cordas da sua banza. E dir-se-hia que as gaivotas e os peixes suspendiam por momentos as suas viagens, para escutar, em torno da lancha boiando, aquella

voz de dôr, maior talvez que a do mar.

Lindas estrellas do ceu,
Bem alto vae o luar;
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para nos dar. . .

Mais alta vae a ventura! . . . Mas a ancia de a alcançar, essa, ou longe ou perto da vista, vive a toda a hora no nosso peito.

Mal punha pé em terra, corria logo aonde ella estava. E Clara Linda, mal o avistava, mudo como uma sombra, ria-se d'elle:

— Valha-te S. Braz da porta aberta, alma penada!



A' PESCA DA LAGOSTA

A' tardinha, quando fiava á dobadoura, á porta da casa d'alpendre, como a voz d'elle tremia.

— Deus te salve, Sereia! . . .

Poeta sem fala, o meu vagabundo não sabia exprimir em palavras o que lhe enchia o coração. Para alli ficava, a torcer a carapuça de lã verde nas mãos enormes, sem se atrever a dizer mais nada, a olhar para a teia que ella fiava, com vontade de morrer.

Ella fingia que o não via. A's vezes, nem lhe respondia, e com um gesto de enfado, entrava em casa. Oh! a pobre carapuça de lã verde, quantas lagrimas que enxugava, elle poderá contar!

Nas romarias, rapazes e cachopas riam e bailavam, ao som dos ferrinhos e violas, a *Siranda*, a *Caninha verde* e o *Vira*, entre descantes.

Puz-me a jogar as cartas
Mail-o Senhor de Mattozinhos,
Elle ganhou a minha alma,
Eu ganhei-lhe os seus espinhos.
Aili! Aili! . . . Ailéé! . . .

Todos tinham conversada. E como se abraçavam nas voltas, que rudes pressões de mãos e claros rizos nas faces morenas em que os olhos negros ardiam, sob os lenços escarlates e amarellos, a esvoaçar.

Que saborosas cantigas, á desgarrada, cheirando a sal e a marezia, nas bocas rubras como cravos, quando batendo as palmas em cadencia, ou fazendo vibrar as castanholas no ar, a ronda dos namorados passava na alegre garandoia dos bailados ribeirinhos: — as vareiras airosas, com os seios aflantes, meneando as saias garridas nos quadris que teem do marmore a solidez macia e das vagas a liquida ondulação: — os pescadores trigueiros, de faixas encarnadas á cinta, as carapuças e boinas enfeitadas de flôres de papel e d'imagens da Senhora: — e todos os pés descalços e ligeiros pulando a um tempo na poeira das estradas ou nos adros relvosos das ermidas brancas, sobre o Mar . . .

Os meus olhos são dois pretos
Que me vieram de Angola;
Que já foram bem queridos
De quem os abarrece agora! . . .

A *Sereia* lá ia, nos braços, d'outro, mais formosa que todas. Os cabellos fluctuavam-lhe esparsos, á volta do rosto rosado, n'um resplendor d'ouro, como o da virgem. As estrellas luziam menos que os seus olhos. E como a sua voz subia até ao ceu e descia até ao fundo do coração! . . .

O' meu amor nada, nada!
O' meu amor nada não!
Eu nada tenho em meu peito,
De que não tenhas quinhão! . . .

Só o *Engerido*, entre os velhos, para alli ficava, com seus olhos mendigos d'engeitado.

Uma vez, atreveu-se a dizer-lhe:

— Queres-me para teu par, Clara Linda? . . .

Ouviu-a responder, d'escarneo, estas palavras que lhe entraram no peito como facadas:

— Sume-te, morte negra! . . . Que até aqui me ha-de perseguir, este enguiço.

Se o *Engerido* pudesse sumir-se no canto mais escuro, onde não chegasse a luz do sol! Mas mesmo no fundo da sombra, corrido de vergonha, certa Fada, com sua varinha de condão, fazia rebentar a luz — a magica luz d'aquelles olhos de milagre, que faziam o sol e o luar na sua vida.

Tudo tentou, para que ella o não deitasse ao desprezo. Foi uma noite á Bruxa que deita as cartas. Fez a promessa á Senhora Aparecida de lhe levar um cirio da sua altura, no dia em que o seu mau fado mudasse. Mas nem a Bruxa de tanta nomeada nem a Santa de tantos milagres, fizeram aquelle.

Emagreceu. Os olhos afundaram-se-lhe, no carão ruivo. Começou a isolar-se de toda a gente, a andar dias inteiros longe da praia, escondido entre as penedias que as ondas espumantes escalam ao longo da costa, como castellos em ruinas. Com o ar inquieto e medroso dos perseguidos, ficava-se horas e horas, com a cabeça entre os punhos, a olhar e a ouvir o mar.

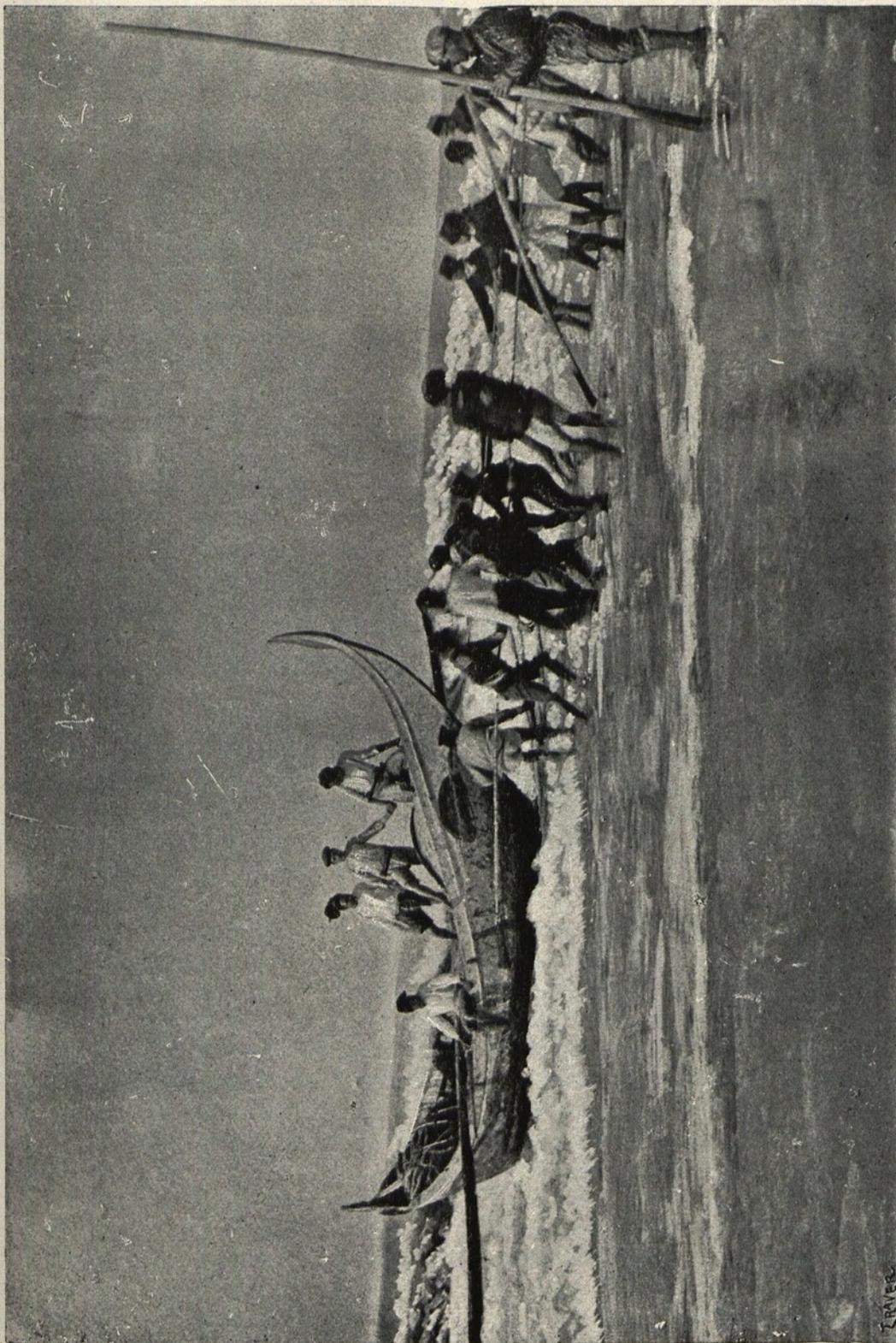
As vareiras, quando o avistavam, faziam-lhe roda, motejando:

— Tu que tens, alma penada?
— Andas falto de carinhos?
— E' o amor que não t'assiste?
— Quem foi a feiticeira que te botou o feitiço? . . .

E com o seu segredo no peito, o *Engerido* fugia, perseguido pelos risos das raparigas. A's vezes, á noite, no alto-mar, os ou-

— Que estás tu para ahí a resmungar, malinado?

Não respondia. Mas, mal adormeciam, de



ARRASTANDO A LANCHA PARA TERRA

tros pescadores, ao acordarem de repente, viam-no de joelhos, com as mãos postas, como quem reza.

novo, com um sorriso de tresloucado a iluminar-lhe a cabeça disforme, repetia o nome d'ella — Clara Linda! Clara Linda! ..

— tão baixinho como se tivesse receio que as proprias ondas o ouvissem.

— Deixa-te de paixões, creatura — dizia-lhe o patrão da lancha, o velho *Tio Norte*, que tinha tanta experiencia das sinas como dos ventos. Deixa-te de paixões, creatura nova, que mulheres de má valía no mundo, ha mais do que sardinhas no Profundo! Bota a tua rêde n'outra maré, e se uma t'engeita, vira de vela p'ra outro pôrto!

— Amar outra, amar outra! — pensava o triste,

Quem ha-de arrancar, sem que morra, o coração do peito em que vive?

Só quem cegasse — para nunca mais vêr as estrellas!

Só quem ensurdescesse — para nunca mais ouvir o mar!

V

A' tardinha...

Sobre o azul d'esmalte do mar banzeiro, para o largo, a pualha aeria do sol, como um fumo doirado, fluidisa n'uma aguarella maravilhosa de tintas imateriaes, o espaço intermino.

Tinge-se de laranja, de lilaz e purpura real o ceu, na barra extrema do horisonte oceanico, Cumulus de nuvens roseas encastellam-se em architecturas de miragem, ou entreabrem-se em grutas d'oiro, na apotheose do Poente. Refulgem as cristas das vagas transparentes, irradiando faulas d'arco-iris na alvura ephemera das espumas. E por toda a amplidão atlantica, relampagos de côres accendem-se, vacillam, transluzem magicamente. Dos remos que os barqueiros erguem e abaixam, em gestos eguaes, caem chammejando geadas d'esmeraldas. Gottas de luz escorrem das azas das gaivotas que mergulham e emergem, em vôos bruscos.

Cingida pelos molhes graniticos do porto, toda povoada de brigues brancos e vapores negros, a bacia placida, espelhando na claridade vitrea da agua profunda as feérias cambiantes do occaso, troca um lucido par-



A' ESPERA DOS BARCOS

que irreal, dourado pelo Outono. Reverberando, os rastos dos barcos traçam estreitas aleas que parecem tapetar-se de folhas caidas d'algum arvoredado astral.

E toda essa symphonia de tons expirantes, em gradações de mais em mais transcendentés, vem n'uma fugidia escala de ondasinhas claras, verde fluidas, das nuances instantaneas do phosphoro que se apaga, morrer melodiosamente no areal louro, a rezar, n'um purissimo murmurio de vozes liquidas, as avè-marias estheticas da Luz.

Em grupos de estatuas, molhando na onda os pés nus, immobilisam-se, como n'um quadro antigo, as vareiras de braços cruzados sob os peitos, á espera das lanchas que se avistam já, alvejando nos longes d'agua.

Com o queixo nos punhos, os cabellos apartados em bandós sobre as pequenas cabeças ovaes e morenas, como Sulamitas, outras estão sentadas nas praias, em hemicyclo.

Fitando no mar largo os olhos verdes, a *Sereia* canta, A sua voz sobe no rythmo d'uma canção de amor, que as outras repetem e prolongam

em côro, no silencio da tarde, sobre as ondas que parecem tambem acompanhar-o.

E na solemnidade da hora religiosa, sob a luz que unge a terra e o mar, dir-se-ia um spectaculo d'outr'ora, no mysterio dos seculos primordiaes, quando as virgens, ao cair das tardes, esperavam no regresso das galeras os noivos mareantes...

VI

Umaz apoz outras, como uma revoada de rolas que volta ao pombal, ao vir da noite, depois de pairar desde alvorada, entre a nuvem e a vaga, veiu recolhendo as lanchas.

Ao sabor da brisa, as altas vélas triangulares deslizam, á flôr das aguas, respandecendo na luz crepuscular. E lembram, assim, a distancia, grandes chammas verti-

caes correndo, perseguindo-se no espaço azul.

Em fila, entram por fim no porto, sin-grando á bolina, as dianteiras.

A agua lisa reflete-as como um vidro translucido, no seu vôo sereno.

Deante das curvas prôas velozes, como deante das charruas cortantes um prado florido de margaridas brancas, fende-se a agua verde em sulcos espumosos. E por traz d'ellas, em tremulos reflexos, as suas imagens alongadas ficam um momento navegando — como uma segunda esquadriha submarina, entre as illusorias miragens da bahia luminosa.

Perto da praia, subito, as vélas arreadas caem ao longo dos mastros.

Esculpturalmente, sobre o fundo de cobalto e ouro, dezenham-se as attitudes e os gestos dos pescadores erectos. Fincando os longos remos, n'um simultaneo esforço eurythimico, todos os da companhia, inclinando os bustos herculeos, dão o impulso derradeiro. E como cavallois ageis, boleando as garupas nervosas, as lanchas erguem as proas ligeiras sobre a onda rapida, e veem finalmente varar na areia, entre o babujar da espuma refervente.

Logo as espozas, e as filhas e as namoradas dos pescadores, acorrem ás margens, de saias enfaixadas nos quadris airosos.

Entrando na agua que lhes lambe as pernas nuas até ao joelho, redeiam os catraios recémchegados. E n'um alarve tumulto de risos, todas se curvam, em magotes movediços, para ver a fartura abençoada das sardinhas que palpitam e rebrilham em escamas de prata viva, nas malhas negras das rédes.

Em breve, por toda a orla do areal se erige, agitada pelas vagas, a floresta balouçante dos mastros, sobre a qual, n'uma branca nuvem movente, as gaivotas esvoaçam piando.

Todas são baptisadas, como christãs. Sobre os cascos pintados de côres garridas as rudes mãos afeitadas a manejar os remos, tra-

çaram em grandes letras que se curvam e se erguem umas contra as outras, como os mastros sobre as ondas, os nomes do Santo de mais devoção ou da moça de mais lindos olhos. Os mais artistas, illustraram-nas de ingenuas figuras, á prôa e á pôpa: peixes fantasticos, corações crivados de setas, paisagens nunca vistas, e as armas reaes de Portugal, entre as bandeiras azues e brancas.

Todos tem lindos nomes, como os d'aquella mystica «Ladainha das Lanchas» que Antonio Nobre, o poeta dos pescadores e das ondas, cantou em tão religiosos versos, n'um dos poemas mais portuguezes do Só; — A «Sinhora da Boa Viage», a «Menina Virge», a «Trezinha», a «Jesus-Maria-Juzé», a «Nossu Senhor de Matuzinhos», a «Real Grandeza», a «Sêmos pobres», a «Estrela du Norte», a «Felor do Mar» — e mais, d'um valor primitivo, d'uma orthographia rustica que enternece e faz sorrir...

Junto da derradeira — a *Vai com Deus!* — que é a da companhia do *Engerido* — uma vareira de seios aflantes, e boca entreaberta n'um sorriso em que os dentes alvos reluzem, ergue nos braços, com a divina graça d'um gesto de mãe, o filhinho nú como um menino Jesus trigueiro, que todo elle ri, luminoso, ao sol, com uma sardinha prateada a luzir na mãosita fechada.

A' prôa, o pae, um rapagão tostado e fulvo, com a camisa entreaberta sobre o peito de athleta, curva-se para o tomar nas mãos enormes.

Por cima d'elles, no esplendor da luz d'oiro, revoluteiam as gaivotas, n'uma geada crepitante d'azas...

E deante d'aquelle quadro, o *Engerido* á pôpa, fica-se, esquecido, a contemplal-os — com que inexprimivel olhar de amargura, como se dentro da sua alma de poeta inconsciente nascesse e morresse n'esse instante, um inconfessado sonho d'amor, muito humilde, muito triste...

— Eitu, vê s'acordas, boca de arraia! — grita-lhe o arraes. — E' assim que tu trabalhas, pasmado das maleitas!

(Continúa.)

JUSTINO DE MONTALVÃO.





REBANHO ATRAVESSANDO A RIBEIRA DA CANIÇA

Em terra de lobos No paiz dos rebanhos

(Notas de uma excursão á Serra da Estrella)

(Continuação)

DA NAVE DE CABAÇOS AO OBSERVATORIO —
A VISTA ESPLENDIDA DO COVÃO DE MAN-
TEIGAS — A CASA DE CEZAR HENRIQUES
A TISICA E AS ALTITUDES — ANTIGO E
NOVO OBSERVATORIO — PELO VALLE DAS
EGUAS PARA AS PENHAS DOURADAS — O
VALLE DO CONDE — ACAMPAMOS DE NOVO
— O LAPÃO DO RONCA — PASTORES E RE-
BANHOS — COMO UM CÃO VENCE UM LOBO
— QUEM É O «CHIM-CHIM» E COMO ELLE
ROUBA OS LOBINHOS DOS COVIS.

Do alto do Fragão do Corvo, então, o golpe de vista é esplendido; no fundo do enorme covão que se afunila em socalcos, sobresaíndo da verdura que as mattas do Es-

tado alastram por toda a lomba occidental, Manteigas, destaca a 700 metros de profundidade, n'um apinhado de habitações de pouco vulto, de côr indecisa, onde se presentem ruas acanhadas, como se o casario se unisse n'um aconchego tépido contra as neves, ou n'uma união forte contra os lobos.

Corre-lhe ao lado o Zezere que pelo valle aspero deriva desde o Covão dos Cantaros, imponente, no contraste; verdejam aqui e acolá milhos e batataes empapados na humidade das margens, como retalhos de panno verde estendidos no enxugadoiro; e, firmando bem a vista distingue-se a divisão dos campos pelos muros de pedra solta que vistos do alto parecem simples li-

nhas sujas a que o boleado das oliveiras dá mais relevo.

A' direita pinheiraes immensos; ao fundo souts extensos e seculares cobrem a encosta do monte fronteiro e, para lá das cristas da montanha, acompanhando o valle, as cordilheiras entrecruzam-se, chocam-se, dividem-se, retalham-se, eriçadas de picos, debruadas de cerros pontuadas de morros.

O valle torce-se para léste, escondendo na curva as aldeolas do Sameiro, Valle de Moreira, Balhelhas, Aldeia de Matto, Belmonte.

São oito horas, vae o sol amornando e, como se eleva por sobre nós, dá de chapa no casarêdo que começa a fumeigar, arrancando chispas dos vidros oscillantes.

Arrancamos os olhos deslumbrados da paisagem, a manhã vae alta e o tempo foge.

De passagem na estação telegraphica apertamos a mão a Ramos de Paiva, que nos recebe com uma galharda gentileza; falla-nos entusiasmado da Serra, do ar, de toda aquella vida de saude que ali tem gosado des'que a falta d'ella o forçou a vir até lá. E ninguem hoje suspeitará, ao admirar-lhe a côr sanguinea e o seu typo robusto d'homem do norte, um antigo affectado.

Ramos de Paiva tem um cão de S. Bernardo que é uma lindeza; e ali, no paiz das neves, já esse bicho intelligente, por quatro vezes, tem valido a caminheiros extraviados e perdidos pela bruma.

De novo, feitas as despedidas, e curiosos pelo que nos conta aquelle miraculado, montamos nos gericos e tomamos para o Valle das Eguas. Trepamos até ao alto; já o carro de bois nos leva a dianteira e na cola d'elle vamos caminhando n'uma planicie de feldspatho, areienta, onde o carreiro se destrinça bem, coçado pelo transito.

Caminho das Penhas Douradas, faz dó avistar á direita as ruinas do Hospital Principe da Beira erguendo ao ar improficuamente os humbraes apilarados, desmantelada a cantaria aparelhada, que o tempo já esverdeou!

Era ali, provisoriamente, que se devia installar em quatro pavilhões o hospital para tuberculosos a que prestava um relevante serviço de direcção o talento do Dr. Bazilio Freire.

Entraves politicos empennaram a obra. Sempre a *bem dita* politica!

A Allemanha conta, para a cura dos seus tuberculosos, para cima de setenta sanatorios; na Inglaterra procura-se afastar o mal de Koch pela sã alimentação com o *beef*, e pela vida fisica com o *lawn-tennis*, Portugal caracteriza-se na lucta contra a tuberculose pelo escarrador, na phrase pittoresca d'um hygienista.

E' bem de ver que o escarrador faz parte do systema de ataque da terrivel doença, conjugado com outros meios efficazes: mas reduzir a profilaxia da molestia ao escarrador, francamente... é de riso!

Mas, quando nós seguimos para as Penhas Douradas, da troupe berraram-nos que tinham ali saltado umas perdizes; não esperei por mais nada, larguei o burro e deitei-me atraz das perdizes com o Dr. Pereira.

A perdiz da Serra é musculosa como nenhuma outra; resente-se da aspereza do terreno: relações entre a geologia e as perdizes! No entanto eu, tinha a certeza que do bando, fosse elle de trinta, não escaparia uma!... Pois não dei um tiro e quem amarrou duas á cinta com um *double* bonito foi o Dr. Pereira.

Mettemos para as Penhas Douradas a que já me referi: são uns penedões denegridos dos temporaes, em que sobresaem, pela altura, a Penha Angela e a Penha Rasa.

Procuramos no alto a linha do cume e seguimos para o curral do Martins, porque n'essa noite deviamos ir pernoitar ao Valle do Conde e convinha-nos, para alojar a *comitiva*, encontrar desempedido o Lapão do Ronca.

A meio caminho topámos com uma caravana que de lá vinha e que nos informou que o arraial estava livre; saudámos os viajeros e andámos.

O relevo do terreno não mudou sensivelmente; a paisagem vae-se amaciando á medida que nos chegamos ao Valle do Conde. Não é o solo escalavrado, mendigo de hervas e ramagens; por toda a crosta se estende o *servum*, um hervedo fino e basto que o gado aproveita no verão, e que ao andar dá a impressão de se pisar um tapete espessamente feltrado. Aparece o zimbro que na sua folhagem glauca, picada de bagas que o sol vae enegrecendo, re-

veste por vezes penedos enormes lembrando, na simetria e no arredondado, o buxo tosquiado dos jardins fidalgos.

Botanicamente fallando, o zimbro chama-se *juniperus nana*; das suas bagas se estraha a genebra. O apparecimento do zimbro denuncia uma zona de vegetação — começa a 1:400 metros e vae até 1:900 de altitude. Entre estes dois extremos poucas mais plantas se encontram.

Como é resinoso, o zimbro arde com extrema facilidade; largar-lhe um fósforo é quanto basta para ver ateada uma labareda enorme.

O Curral dos Martins que atravessámos, uma extensa planicie arrelvada, não apresenta interesse especial.

Descemos a encosta para sudueste e estamos no Valle do Conde: o carro de bois com os viveres seguenos de perto e, como já viessemos moidos da passeata, soube-nos bem ficar ali.

O Valle do Conde, topographicamente, é um lugar simpático, se a simpatia tambem se pode estender ás terras. Tem perto d'uma legua de extensão e como todo elle é atapetado de servum é sitio frequentado de rebanhos,

Como ponto de aquartelamento é optimo, não só porque a natureza, ali é prodiga em penedos-abrigos, mas porque está a boa distancia, dos Cantaros, das Lagôas, da Torre, de tudo emfim que ha que ver na Serra.

Tão simpatico é o lugar que Sousa Martins simpatizou com elle e ahi é que era seu intento construir o Sanatorio.

O Valle do Conde está em condições climatericas excepcionaes; segundo observações do Dr. Lopo de Carvalho tem menos 47 0/0 de ventos e menos 50 0/0 de nevoeiros que a encosta do observatorio.

No entanto é n'esta ultima que se constroem habitações para curas d'ar, hoteis e casas particulares — edificios pobretões sem gosto nem arte!

Um dos melhores abrigos naturais do Valle é o Lapão do Ronca — um penedo com uma reintrancia funda a modo de lura, de pouca altura, abrigado, onde se passa bem uma noute.

O sitio é abundante em agua esplendida, como todas as nascentes da Serra; atravessa-o longitudinalmente um ribeiro que vae rabiando por entre o servum, furtando-se aqui para surdir mais á frente, corroendo o solo debruado de musgo que a humidade conserva n'um tom novo de velludo escuro.

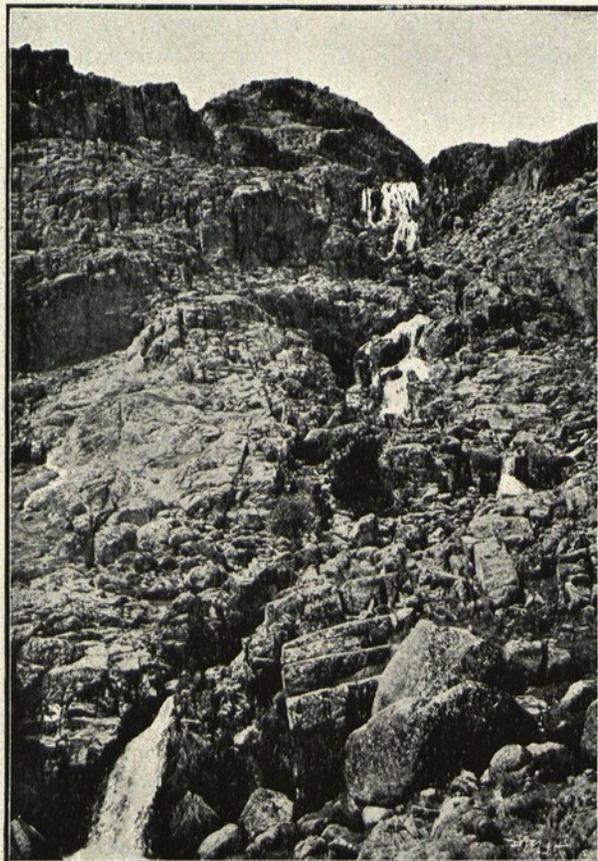
Os nossos homens occupavam portanto o Lapão do Ronca onde antes d'elles já tinham *roncado*, por 1881,

Sousa Martins, Emygdio Navarro, Carlos Tavares, e até nossos dias, muitas mais pessoas illustres, pela certa.

Para nos alojarmos, armámos de novo a barraca de campanha.

A creadagem accendeu um lume grande e, como tivessemos mandado por leite, appareceu-nos um pastor que andava perto no meio d'um rebanho todo tilitante de guisos e chocalhos.

Não é este o tempo em que o leite mais



CASCATA DO RIBEIRO DA CANDIEIRA
Vertente léste da Serra

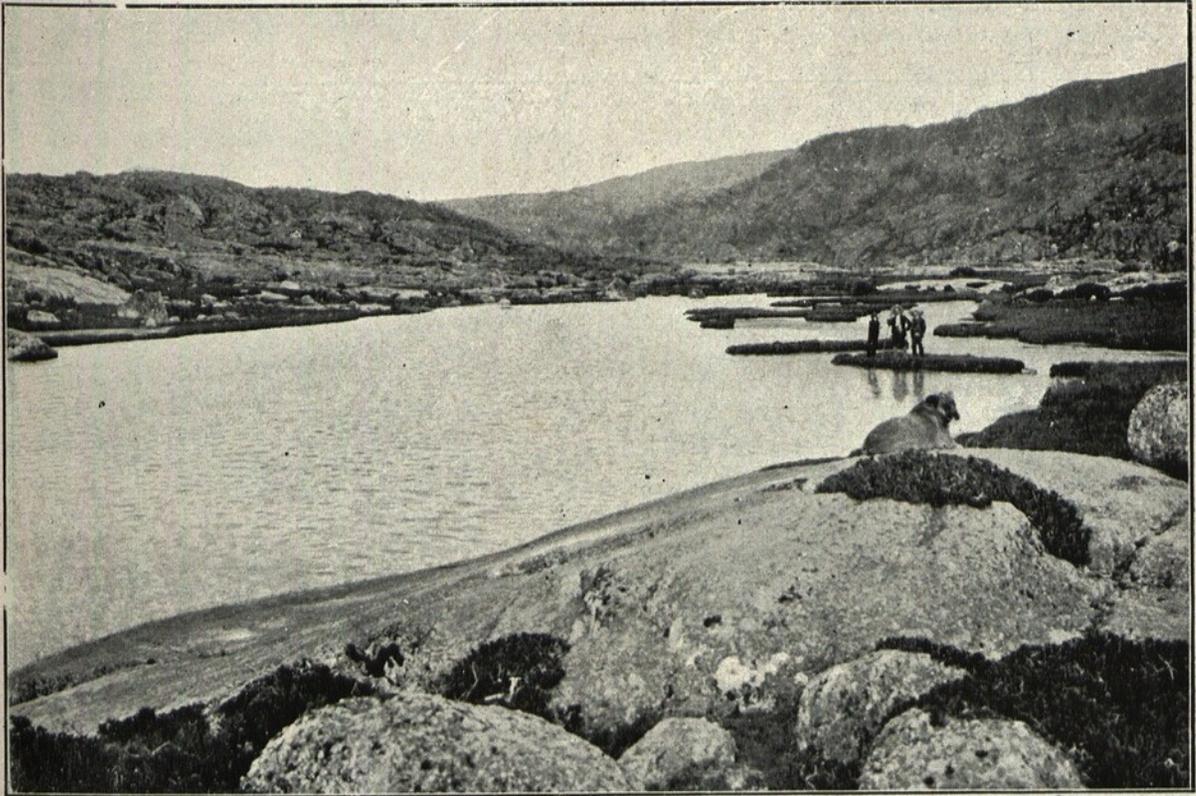
Esta cascata e objecto de um pedido de concessão por uma empresa de Gouvêa, para ser utilizada como estação geradora de electricidade para fins industriaes.

abunda pela serra. A vida dos rebanhos tem que dividir-se, na procura de pastagens, que a neve occulta, quando começam as primeiras geadas. Em cada rebanho ha dois grupos de rezes: o alfeire formado pelas cabras e ovelhas vazias e o alavão constituído pelas paridas e pelos borregos ou chibatos.

Os gados da terra chã deixam a serra pela ultima quinzena de agosto, e o retorno

sons completa, desde os chocalhões-baixos dos chibos até ás campainhas-contraltos das ovelhas e borregos, lembrando uma musicata de romaria. São por vezes oitocentas cabeças que na caminhada vão afugentando lebres e ovelhas, rapozas e lobos, despertando os povoados n'aquella parada de vida agricola, a que não faltam os caçadores para guarnecer os cintos n'uma batida esplendida.

Por vezes o apartar das cabeças é re-



TRECHO DA LAGÔA COMPRIDA

Esta lagôa, que fôrma uma importante queda d'agua, sobre a vertente oeste da Serra, é tambem objecto de outro pedido de concessão pelo illustre deputado e engenheiro militar, Sr. Antonio Rodrigues Nogueira, que proximo de Ceia installára uma estação geradora de electricidade para fins industriaes.

das ovelhas é uma festa pastoril que poucos conhecem.

N'um dia fixado o rebanho deixa a montanha e vem caminho das faldas: abrem o cortejo os bodes que os proprietarios abastados enfeitam de fitas variegadas nas cornaduras e de colleiras vistosas com chocalhos monstros, que resoam gravemente como orgãos; seguem-se as ovelhas com a comitiva de borregos, no fim as cabras, fechando o cortejo os pastores com os cães.

E toda aquella onda movediça vem avançando lentamente com uma orchestração de

nhido entre os varios donos, fertil em pancadaria e, feita a divisão, cada fracção recoihe aos curraes da terra chã.

Ahi se amerzendam os gados retoicando pelos campos dos povoados até ao inverno. Pela serra ficam apenas os rebanhos de perto, aguardando as primeiras neves.

Pelo S. Martinho parte o alavão para a Idanha, sitio das pastagens hibernaes; nos fins de novembro vae o alfeire; e toda aquella população de pastores se desloca para o exilio. As pastagens na Idanha alugam-se por bom dinheiro. Tão depressa des-

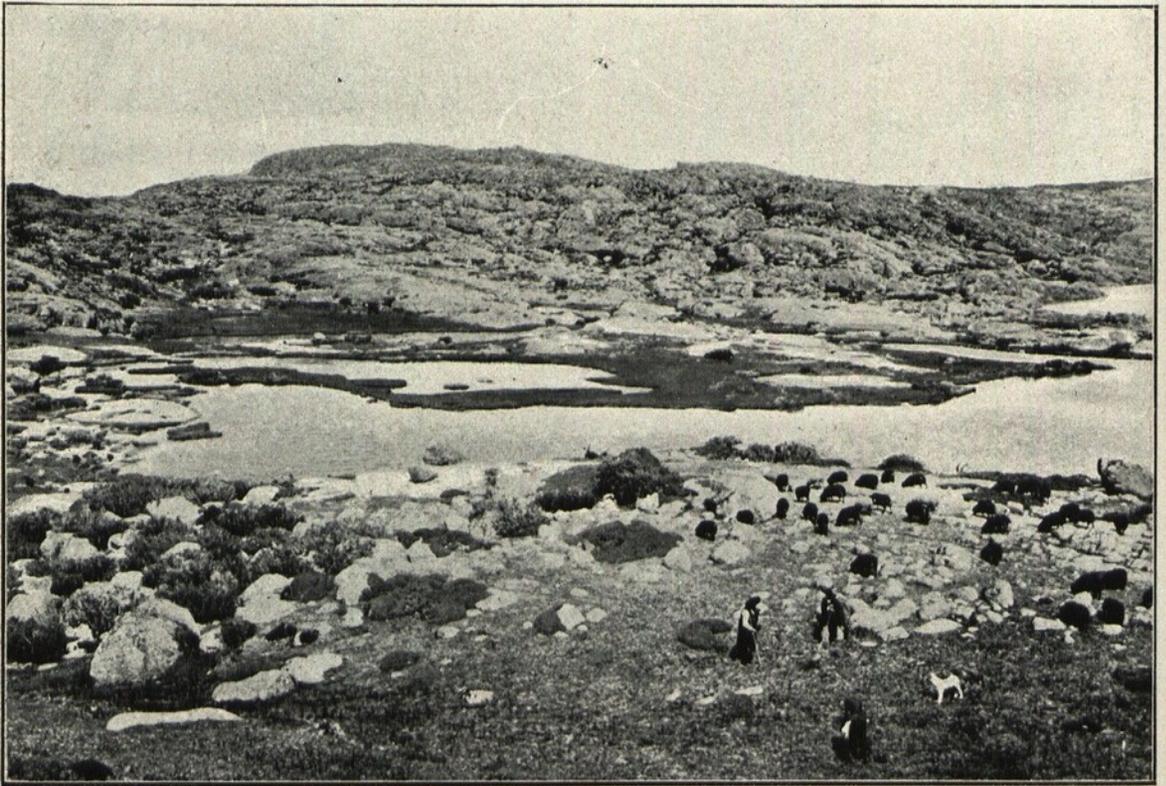
gela a serra, começa tambem o regresso dos gados: o alavão vem por fins de março, o alfeire pouco depois.

Voltados da Idanha afadigam-se os pastores no fabrico dos queijos. Os queijos da Serra são principalmente de ovelha e cabra e, comquanto Portugal não se possa considerar um paiz leiteiro, o leite e o queijo attingem cifras importantes. Por inqueritos recentes (1), computa-se a producção de leite do continente em 100.964:360 litros, rendendo perto de 4:500 contos de réis; o

nos no Valle do Conde um pastor com um caldeiro de leite.

O pastor da serra é um typo curiosissimo: producto d'aquelle meio extraordinario e gigantesco, parece que lhe gira nas veias o sangue dos guerreiros de Viriato. Ali nasceu, de pequeno o acostumaram á serra e á pastoreação, ali vive no meio d'uma natureza que elle não aprecia, mas que lhe dá qualidades excepçoes, nomada em contacto com a penedia, as neves e os lobos.

São todos rapagões desempenados: vestem



OUTRO TRECHO DA LAGÔA COMPRIDA

queijo produzido orça por 4.600:000 kilos que rendem quasi 2:000 contos de réis!

O verdadeiro queijo da Serra é finissimo; tão fino que já Link na sua *Voyage em Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799* refere, que a familia real portugueza todos os annos mandava aos reis de Hespanha um presente de queijos!...

Mas, como eu ia dizendo, appareceu-

fatos de burel, sapatorras de bezerro brochadas, safões de pelle de ovelha, chapeirão de feltro e com um caldeiro, uma manta e um cajado correm a serra dentro dos seus termos.

Assim como é rude, é franco e leal. Os rebanhos que guarda não lhe pertencem, são em geral de mais de um dono que por cabeça de gado dão um tanto ao pastor por mez. De longe lhe levam a brôa, as batatas e as cebolas que esconde nas buracas das fragas e que hão de durar semanas.

Uma vez na serra o pastor não volta ao povoado; todo o dia vae seguindo por monte

(1) Pode ver-se o magnifico artigo de Joaquim Rasteiro, no livro *Notas sobre Portugal*, enviado á ultima exposiçào do Rio de Janeiro.

e valle, vigiando o rebanho onde conhece as ovelhas uma por uma e as cabras a quem chama pelos seus nomes «Mocha», «Cornuda», «Lindeza», mettendo dois dedos á bocca, n'um assobio selvagem — e ellas que o conhecem tambem, veem á mão comer-lhe a brôa. Pernoita onde lhe acabou o dia, reunido o gado junto d'uns penedos e ahi se alapa embrulhado na manta.

O maior, o unico amigo do pastor na serra, é o cão — confia n'elle como n'um irmão: onde um come, come o outro, tira da bocca uma codea para lhe dar, se preciso fôr.

O verdadeiro cão da serra é corpulento, valente e d'um instincto pouco vulgar.

Quando na entrada d'um redil é preciso contar as cabeças, dois cães d'um lado e d'outro do portal facilitam a operação, não deixando entrar mais que uma de cada vez. E isto é natural, faz-se a um simples assobio do pastor!

Para o dono é meigo, para os estranhos desconfiado, para os inimigos uma fêra. São em geral lanzudos, trazem cortadas as

orelhas e o rabo e uma gargalheira de pregos enormes no pescoço.

Tirado d'aquelle meio onde vive e para o qual foi creado, o animal entristece, mal come, e uiva de nostalgia.

O rafeiro de dia dormita, entorpecido por uma somnolencia que o enerva. De noite não descança, é um vigia destemido, com uma vista de lynce e um olfato apuradissimo. Mal escurece o cão parece que se reanima, não pára, ronda o gado d'um lado para o outro, ouvido á escuta, espiando o negrume de ventas no ar. Ao minimo ruido dá signal e o pastor conhece-lhe o ladrar.

O maior inimigo dos rebanhos é o lobo — e não vá julgar-se que os lobos na serra são uma *blague*. O lobo é um carnívoro possante e afoito. Sem ter a arrogancia do

leão ou a deslealdade do tigre é atrevido no ataque, mas covarde na lucta. Perseguido, foge. Descahido do quarto trazeiro, tem uma força descommunal nas maxillas: tendo filado uma ovelha pelo cerno transporta-a a distancias enormes; dois que ataquem uma rez espedaçam-a pelo meio.

O lobo, na serra, cria nos covões, na parte mais medonha da penedia, nos fragões dos Cantaros e na chapada sobranceira ás lagôas. Na época do cio, andam desenvoltos e é frequente vel-os espolinharem-se pela neve em cabriolas doidas, deixando um rasto em que as pégadas se destacam bem.

Tem uma pellagem grisalha com cambiantes de escuro. O lobo castiça-se pelo inverno, a femea que

é muito ciosa dos filhos pare, de 6 a 9 cachorros, pelos começos de maio. «E' pela Santa Cruz (3 de maio) que a loba dá á luz» diz um rifão da serra.

São gulosos de carne de burro. Emquanto ha rebanhos na serra por lá se entretêm; quando a neve aperta e a fome é negra, descem aos povoados em alcaiteias.

O lobo ataca mais de noite que de dia. Os olhos no escuro luzem como carbunculos; são medrosos do fogo. O cão presente-o, pelo olfato, a grandes distancias, e á medida que elle se avizinha entra de uivar.

As ovelhas e as cabras em lhes dando a *flamma* do lobo, como dizem os da serra, começam de inquietar-se — as ovelhas sapatiam com as patitas, as cabras espiram — e é tal a devoção pelos filhos que, as pobres, julgando que os defendem, mettem-nos no meio e formam circulo, testeiras para fóra.

O rebanho é todo uma roda de cornaduras inutilmente aggressivas. O pastor espera, assobia aos cães, afoitando-os.

E então, mais vizinho o inimigo, o cão avança e d'um pulo cahe-lhe em cima. O lobo recua, procura filar o rafeiro pelo



CHAFARIZ DE EL-REI (GELADO)

Pequena lagôa, situada a 1:900 metros. A sua agua não é nativa; resulta apenas do derretimento das neves e das chuvas.

rabo, por uma orelha, pelo pescoço, Mas fere-se no pregãme da colleira, escorre-lhe o sangue do focinho e das beiças. Abraçam-se n'uma ancia de morte e o cão crava-lhe os dentes na guella, procura-lhe as veias, ferra-lhe as prezas, rasga, espedaça, até que o prostra n'uma sangueira escura abandonando-o, inerte, com um olhar de desprezo.

Ora eu conheci na serra um velhote, miudo e secco, de nome José Patrão, por alcunha o *Chim-chim*. Creado ali, entretinha-se na ousada empreza de roubar os lobinhos dos covis. Por começos de maio

punha-se em campo, seguia as pegadas do lobo e rebuscava as penedias á procura das covas. Os cachorros nascem de olhos fechados e quando teem fome esganiçam-se n'uma lamuria piegas. E o *Chim-chim*, de ouvido á escuta, lá ia á buraca e levava os lobitos, que depois creava e vendia.

A loba é doida com os filhos; se percebe que lhe bolem, muda-os de cova, levando-os nos dentes, como as cadellas; logo que elles entram em idade de poder comer, os paes ripam-lhe em febras miudas a carne que trazem e assim lh'a servem.

(Continúa.)

A. DE SOUSA MADEIRA PINTO.



Na campã d'uma engeitada

(EM DIA DE FINADOS)

Vós que vindes em grande romaria
Desfolhar neste campo gôivos mil,
Visitae, visitae a lousa fria
Onde habita o meu corpo juvenil!

Fui engeitada! Sem norte, sem guia,
Andei p'lo mundo que é rude e mui vil.
Chorei magoas, chorei penas e, um dia,
Disse adeus ao cortejo astral d'abril!

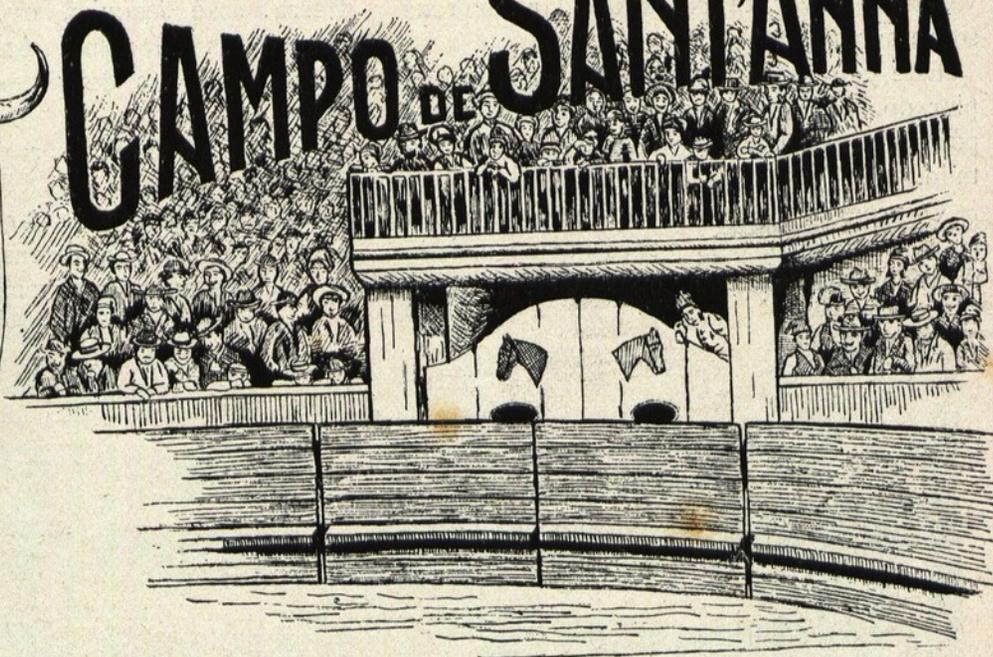
Hoje, nestes sumptuosos mausoleus,
Piedosas orações sobem aos ceus!...
E eu, infeliz de mim, triste engeitada,

Só tenho na pauperrima guarida
As lagrimas d'orvalho que dão vida
A's florinhas em plena madrugada!

Mario Florival.



CAMPO DE SANT'ANNA



Recordações de então

II



TANTO o cartaz como o programma antigo, constituem actualmente uma curiosidade de subido valor para os colleccionadores de raridades tauomachicas. E' d'esses cartazes e programmas que vamos agora tratar.

O cartaz usado na primitiva d'esta praça, era o que se pôde dizer de mais simples. A illustração tinha sómente, quando tinha, uma tósca e mal gravada cabeça de boi, pois chamando-lhe de touro com certeza offenderemos até o mais modesto dos desenhadores animalistas, que se tenham dedicado a transportar á tela ou á pedra, a figura do formoso animal.

Pouco mais exarava o cartaz d'esse tempo que o nome do lavrador que fornecia os

touros, os dos artistas que trabalhavam, os locaes da venda de bilhetes e as horas em que abria a praça e começava a corrida. Isto é, o bastante para annunciar, com seriedade, o espectáculo.

O cartaz de quatro e cinco folhas, ornado de illustrações varias e composto nos typos mais miudos que se pôdem imaginar para trabalhos d'esta ordem, só mais tarde foi introduzido pelo cavalleiro Antonio Maria Monteiro, o artista que melhor soube explorar a novidade na festa annual.

Os cartazes do beneficio d'aquelle artista, chamavam sempre a attenção pelo extraordinario numero de attractivos que apresentavam, e pelo tempo que levavam a lêr! Qualquer aficionado que não pudesse dispôr, pelo menos, de meia hora para tomar conta de todos os pormenores com que o beneficiado pretendia deliciar o publico, melhor era desistir do seu intento, e reser-

var-se a ir vêr na praça desfilár surpresa sobre surpresa!

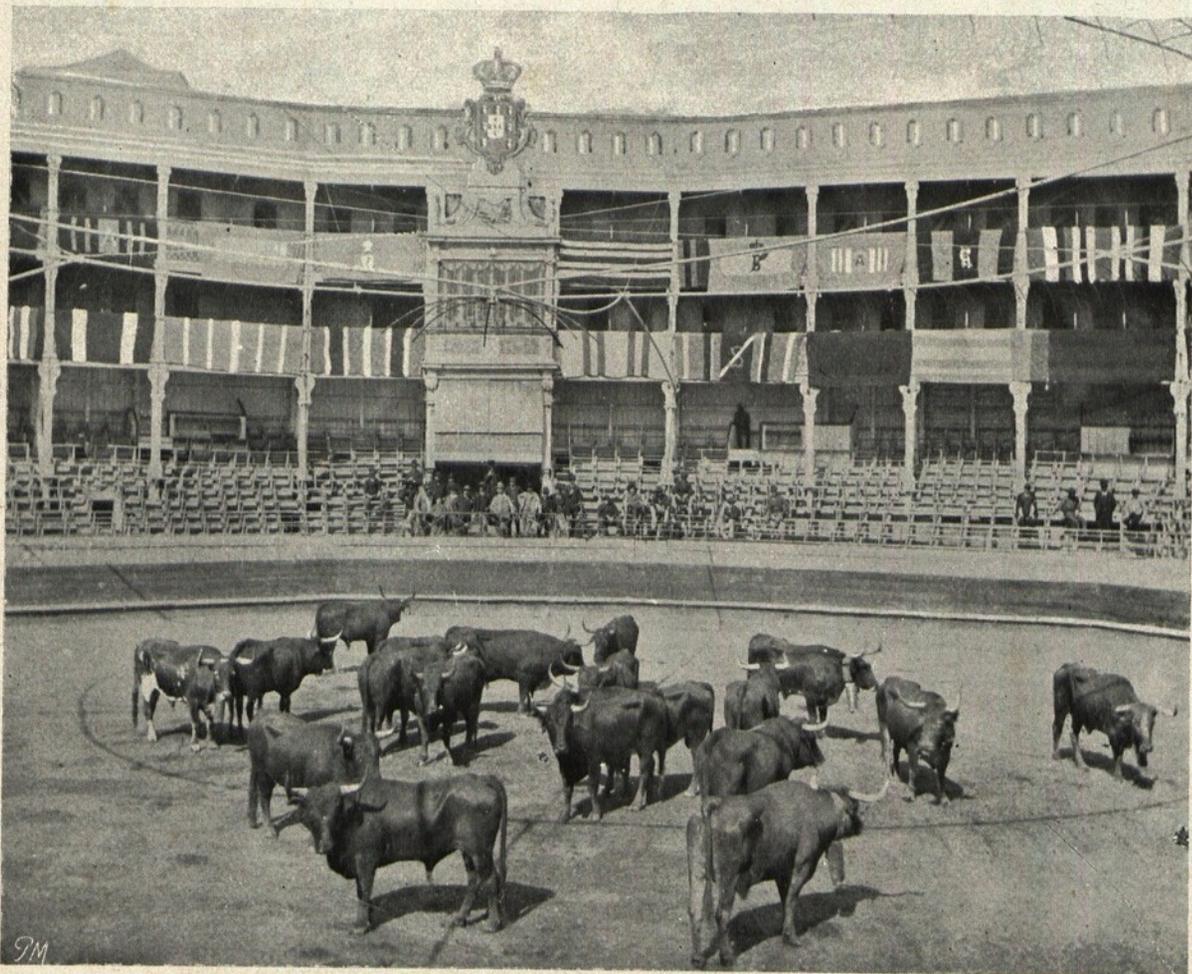
Este genero de cartaz por poucos foi explorado, além de Antonio Monteiro; mas pôde dizer-se, que algumas vezes foi imitado.

O programma, porém, chamou em geral mais a attenção, pelo menos até ao meiado do seculo passado, pela excentricidade como

Herra, José Joaquim, o Russo, e por dois hespanhoes de nomes André e Fernando. Dois intervallos de pretos completavam a festa.

Eis como o referido programma começava:

«A's tres horas da tarde será recolhido o gado, e sem mais detensa limpa e regada a praça, segundo o sistema do antigo capi-



VISTA INTERIOR DA PRAÇA

(Quando foi tirada esta photographia, achava-se a praça ornamentada)

era redigido. O verso era parte obrigada a recheiar a prosa, despertando sempre a hilaridade do leitor.

Vamos dar um modelo, recortado do *Novo Gratis*, referente á corrida de 9 de agosto de 1846, sendo então empresario da praça Mr. Emilio Doux.

Lidavam-se n'essa tarde quatorze touros de Rafael José da Cunha, sendo cavalleiro João José dos Santos Sedvem. O grupo de bandarilheiros era composto por João Alberto, o *Barbeiro*, José Cadete, João Pedro da

tão das bombas; e ás cinco horas e um quarto, logo que se apresente no seu camarote o dignissimo Magistrado Inspector do divertimento, entrará na praça, acompanhado dos seus competentes andarilhos, o nunca assaz elogiado e façanhudo Neto, que por sobrenome não perca, montado em adextrado ginete de manejo, que se não manobrar conforme a arte, culpa não é do inteligente bixo, mas sim da estupidez do cavalleiro; porém esta mesma desinteligencia é de preceito, porque assim como um certo poeta

dramatico, quando queria marcar uma scena de barulho, punha a seguinte rubrica — *A desordem dos actores, é a ordem da scena* — logo

*P'ra que um Neto de Touros seu logar,
Desempenhe com arte, e com maneiras,
Em vez de ter bom porte, e bem montar.
Deve em tudo fazer sómente asneiras.
O que por modo inverso praticar,
Mostrando ter saber, só das trincheiras
Applaudido será por fanfarrão,
Por bebado, pateta e borrachão.*

*E pois que o nosso matuto,
Não quer a fama perder,
Protesta de convencer,
Cada vez está mais bruto;
Mostrando que tem bom fructo
Tirado destas licções,
Quer d'eternos trambulhões,
De boléos bem desmarcados,
Deixar na praça gravados,
Do seu nome altos padrões.*

*Mas se acaso der à casca,
Couza muito natural,
Que a terra lhe seja leve
Repita um côro geral.*

Logo que finde as estropelias do estillo, mudará de conductor, e voltará á praça em mesquinho rocim, o qual tem figurado muito por Lisboa, carregando melões e melancias; e que segundo os melhores prognosticos, findo este lucido intervallo, irá terminar seus dias n'alguma récuca de ribeirinho; se antes d'isso o *Hercules Preto*, não tomar posse d'elle por alguma extraordinaria fatalidade.»

Foi este espectaculo dividido em nove quadros — pelo que se vê que o espectaculo de touros, antigamente, tambem se dividia em quadros —, que tinham os titulos seguintes:

1.^o *Arte e Preceito* (o primeiro touro, para ser farpeado).

2.^o *Arte, e destreza disputando entre-si* (o segundo, terceiro e quarto touros, para serem bandarilhados).

3.^o *O sâber zomba da ferocidade* (o quinto touro, para ser farpeado).

4.^o *O novo Diogenes engraixado* (o sexto touro, destinado ao primeiro intervallo), que é descripto d'esta fórma:

«... para o engraçado intervallo da *Pipa*, dentro da qual um furibundo habitante bipéde da Zona Torrida, vai desafiar

um furioso quadrupede da Zona Temperada, para resolver o problema, que ainda não está defenido, de qual dos dois é mais bruto; sendo coadjuvado nesta façanhuda empresa, por outros seus quejandos companheiros, esperando sahir airosamente da contenda

*Pois quando um preto s'empenha
Tudo faz muito perfeito,
Apesar de que não tenha,
Para tudo muito geito.*

*Tem braços, pernas e mãos,
Tem brios, e presumpções,
E levam sem descorarem,
Centenares de trambulhões.*

*N'um branco qualquer pancada,
Logo faz a côr mudar;
Um preto por mais que leve,
Sempre preto hade ficar.*

*A' vista desta vantagem,
Que lhe deu a natureza,
Por mais aleijões que apanhem,
Nunca demonstrão fraqueza.»*

5.^o *Qual será o mais perfeito* (o setimo e oitavo touros, para serem bandarilhados).

6.^o *Pericia e delicadeza* (o nono touro, para ser farpeado).

7.^o *Fabrica de Trambulhões* (o decimo touro, destinado ao segundo intervallo), que vem assim descripto:

«... para o sempre applaudido e jocundo intervallo dos pretos em cavallinhos de pasta; sendo servidos pelos que primeiro farpearem de cavallo, se ficarem em estado disso.

*Este intervallo é petisco,
Que nunca pode enjoar;
Nos boléos mais exquisitos
N'outro qualquer apanhar.*

*Pois juigando que a canastra,
E' qual da China a muralha,
Investem com furia o Touro,
Que ás vezes tudo escangalha.*

*Os pretos nos cavallinhos,
Tem audacia mui guapa
E por mais tombos que apanhem
Sempre estão prompts no mappa.*

*E então o misero preto,
Que se mostrava pimpão,
D'envolta com o cavallo
Fica estendido no chão.*

*Mas um copo de marufo,
Que é remedio universal,
Dentro em pouco torna o preto,
Ao seu estado normal.»*

8.º Quem levará a palma? . . . lá se verá
(o decimo primeiro, o decimo segundo e o

decimo terceiro touros, para serem bandari-
lhados).

FORAT AD **PRACA DO** AS QUATRO DA TARDE
CAMPO DE  SANT'ANNA
DOMINGO 23 DE SETEMBRO DE 1866

Quem faz gosto nos touros recrear-se,
Hoje corrida tem, que por ser boa

Da mesma deve a fama dilatar-se
Do Campo de Sant'Anna além de Goa.

Os touros que vereis tem tal braveza,
Que até d'ella estremece a natureza!!!

Sublime função, em tudo, e em tudo é por tudo brilhantissimo espectáculo, d'uma especialissima
corrida dos mais furiosos, bravissimos e puros

TREZE TOUROS

Mandados apartar dos melhores que tem nas suas manadas a Exm.ª Sr.ª

D. MARIA INNOCENCIA DA SILVA CALDAS

opulenta lavradora de Santarem, sendo esta a segunda corrida, que dos seus touros se correm este
anno, faz acreditar que apresentará um admirável curro de touros, eguaes se não melhores que os que
foram corridos nesta praça no dia 2 de Setembro, vindo entre elles

UM BOI



MOCHO

E O TOURO SALGADO

que foi o anno passado corrido no dia 10 de Agosto e farpeado pelo Exm.º Sr.

MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR

Toma parte na corrida o valente, destimido e sempre até hoje applaudido RAPHAEL GONÇAL-
VES farpeando um touro a cavallo e depois será pegado de cara pelo mesmo, sendo coadjuvado pelos
homens de forcado. — Tambem tomarão parte na mesma os afamados **PRETOS**

Em vista do que fica exposto, e que o mesmo se persuade agradação summamente aos intelligen-
tes espectadores, por que affoutamente pôde dizer-se

São bichos de braveza tal dotados,

Que ao vel-os deixam todos marasmados!

Pois que os mesmos marravam, ha quem diga,

Nas proprias Mães, d'entro da barriga!

Havendo vacca, que destes desatinos,

Estrompada ficou dos intestinos!

Resultando dessa cria derradeira!

Passar d'então para cá a ser alfeira!

Que divertimento pôde haver que mais desperte o appetite, interesse, arrebat e anime a curiosi-
dade, do que uma magnifica, bem disposta e perfeitamente executada corrida de touros? — Que es-
pectaculo ha, em que o espectador, embora prevenido, do que tem para ver, encontre sempre novida-
des, que a imaginação mais preventiva não pôde anticipadamente cogitar, como é uma tourada? —
Por isso . . .

9.º *Primôr e brio* (o decimo quarto touro, para ser farpeado).

Curiosidades como esta arrecadam com todo o cuidado os amadores, pois constituem documentos raros.

Dezoito annos depois, a 25 de setembro de 1864, o cavalleiro Manoel José de Mesquita, depois de estar ausente das lides por dois annos, em virtude de desastre, era assim que appellava para que os frequentadores do espetaculo não faltassem ao seu beneficio:

*Lisbonenses sublimes, generosos,
Por bondade preste vossa attenção,
Dando, pois vos supplica respeitoso,
Ao cavalleiro Mesquita protecção;
A qual o mesmo conta ha de obter,
Visto o seu beneficio hoje fazer!*

O uso, porém, de ligar o verso á prosa foi subsistindo por algum tempo. No programma da corrida de 5 de maio de 1872, na qual tomava parte o grande Antonio Carmona, ainda viamos os seguintes:

*Caminhar do optimo ao sublime
Progresso verdadeiro bem exprime.*

*De gosto noticia vae dar-se a Lisboa,
Que seus habitantes hade alvoroçar
Sabendo na praça do Campo tourada,
Assás estrondosa tem p'ra admirar!*

*Funcção deste lote qual esta promette,
Ser hade, por certo de grande prazer,
Ninguem que possua luzente metal,
Esp'ramos que deixe d'alli concorrer!*

*Aos bandos a gente parece já vermos,
De toda a cidade mui azafamada,
Bilhetes comprando entrar para a praça,
Buscando anciosos gosar a tourada!*

Os laureados Peixinhos, a 14 de julho do mesmo anno, tambem se dirigiam ao publico aficionado, por occasião do seu beneficio:

*José Peixinho e seu filho que vão fazer
Sua festa artistica n'este dia
Esperam novamente hão de obter
Do mesmo as graças, que alcançar porfia!*

Foi d'esta época em diante que, pôde dizer-se, começou a simplificar-se mais o programma e a rarear tambem n'elle o verso. Quando muito, lá de longe em longe é que n'um ou n'outro ainda se lia que

*Tourada como esta, certamente,
Nunca 'té hoje viu a luza gente!*

ou então que

*D'um polo a outro polo, hade gabar-se
A corrida que vae annunciar-se!*

rimas que foram aproveitadas vezes sem conta, não só no mesmo anno como em épo-

NOVO GRATIS.

Jornal d'Annuncios.

PRAÇA DO CAMPO

DE

SANTA ANNA.

ARREMATANTE — EMILIO DOUX.

DOMINGO 9 DE AGOSTO DE 1846.

FOMPOSA E VARIADA CORRIDA DE

14 TOUROS.

E pois que o nosso matuto,
Não quer a fama perdêr,
Protesta de convencer,
Cada vez és mais bruto;
Mostrando que tem bom fructo
Tirado destas licções,
Quer d'eternos trambulhões,
De boléos bem desmarcados,
Deixar na praça gravados,
Do seu nome altos padrões.

Mas se acaso der á casca,
Couza muito natural,
Que a terra lhe seja leve
Repita um côro geral.

cas seguidas, até á final costumeira da introdução de tal genero de litteratura no programma do espectáculo tauromachico.

Outros tempos, outros costumes!

Agora não publicam versos, mas junta-se-lhe prosa muito peor e mais estopante, como é aquella que occupa metade do espaço em condições varias, por demais fastidiosas, como são quasi todas as condições, que ninguem lê, e que torna o programma em geral maçudo.

Por isso, entre o programma antigo e o moderno, antes o antigo, por que era mais comico e menos aborrecido!

*
* * *

Veem a proposito algumas linhas sobre João Sedvem, José Cadete e Rafael José da Cunha, anteriormente citados.

João José dos Santos Sedvem foi o unico cavalleiro que se tornou verdadeiramente notavel no seu tempo. E se como toureiro deixou brilhantemente assignalada a sua passagem pelas principaes praças de então — a do Salitre e a do Campo de Sant'Anna —, como equitador não deram menos que falar os seus feitos.

Em qualquer praça que se apresentava a tourear, Sedvem conseguia sempre fazer-se applaudir. Dava constantemente sobejas provas do que valia como toureiro, e de maneira que ninguem podia pôr em duvida os seus muitos conhecimentos da arte de lidar rézes bravas a cavallo.

Como os grandes mestres, Sedvem já seguia as pisadas das notabilidade que cultivavam a arte de tourear — por pouco que fizesse n'uma tarde, em alguma cousa porém havia de chamar a attenção da assistencia. Se lhe tinham cabido em sorte rézes ordinarias e não tinha conseguido evidenciar-se

toureado, no mesmo instante obrigava o publico a levantar-se, a enthusiasmar-se e a applaudil-o pela fórma como mandava o cavallo que subjugava e procurava o touro que tinha na sua frente, fazendo então alarde dos seus meritos como equitador.

E as mais das vezes que animaes montava, sem condições nenhuma para o toureiro!

Grande numero de aficionados affirmava que Sedvem sahia á arena propositadamente em maus cavallos, para mais ainda poder salientar-se; e falavam assim, porque o distincto artista não se cançava de dizer, sempre que para isso tinha ensejo, que o

verdadeiro cavalleiro só podia mostrar a valer a sua cotação artistica, toureado com cavallos difficeis.

Não temos dados para garantir tal asserção; mas é de crêr que seja verdadeira, se recordarmos que Francisco

Carlos Batalha foi o discipulo dilecto de Sedvem, e os bons cavallos para toureiro nunca preocuparam tambem Batalha — todos lhe serviam.

D. Miguel, o moço principe tão aficionado do popular divertimento, tinha em Sedvem um dos seus companheiros predilectos, dispensando-lhe por isso a melhor das estimas. Muitas vezes tourearam juntos.

Sedvem era muito temido pela sua valentia, e o seu começo foi dos mais humildes — cobrador dos talhos de Alcantara.

*

José de Sousa Cadete, segundo o venerando aficionado e respeitado critico Pinto de Campos, foi um dos maiores incentivos á concorrencia do publico á praça do Campo de Sant'Anna. Nasceu em Lisboa em 1816, n'uma casa proximo d'aquelle circo.



UM BILHETE DO ANNO DE 1870

Cadete começou em 1837, no Campo de Sant'Anna, como moço de forçado, estreado-se no Porto no anno seguinte como bandarilheiro. Os seus primeiros vencimentos foram 17200 réis!

Progredindo rapidamente na arte que cultivava por verdadeira aficção, conseguiu mais tarde salientar-se entre todos os artistas do seu tempo no toureio de animaes difficeis. Para este genero de trabalho contribuiu sem duvida a sua extraordinaria agilidade e a rijeza de pernas com que a natureza o dotou.

Só com uma constituição d'esta ordem um artista poderia tourear sessenta touros em tres tardes, como Cadete fez um anno em Coruche, seguindo logo depois para a Nazareth, onde trabalhou em tres corridas seguidas, e partindo d'alli para Lisboa ao terminar a ultima, para tomar parte na que se effectuava no Campo de Sant'Anna no domingo!

N'uma corrida em beneficio do Asylo de Mendicidade, em que se lidaram vinte e quatro touros, tirou Cadete vinte e tres moñas!

José Cadete foi um artista de immensos recursos: sahia aos touros para ambos os lados, executava o *salto de garrocha* e a *transcuerno*, fazia com muita precisão o *quite* a corpo descoberto e bandarilhava com ferros de palmo. Esta ultima sorte exe-

cutou-a logo depois de a ver ao bandarilheiro hespanhol Manuel Trigo; e com tanta perfeição a levava a effeito, que o publico a cada momento lhe pedia para a repetir, tanto mais que Cadete foi o artista portuguez que primeiro a praticou.

Dizia Pinto de Campos que o grande *Cúchares* tinha por José Cadete muita consideração e estima, apontando-o sempre como exemplo de um toureiro de sangue e de notavel valentia.

Conta-se até que toureando *Cúchares* certa tarde no Campo de Sant'Anna uma corrida de Rafael da Cunha, o primeiro touro que sahira para um dos seus bandarilheiros lhe causara tal terror, que nem animo tinha para o citar.

O eximio matador, então, chamou Cadete, pedindo-lhe para ir bandarilhar o animal, e mandando recolher para dentro da trincheira o seu bandarilheiro, dizia-lhe ao mesmo tempo que puzesse os olhos no toureiro luzitano, e se queria voltar a Portugal como lidador de rézes bravas, tinha que fazer o mesmo que elle!

N'esta apreciação de *Cúchares*, estava o maior elogio que se podia render a um artista.

José Cadete toureou até depois dos sessenta annos, vindo a fallecer em 1887. Legou dois fi-

lhos á mesma arte — Manuel Cadete, tambem já fallecido, e Jorge Cadete.



JOÃO DOS SANTOS SEDVEM



JOSÉ DE SOUSA CADETE

Rafael José da Cunha foi o ganadero que mais fama adquiriu no seu tempo, e não existe em Portugal nenhum aficionado de corridas de touros, apesar de decorridos tantos annos depois do seu fallecimento, que não conheça, pelo menos, o seu nome laureado. Este facto incontestavel é, só de per si, bastante para elevar a individualidade a que nos referimos, que com a sua intelligencia, vontade, arrojo e brio, alcançou com tanto trabalho um logar proeminente entre os creadores seus contemporaneos, n'uma época em que não estavam tão divulgados e não tinham surgido

ainda os innumerados aperfeiçoamentos agora conhecidos e que posteriormente foram applicados á criação dos touros de lide.

Rafael da Cunha viu coroados de bom exito os seus esforços, pois como consequencia d'esse labor apresentava corridas verdadeiramente extraordinarias, como até então se não tinha offerecido ensejo de apreciar, tanto pelo que respeita a tratamento como a bravura. Foi entretanto largamente compensado do seu dispendio e da sua diligencia, recebendo as aclamações que lhe eram dirigidas em todas as tardes que se corriam rézes das suas manadas, e o seu orgulho de aficionado teve valioso premio

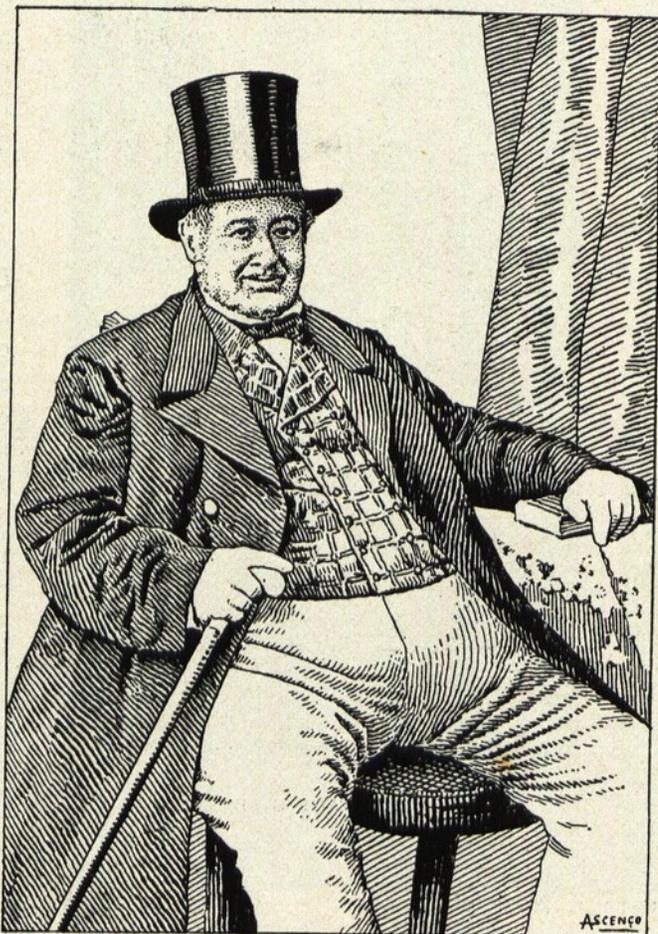
tambem, porque se lhe attribuiu, e com justo fundamento, o maximo esplendor que attingiram as corridas com o concurso da sua notavel ganaderia.

Como era inevitavel, estas circunstancias collocaram Rafael da Cunha na situação de alvo principal das invectivas dos adversarios das corridas de touros, os quaes, inexoraveis, como sempre, o ligavam á responsabilidade de ter fomentado extraordinariamente em Portugal uma diversão que julgavam condemnavel.

Foi em 1837, a pedido de alguns amigos, que cedeu a primeira corrida para a praça do Campo de Sant'Anna. A bravura e poder que evidenciaram as rézes, obrigaram o cavalleiro

Antonio Maximo de Amorim Velloso, a montar sete cavallos n'essa tarde, o que levou o intelligente creador a proseguir na criação de gado bravo.

Por isso, no anno immediato, Rafael da Cunha resolveu comprar vaccas e touros sementaes de reconhecida bravura e boa estampa, ao creador do Cartaxo, sr. Damaso dos Santos (1), que n'essa época tinha credito, assim como comprou tambem algumas rézes pertencentes ao infantado e ao barão



RAFAEL JOSÉ DA CUNHA



FERRO DA GANADERIA

(1) Conta-se que Damaso Xavier dos Santos fôra o mais entendido creador de touros do seu tempo, affirmando-se ainda que nas corridas dadas por D. Miguel, quem escolhia os touros que el-rei devia tourear, era aquelle lavrador.

da Junqueira, e ainda outras descendentes da afamada raça Cadaval, ampliando d'esta fórma muito a sua ganaderia. E com taes elementos e auxiliado com a boa vontade de alguns maioraes, animou-o a esperança de propagar a melhor especie, e de facto conseguiu-o, pois, como rezam as chronicas, os resultados excederam toda a expectativa, ao ponto de o considerarem o primeiro ganadero portuguez.

Os touros de Rafael da Cunha, segundo a opinião de um abalisado critico seu contemporaneo, reuniam em si todos os signaes que caracterisam os das mais finas raças, e distinguiam-se, não só pela bravura como pela corpulencia e excessivo poder. As cabeças eram de boas fórmãs, os corpos em geral de bonita estampa, e sobretudo muito rijos de cabeça e rins.

Eram muito rapidos tambem no acometter, dando origem a que quasi todos os lidadores portuguezes — cavalleiros, bandarilheiros e moços de forçado — e muitos hespanhoes, fossem colhidos, sem comtudo nunca poderem ser classificados de mal intencionados os touros d'esta raça, apesar de ter existido na ganaderia algumas rézes que fo-

ram lidadas em muitas corridas, em vista da sua excepcional bravura.

Os cavalleiros Antonio Maximo de Amorim Velloso e João dos Santos Sedvem por mais de uma vez soffreram as caricias dos cornupetos de Rafael da Cunha, n'uma das quaes Sedvem foi colhido por um touro que já tinha oito corridas, e que o derrubou conjunctamente com o cavallo que montava.

O renome de Rafael da Cunha expandiu-se ainda pela peninsula, correndo-se os seus touros nas principaes praças de Hespanha, nas quaes usava a divisa azul e branca, e nomeadamente na de Madrid, onde se estreou no dia de S. João de 1852. O successo foi enorme, bastando dizer que os oito touros que se lidaram n'essa tarde levaram 94 varas!

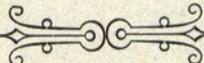
Foi *Cúchares*, que conhecia as magnificas condições de lide dos touros de Rafael da Cunha, por os ter lidado muitas vezes em Portugal, quem os recommendou ás empresas do visinho reino.

Rafael José da Cunha nasceu em Castello Branco em abril de 1791, e falleceu em igual mez do anno de 1868.

(Continúa.)

Phots. da collecção Segismundo Costa.

CARLOS ABREU.



APOCALYPSE

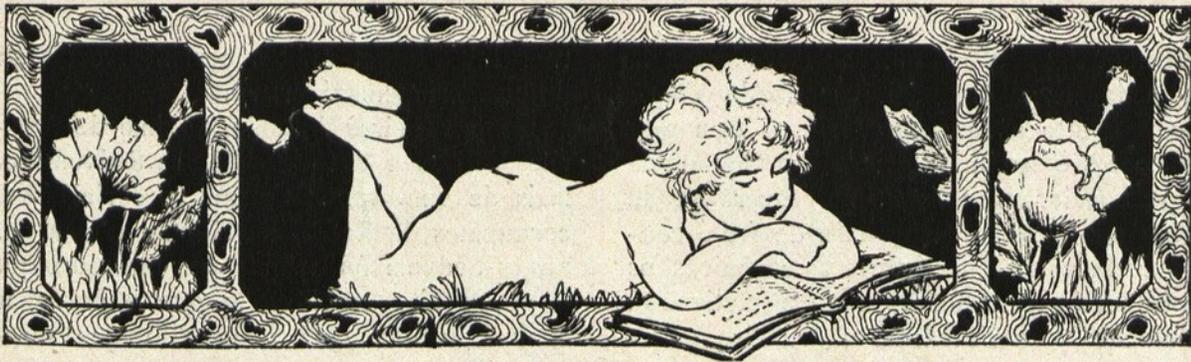
Para Guerra Junqueiro

Relampagos, curiscos, trevoadas,
Chuva caudal e céu ennegrecido;
A terra geme e se ouve um alarido
De montanhas cahindo espedaçadas.

Blasphemia, escuridão, ruas trancadas,
Rijo tufão — sensacional bramido,
Como um grito de Deus enraivecido,
Retumba ao som de extranhas badaladas...

Fulmina um raio no antro do infinito;
Ouve-se além um funeral maldito,
E' o universo partindo-se em pedaços...

Um turbilhão de estrellas do além desce
E acompanha Tupan, que empallidece,
Emquanto o mundo rôla nos espaços!...



Os ex=libris



UMA das grandes monomanias do seculo, é a das collecções.

Ha lá alguma coisa que não seja susceptivel de colleccionar-se? Tudo o é, por mais extravagante que pareça. — desde as moedas e os livros raros, desde os quadros de mestre até o fragil e precioso *bibelot*, com escala pelos cachimbos e pelos botões. O *colleccionismo* (que a ironia scintillante de Mark Twain tão despiedosamente fustigou na pessoa do celebre colleccionador de echos) é hoje uma



N.º 1

uteis como repositorio documentalente historico, como estudo comparativo, ou servem ainda, pela sua arte e bom gosto, para deleite do espirito e fonte de emoções intellectuaes. Assim as de moedas, as de estampas e gravuras, de livros, de quadros e estatuas, de archeologia historica e prehistorica, de ethnographia, de historia natural, etc. Outras nenhum valor teem, nem intrinseco nem estimativo. Mas o que todas ellas exigem é grande dispendio de dinheiro e de trabalho, quer na acqui-

sição de objectos, quer na sua installação e conservação, sem que uma fortuita venda,

verdadeira vesania a que raros lo-gram eximir-se.

Alguas collecções representam um trabalho intenso, mas proficuo, porque são



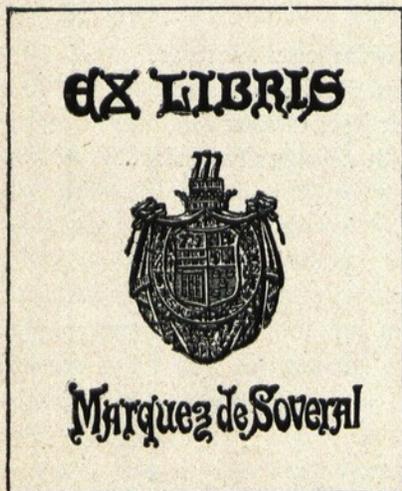
Ex libris

LIBRI ET LIBERI
SUB OCULIS
SEMPER.

Eug. de Castro

N.º 3

garanta na maior parte dos casos ao colleccionador um producto que lhe compense as despêsas e o trabalho.



N.º 2

Todas as manias de colleccionar, teem — umas por outras — representantes em Portugal. Quem tem ainda poucos, mesmo raros adeptos, é o *ex-libris*, e é d'elle que vou agora entreter-me.

O termo, que (não desfazendo nos seus conhecimentos philologicos) uma grande parte dos leitores desconhece ainda, consta de duas palavras latinas, significando — *dos livros*, ou *pertence aos livros*. Perdêem-me os que versam a magestosa lingua de Tácito esta explicação, que só se entende com aquelles para quem o latim... é grego.

O *ex-libris*, que livremente poderemos traduzir — *pertence*, é pois a marca ou signal de posse dum livro. Antigamente essa declaração de propriedade reduzia-se á rubrica do dono, quer só, quer acompanhando datas, phrases e até versos. Quem ha ahi, que, folheando os compendios da petisada das escólas, não tenha por lá encontrado frequentemente versos da ingenuidade destes:

*Livro meu muito amado
Thesouro do meu saber,
Folgarei em te achar
No dia em que te perder.*

*O sujeito que te achar
Usará de termo honrado;
Se não souber o meu nome
Em baixo vai assignado.*

F...

Com o andar do tempo, porém, foi-se ado-

ptando o uso de imprimir nas pastas de encadernação um brasão de armas, desenhos de phantasia, iniciaes, anagrammas ou simples legenda com o nome do possuidor. Encontram-se exemplares admiraveis nas encadernações sumptuosas dos seculos XVI, XVII e XVIII, cujas pastas e lombadas, pela solidés do material, profusão dos ouros e artistico dos ferros, são indisputaveis primores no genero. *Ex-libris* impressos, porém, tambem se collavam nas mesmas pastas, interior ou exteriormente.

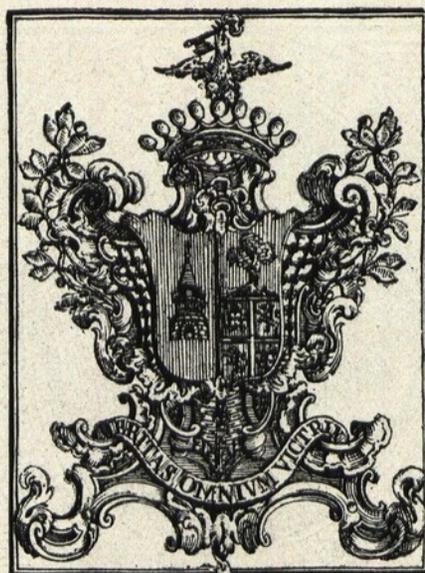
Quando começou a espalhar-se o *ex-libris* destas duas ultimas especies? Não sei. Pela sua origem, talvez nos seja licito adscrever os primeiros

á Allemanha do seculo xv. Hoje, porém, o costume de empregar essas vinhetas em livros generalisou-se, mas Portugal é dos raros países onde elle ainda não conseguiu enraisar. Verdade seja que se o culto do livro tem ainda poucos sacerdotes entre nós, é devido ás condições do atraso intellectual do país.

O hábito de reunir *ex-libris* em collecção data de ha poucos lustros. Mas para quê o *ex-libris*, perguntarão, fóra da sua natural serventia? Se outra rasão não subsistisse, esta bastava: colleccionam-se *ex-libris* pela mesma rasão que se colleccionam sellos, cachimbos, botões, e até sapatos velhos. Porque são objectos cuja variedade os torna colleccionaveis. Conser-



N.º 4



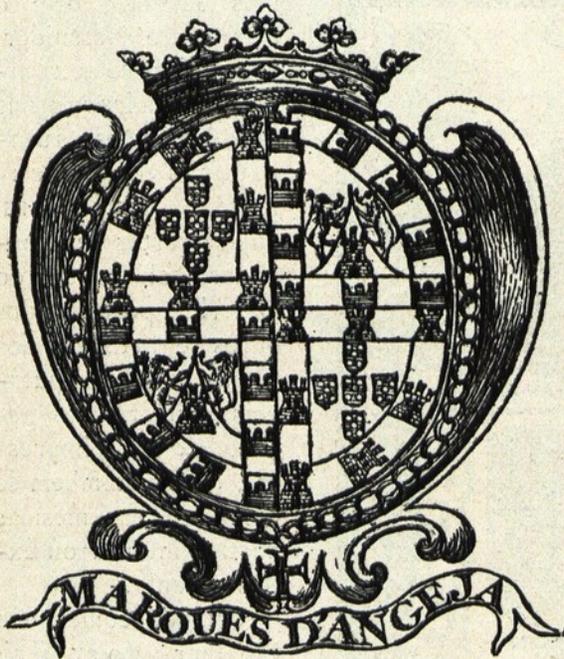
Da Casa da Annunciação

(1.º CONDE DE RIO MAIOR)

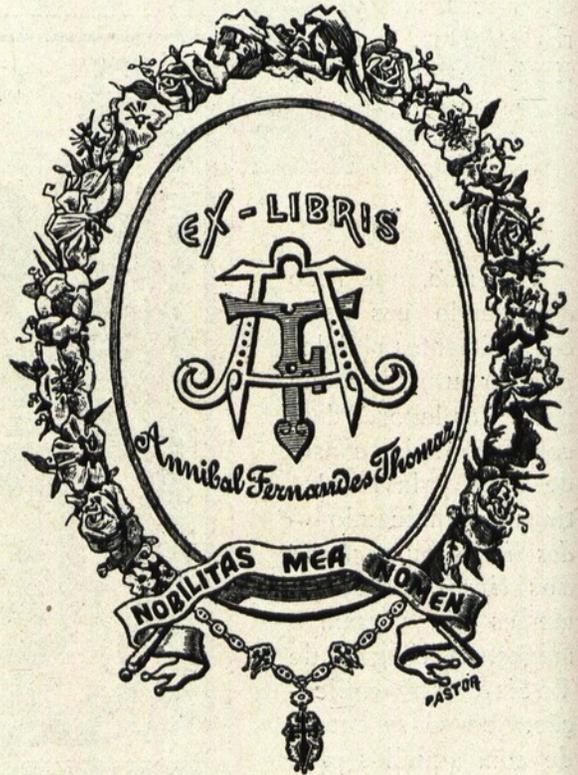
N.º 5

vam, por exemplo, o velho papel sellado, os velhos assignados e bilhetes do banco, as antigas estampilhas do correio, algum valor

nhas de Tanagra, ou as reproduções diminutas, nos camafeus e na ceramica, das



N.º 6



N.º 7

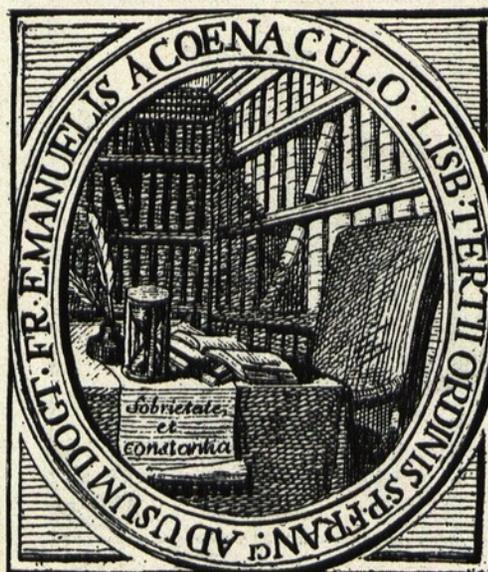
real fóra da circulação? E no entanto são numerosos os amadores destas especialidades.

Mas felismente que mais alguma coisa dá ao *ex-libris* o direito á consideração de que gosa. Elle indica-nos qual o gosto litterario de F., elucida-nos sobre o criterio que presidiu á escolha dos seus companheiros espirituales; serve de subsidio ao biblióphilo, ao heraldista, e ao historiador nas suas investigações; incita ao amor pelos livros; e muito especialmente representa na arte contemporanea um estímulo nada para desprezar. Na sua relativa exiguidade, comporta ás vezes uma obra artistica digna de estudo e de apreço. Assim como outr'ora eram admiradas e tidas em grande conta as ondulosas figuri-

obras primas da pintura e da estatuária hellenicas, assim as marcas bibliographicas são hoje apreciadas e cuidadosamente coordenadas, porque representam igualmente uma pequenina obra de arte.

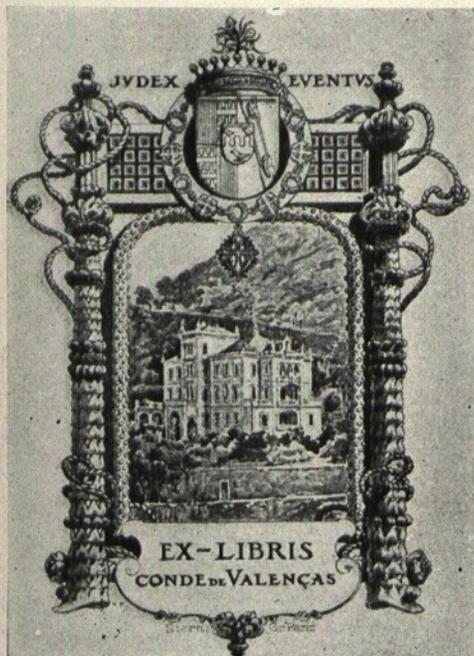
Os primeiros artistas do lapis e do buril deixaram o seu nome a subscrever algumas destas composições. Um dos mais famosos *ex-libris* da série inglesa, tão notavel pela purêsa da gravura como pela simplicidade e encanto do desenho, é devido ao lapis genial de Sequeira, interpretado por um outro grande artista — o gravador Bartolozzi.

Por seu lado a heráldica, sciencia subsidiaria da genealogia e da historia, tem no *ex-*



N.º 8

libris representação vastíssima, sendo até um brasão armoriado, em grande numero de casos, o seu unico assumpto. Veem a par



N.º 9

uma flora e uma fauna estylisadas, as divisas, lemmas e sentenças moraes, cavalleirescas e de nobrêsa, allegorias, composições phantasticas, e até versos e trechos de escriptores e poetas celebrados. Alguns figuram um grande vulto historico ou patriótico, e até o proprio biblióphilo; noutros levanta-se, magestoso e arrogante, com suas torres creneladas e suas pontes levadiças, o velho solar fortificado ou a residencia senhorial dos antepassados.

Depois, o campo é largo, e presta-se ás mais atrevidas interpretações do talento pinturesco. Neste ponto, no *ex-libris* moderno, quanta variedade! E' a arte-nova, com as suas linhas de recorte exótico; o impressionismo, de interpretações re-

beldes; os primitivos, documentando inconscientemente nos seus processos ingênuos um interessante caso de atavismo em arte; e até a nova escola secessionista trouxe já ao *ex-libris* as suas concepções avançadas, os seus combates e as suas esperanças. E' toda uma felicissima e criadora revolução artistica, com o seu logar imprescindivelmente marcado na chronica flammejante do engenho humano.

O estímulo da rivalidade é do inte-

resse pessoal impellem tambem a mão do artista a maravilhas. Muitos amadores commettem o desenho do seu «pertence» a varios artistas, cada qual esforçando-se por superar, na medida do seu possivel, o trabalho dos collegas. E' então um verdadeiro duello que se trava, mas um duello pacifico e fructuoso, onde só a imaginação floreira a mais inoffensiva das armas — um lapis ou uma penna.

As collecções especiaes da obra de poetas e prosadores celebres, teem ás vezes as suas marcas de posse privativas. Assim, por

exemplo em Portugal para Luiz de Camões,

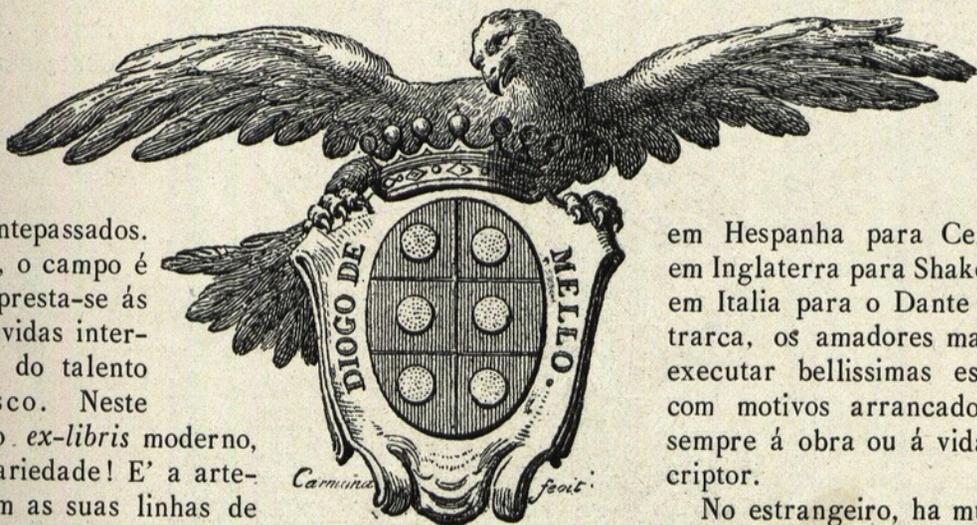
em Hespanha para Cervantes, em Inglaterra para Shakespeare, em Italia para o Dante e o Petrarca, os amadores mandaram executar bellissimas estampas, com motivos arrancados quasi sempre á obra ou á vida do escriptor.

No estrangeiro, ha muito que o *ex-libris* tem a sua cotação, sendo apreciado como merece.



De Almeida Garrett!

N.º 10



N.º 11

Com a extraordinaria voga alcançada, os colleccionadores, no intuito de fazer propaganda e facilitarem as mútuas relações, fundam socie-



GAGE THOMAZ (INGLATERRA)
(Habitou Portugal)
N.º 12

dades, organisam exposições, imprimem jornaes e revistas. Podem apontar-se como modelos no genero a *Société Française des Collectionneurs d'«Ex-libris»* et de *Reliures Historiques*, de Paris, a *«Ex-libris» Society de Londres*, e a *«Ex-libris» Vereins Gesellschaft*, de Berlim, cada uma com o seu orgão official na imprensa. E assim em Hespanha, em Italia, na Austria, nos Estados Unidos da America, onde há artistas reputadissimos de um e outro sexos que se dedicam ao desenho de *ex-libris*.

Entre nós, reptito, o *ex-libris* tem ainda poucos adeptos. Ultimamente, porém, vem-se operando

Figueira da Foz.



As estampas n.ºs 1 a 10 são da Bibliotheca da Figueira da Foz.

um certo progresso, devido em grande parte ao exemplo que nos vem de fóra, á publicação do *Archivo de «ex-libris» portu-*

gões, revista superiormente dirigida em Génova pelo meu amigo e distincto escriptor. Joaquim de Araujo, nosso representante naquella cidade italiana, e dos *«Ex-libris» ornamentaes portuguezes*, do bibliophilo Annibal Fernandes Thomaz, meu illustre amigo e conterraneo, ora residente em Lisboa.



N.º 13

M. Cardoso Martha.



N.º 14

As n.ºs 11 a 14 são da collecção do sr. general Adolpho Loureiro.

Em casa dos artistas

Carlos Reis



CARLOS REIS, que obteve agora o *grand-prix* na Exposição do Rio de Janeiro e que de longa data firmou o seu lugar entre os grandes pintores da Europa, é uma figura singularmente

interessante por qualquer lado que se encare. A sua obra é vasta, bellissima, dispensa commentarios, falla por si; e tão alto e tão bem que vê-la supre quanto se poderia lêr de agradável a seu respeito. Este meu dizer pode parecer vão, mas não é, e eu explico porquê.

Ha obras boas, magnificas mesmo, mas que nada dizem a quem não seja *um conhecedor*; distinguem-se pelas suas qualidades technicas e portanto, sem snobismo, só por technicos pódem ser apreciadas com sinceridade. Não succede assim aos trabalhos de Carlos Reis. Além das suas

qualidades de *officio* deriva d'ellas uma tal emotividade, uma tão intensa expressão de vida, que as figuras das suas telas parecem seres animados tanto as almas se espelham nos rostos.

Ha musica cuja belleza é de tal modo sublime que, commovendo a alma do artista mais delicado, faz vibrar por modo intenso, inda que vario, o coração do mais inculto camponio. São comparaveis a essas melodias os quadros do grande pintor portuguez.



CARLOS REIS PINTANDO O SEU ULTIMO QUADRO

Um pequerrucho, vendo inesperadamente uma cabeça de creança que elle esboçava, soltou uma sonora gargalhada, exclamando n'uma admiração inconsciente, e talvez por isso mesmo com mais valor do que grandes elogios:

— Elle ri! elle falla!

Um entendedor encanecido, vendo depois o mesmo esboço, brada com igual enthusiasmo:

— Oh! que lindo! Mas elle falla! elle ri!

E' este a meu vêr o melhor elogio da arte e do artista.

Um dia perguntei-lhe apenas por mera

nada mais simples: seis ou sete côres. Um nada com que elle faz tudo.

De genio nimamente vivo e espirito brilhante, a sua conversa é attrahente, graciosa e levemente satyrica. Tem, como poucos, a arte de contar bem uma anecdota, ou lembrar um factó passado, e escreve com a mesma naturalidade e fogo com que falla.

Gabando-lhe essa qualidade, tão notoria n'elle, perguntei-lhe por que não escrevia. Respondeu-me que um francez, seu amigo, lhe tinha dado em tempo esse conselho e, na melhor intenção de o seguir, sahíra, comprára um caderno de papel e um lapis.



CARLOS REIS E SEU FILHO JOÃO

curiosidade, então bem longe de o confiar agora ao papel, qual era a sua concepção sobre arte. Com a simplicidade e graça que lhe são peculiares respondeu-me:

— Podia synthetisar-lh'a n'uma phrase feita, como usam os grandes homens. Prefiro porém dizer-lh'a em bom e chão portuguez. Considero-me uma machina d'impresões e procuro, quanto possivel, attingir a perfeição. Desdenho fazer-me conhecer por qualquer traço. Se a natureza tem defeitos não é a mim que compete emendar-lh'os. Copio-lh'os, sou um escravo seu.

Quanto á paleta de Carlos Reis não ha

e voltára a sentar-se á sua mesa de trabalho. Nada! Absolutamente nada! Nunca na sua vida se sentíra tão despejado de idéas.

Mas os annos decorreram e, hoje, o grande artista, sabendo conter melhor os impetos da sua fogosa impaciencia, traz um livro em preparação, e muito natural é que, depois do primeiro, venham outros dar-lhe nas lettras logar identico ao que adquiriu nas artes.

Moreau Vauthier, no seu interessante romance intitulado *Les Rapins*, escolheu para o protagonista o typo de Carlos Reis. Tem n'elle descripções magnificas, entre ellas a



UM CANTO DO ATELIER

da sua partida para França. Fallei-lhe n'elie cheia de investigadora curiosidade.

Com a sua *verve* habitual protestou:

— Não acredite. E' um falseado documento cheio de calumnias que agora me fazem corar, e que fizeram descorar em tempo *alguem* que hoje tem o dever de as não acreditar.

Assim será, e é por certo se o afirma, mas as aneddotas, os ditos satyricos que correm mundo e lhe attribuem, os que eu mesma lhe tenho ouvido, dariam um volume de desopilante leitura. Quantos contaria se não receiasse ser indiscreta!

Assim citarei apenas tres de caracter anodyno, mas que darão aos leitores a justa medida do seu espirito alegre e original.

Trabalhou sempre Carlos Reis, e com o maior empenho, em obter um palacio para as Bellas-Artes e em tão louvavel intento o acompanharam todos os seus collegas. Prometteram-lhes primeiro um terreno junto á cervejaria *Jansen*, na rua do Alecrim, mas surgiram não sei que difficuldades, e essa ideia foi posta de parte; mais tarde, e só no intuito de se desembaraçarem momentaneamente de pedidos, concederam-lhes os terrenos ao cimo da Avenida, então pertencentes ao sr. Carlos Eu-



O FILHO DE CARLOS REIS

genio d'Almeida. Esta ultima circumstancia, desconhecida de muitos, alegrou-os pela optima situação do novo edificio.

Carlos Reis, que a sabia, ficou desapontado e não tendo animo de esfriar a satisfação dos seus collegas nem podendo tambem callar-se, exclamou n'um impeto de desafogo:

— Pois bem. Eu darei dos meus pinhaes de Torres Novas, quando houver esse terreno, madeira para a sua construcção.

Os presentes elogiaram a generosidade. Collaço disse-lhe depois:

— O seu donativo é importantissimo. Carlos Reis fixou-o admirado.

engraçada anedota uma consagração historica.

Outro facto. Um homem, adeantado em annos, encontrando um dia Carlos Reis, depois de o ter fitado com insistencia, foi para elle de mãos abertas perguntando:

— V. Ex.^a não é irmão do infeliz poeta Cezario Verde?

— Não, não sou, respondeu o artista cumprimentando.

Segundo encontro n'um carro e nova pergunta:

— V. Ex.^a não é primo do infeliz poeta Cezario Verde?

— Não, não sou, mas conheci-o, etc., etc.

E a conversa continuou por instantes.

Terceiro encontro:

— V. Ex.^a não é...

Aqui o nosso fogoso pintor, não se podendo conter mais, terminou-lhe a phrase:

— Avô do infeliz poeta Cezario Verde? Não, não sou, não, senhor. Sou Carlos Reis. Sei muito bem quem V. é, e tenho muito gosto de travar o seu conhecimento.

Ultimo traço que aponto, este passado comigo. Perguntaram-me do Brazil o modo de obter certa

côr, entre rosa e cravo, d'um tom de muito difficil definição, e saber o seu nome tecnico, se é que o tinha.

Como a pergunta me embaraçasse escrevi a este mestre na certeza de que com a sua habitual amabilidade me tiraria da difficuldade. A resposta não se fez esperar.

Ensinava-me n'ella, em quatro palavras, o meio de obter o difficil tom e ajuntava: *A côr não sei, confesso-lhe isto com os olhos pregados no chão: sobe-me ao rosto todo o carmim dos envergonhados e auctoriso V. a chamar-lhe para o futuro a côr da vergonha da minha cara, como castigo da igno-*



OUTRO CANTO DO ATELIER

— Então você está persuadido que eu tenho pinhaes?

— Então?

— E' que o terreno não o teem, nem nunca o terão pela simples razão de que não é da Camara.

Hoje, que o tão desejado edificio está em construcção, embora em outro local, Carlos Reis, para corresponder ás instancias d'alguns amigos que lhe pedem *madeira de Torres Novas*, dadiva a que não está obrigado pela sua promessa, mandará vir de Torres Novas um pinheiro destinado a fazer tremular a bandeira nacional sobre a frontaria do novo palacio. D'esta fórma terá a

rancia que lhe estou mostrando. E não será ella em muitas circumstancias, semelhantes a esta, a côr que melhor symbolisa a vergonha dos homens, visto que tão facilmente desaparece?

O filho de Carlos Reis, assumpto tão digno e tentador do pincel do artista, deseja ha muito, como é natural, vêr-se reproduzido n'uma tela, que elle tem a certeza, ficará rica de côr, expressão e vida, e insta pela realisação do seu justo desejo.

— Tu não pagas, responde-lhe o pae como objecção.

Elle fica-se um momento pensativo e torna-lhe:

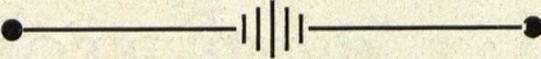
— Eu tenho quatro vintens... dou-lh'os. Por tal preço, tão encantadora e genero-

samente offerecido, qual será o grande pintor que não lhe satisfaça a vontade?!

Julgo poder afirmar, sem receio de engano, que Carlos Reis se deixará tentar pela ideia d'este immenso lucro.

E, de facto, que quadro lhe pode trazer ao coração mais emotividade e á alma mais estonteantes perfumes de gloria? Nenhum. Se pensarmos em todos os fecundos mananciaes que Carlos Reis pode tirar da feitura de tão bello quadro, e não temos mais que demorar o pensamento nas famosas telas que existem dos filhos de Rubens, Van Dick e outros, não podemos deixar de confessar que oitenta réis, em tal caso, é fabulosamente caro.

Não pague, Joãozinho!



MADRE PAULA

Na cela do convento, ao sol-morrer,
Madre Paula medita tristemente.
A saudade do seu amor ausente,
Um éco amortecido d'um viver...

Pela estrada passavam probresinhos
Rotos e magros, cheios de desgraça.
E viu n'aquella dôr a que não passa
Na sua vida, longa, sem carinhos.

Ao longe, n'um poente, o sol fugia...
Lembrou-se então da sua moradia
Onde falara horas esquecidas.

E Madre Paula, pallida, chorosa,
Deixou ficar nas faces côr de rosa
Duas lagrimas puras e perdidas.

Carlos Cilia de Lemos.



Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXI

EM BARCELONA

(Continuação)

Lembro-me que estava á pópa quando se deu o momentoso acontecimento. Barcelona surgiu como um enorme leque de offuscantes e brancas linguas de fogo, que rutilavam a curtos intervallos por cima das montanhas e que se reflectiam em feixes intensos na agua. Não havia lua n'aquella noite e o mar não tinha uma só ondulação ou a mais pequena franja de espuma. Notei no convés do yacht a celeridade com que os marinheiros se desempenhavam dos seus deveres, indo e vindo com a maior indifferença. A luz no estae, o clarão da bitacula, o vermelho e verde dos pharoes regulamentares, a bombordo e a estibordo, concorriam ainda mais para esses laivos de romance, caracteristicos do convés de um navio á noite.

Como disse conservava-me á pópa observando a esteira espumosa que deixávamos atrás de nós e scismava que novos quadros, que novos emprehendimentos esta viagem nos proporcionaria. Nunca apreciara tão justamente o poder de Jehan Cavanagh e de quanto conhecia os homens. Não existia

melhor juiz. Não precisava falar, todos lhe obedeciam. A sua palavra era uma lei superior á dos tribunaes e dos parlamentos. Era como o salvador d'aquelles a quem faltava a fé na humanidade, sem pensar em receber agradecimentos ou honras. Como podia eu perguntar para onde se dirigia e para qué? Esse mysterio fascinava-me além de toda a expectativa. A minha vaidade deliciava-se ao pensar que eu era o collaborador d'este homem, o seu empregado de confiança, o seu amigo. Uma exaltação de espirito como nunca me assaltara levou-me a desejar novos episodios, novos incidentes, novos perigos. Queria acompanhal-o e provar-lhe a minha dedicação.

Taes eram os meus raciocinios quando se deu o momentoso acontecimento. A medonha tragedia da rotunda de Barcelona pertence actualmente á historia, mas desejo narrar como a presenciei, de bordo, no convés do yacht *Lobo do Mar*. Surgiu primeiro como uma nuvem vermelha, isto é, estenderam-se subitamente por cima da agua enormes vapores rubros, terrivelmente pavorosos, coroados por labaredas que pareciam tocar no firmamento. Não se lhe seguiu immediatamente nenhum estrépito. A cidade patenteou-se-me com toda a nitidez n'aquelle horroroso momento, as torres, as

cúpulas e as casas mais elevadas, as montanhas distantes e todos os suburbios da cidade tornaram-se tão visiveis como se fóra dia! Decorreu um seculo antes que chegasse até mim o ribombar da detonação que veiu rolando sobre o mar, seguido por pesadas lufadas de ar quente, uma rajada medonha, com accentos gemebundos, uma especie de sinistra carpi-deira da morte. O oceano, placido um segundo antes, agitou-se violentamente, para se tornar a acalmar quando o tufão passou. Sobreveiu acto contínuo uma escuridão absoluta, impenetravel, e após, estampidos formidaveis, que o ecco repetia misturados com gritos de angustia, com o derrocar de pesadas construcções, com os horrendos brados dos que succumbiam no meio de tão estupendo caos.

Não sabia absolutamente nada do acontecido quando me acerquei da pôpa. Naturalmente, como se deve suppôr, imaginei que fosse um terramoto, e que as trémulas linguas de fogo, agora a patentear-se em diversos pontos, era o encandescido restolho de uma tremenda sega feita por Deus. Não é facil relatar quaes são os nossos pensamentos em occasiões taes como esta. Tanto quanto me recordo ninguem no convés do yacht mostrou qualquer excitação acima do commum, nada mais que a serenidade ma-

nifestada pelos marinheiros em frente do perigo. Lembro-me que um dos tripulantes, que precisou equilibrar-se para não cahir e que passou a meu lado, notou, gracejando:

— Em terra houve novidade.

O capitão do yacht, que mais tarde sube chamar-se Jack Greenwood, dirigiu-se para o lado de estibordo e demorou-se ali applicando o ouvido. O helice, todavia, continuava a dar o mesmo numero de voltas, e a nossa singradura não se alterou na minima coisa.

E no entanto atrás de nós ficava um inferno; chammass que subiam de todas as bandas da sobresaaltada cidade, lamentos das victimas que chegavam até nós, sinos a tocar a rebate, o pânico que campeava por toda a parte.

— Que pensa d'isto? — perguntei a um marinheiro que se approximara.

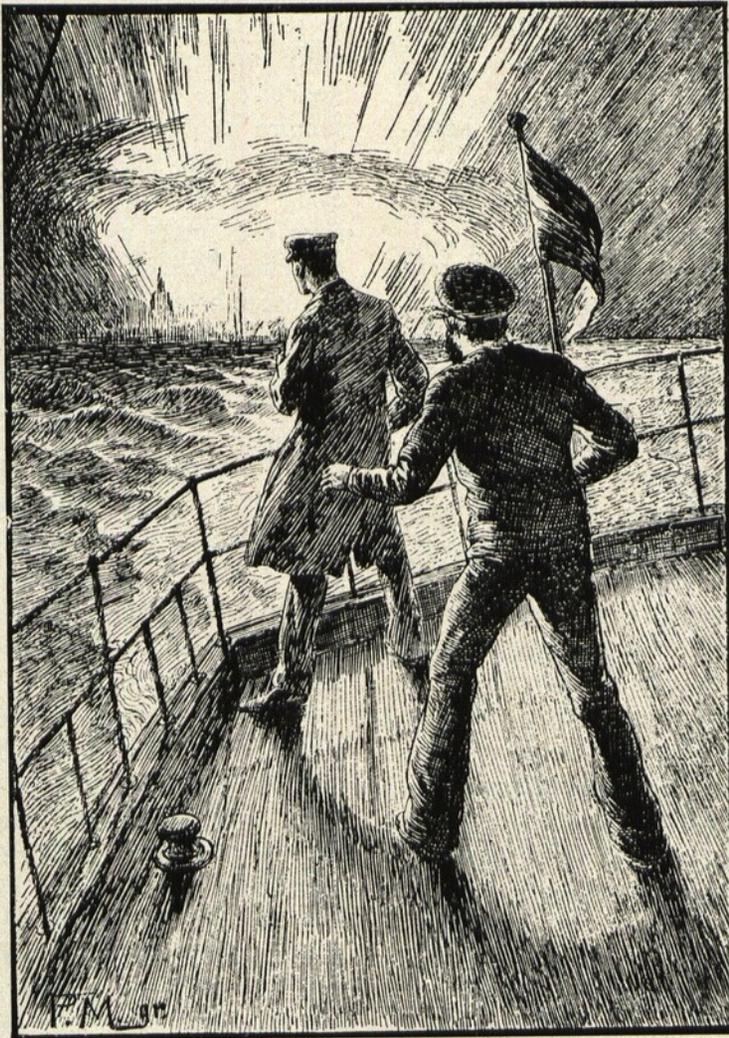
Tirou um pedaço de tabaco de um pacote e respondeu vagarosamente:

...AS TREMULAS LINGUAS DE FOGO...

— Não penso nada... a menos que o rei de Hespanha não desse alguma festa.

— Será um terramoto?

— Não me parece, deve ser coisa diferente. Se fosse um terramoto o bailarico ainda não tinha acabado. O compasso é muito mais apressado e levava mais tempo. Na minha opinião, foi o arsenal que voou pelos ares, e por felizes nos podemos dar



em estarmos aqui vivos, o que não nos succederia se andássemos pela cidade, mas vem ahi o patrão, elle ha de saber o que é.

Levou a mão ao barrete e retirou-se olhando para Jehan Cavanagh, que se dirigia com passo ligeiro para a escada do tombadilho. Decorrido um minuto o meu chefe atravessou o convés e acercou-se de mim.

— Por mais esforços que fizéssemos não conseguimos evitar isto, Ingersoll — disse elle n'um tom extremamente triste.

Encarei-o admirado.

— Que foi, Mr. Cavanagh? Que aconteceu?

Pegou-me n'um braço e conduziu-me para um sitio ainda mais afastado.

— Existem ali amigos da sua protegida de Bruges; exterminam-se uns aos outros, Ingersoll. Lembra-se do nosso gracejo no comboio, que a dentada do cão cura-se com o pello do mesmo cão, e que os governos talvez um dia se vissem obrigados a atirar sobre aquelles que vivem pelas bombas? Tão certo como Deus estar no céu os hespanhoes parecem ter-nos pegado na palavra. Havia uma grande reunião dos amigos do caos n'uma construcção a que chamam a Rotunda. Parece que se acha agora reduzida a chamma e a cinzas. Se não foi a policia a auctora da catastrophe, deve-se attribuil-a a alguns dos seus amigos. Preveni a auctoridade do que succederia. Deixei-lhe plena liberdade; não posso tomar mais encargos sobre os hombros. Na verdade, Ingersoll, se soubesse como me sinto cansado, se pudesse comprehender o que isso significa para mim...

— O que succedeu, occorreu sem ser por sua livre vontade?

Mr. Cavanagh virou-se para mim quasi zangado.

— Quem tem a vontade livre? Se vir uma mulher atirada para uma cova e um homem a ameaçar-lhe o pescoço com a faca fica-me livre a vontade de a socorrer ou não? Se trabalhar no meu laboratorio e descobrir o germen d'algunha terrivel doença, tenho eu a vontade livre de guardar para mim essa descoberta que devo á humanidade? Ingersoll, os anarchistas mataram meu pae em Baku, faço o que o meu espirito me ordena que faça. Nem por uma hora, enquanto sentir um sópro de vida, deixarei de trabalhar para conseguir o meu fim. E' uma resolução

inalteravel. Devo o cumprimento d'este dever á humanidade e a mim proprio.

— Mas a humanidade não lhe ordenou que fosse hontem á praça de touros.

Receei que a minha temeridade o incolectisasse, mas com grande surpresa ouviu-me pacientemente.

— Todos os homens correm esse perigo. — respondeu-me — de ceder ao desejo que se delicia com o soffrimento, mesmo nas suas mais innocentes phases. Era como o antigo negreiro; e o homem civilisado de hoje nem sempre se emancipa d'esse egoismo. A indifferença pelo soffrimento humano... é uma coisa terrivel, Ingersoll. Pense no que fariam esta noite as nossas imaginações se lhe dessemos licença. Casas a arder, ruas cheias de escombros, cadaveres tão mutilados que é impossivel reconhecê-los, um panico indescriptivel na cidade, queixumes das mulheres, blasphemias dos homens... poderíamos imaginar tudo isto se nos fosse permitido fazel-o. E' por isso que me insurjo contra a noite. Um general deve retirar-se do campo da batalha depois d'ella ganha, mas quem pode desviar a vista de um espectáculo como aquelle? Meu Deus a cidade inteira está em fogo. Que quadro, Ingersoll, que exemplo para a Europa ámanhã!

Compreendi que a medonha scena o fascinava como elle temia. Baldadamente protestava que satisfizera todos os seus desejos. Quedou-se ali á pópa como uma estatua de marmore, com o lugubre clarão vermelho nimbando-lhe a massiça cabeça, com o barrete atirado para trás, com o pescoço bem destacado do busto. Dominava-o a mesma tentação do espectáculo a que succumbira em Madrid. Sabia que expiravam muitas créaturas acolá, e os seus propositos de vingança clamavam bem alto. Era trabalho perdido discutir com elle em tal momento e conservei-me a presenciar o quadro como elle, e a admirar-me como o mar se comprazia a tornal-o ainda mais grandioso.

Realmente Barcelona parecia ter sido condemnada. Como os jornaes depois relataram a area queimada fôra consideravel e duas grandes fabricas ficaram reduzidas a cinzas. Quando as labaredas porfim se apagaram gradualmente e o céu ao norte começou a perder o fulgor de dourada irradiação, uma das mais bellas coisas que tenho contemplado, Mr. Cavanagh como que se recordou

do que tudo isso significava, e levou-me abruptamente do convés para a sua camara.

— Ingersoll — disse quasi n'um tom de censura — porque consentiu que eu me demorasse ali?

— Nem me lembrei, Mr. Cavanagh. — Pensava n'outra coisa...

— Pensa n'ella, noite e dia, desde que sahimos de Bruges, Ingersoll. Não sou cego nem criança. Raciocina que ella está innocente, que é injustamente perseguida, uma victima do meu odio implacavel. Algumas vezes tem estado quasi para abandonar o meu serviço. Uma fidelidade que não pode explicar conserva-o a meu lado. Pensa auxial-a continuando ao pé de mim. Pois não o vi desde o principio? Seria um louco se não me occorre essa possibilidade quando o mandei á Belgica? Venha cá Ingersoll, contar-lhe-hei até que ponto sou justo. Se essa rapariga está innocente, quem melhor provará a sua innocencia do que o homem que a ama? Quererá elle, se o amor d'ella representa para si o que deve representar, manter-se na mais absoluta neutralidade até que esteja habilitado a dizer: «Não é criminosa, foi outra pessoa, descobri o seu nome?» Fiz em Baku varios favores áquella familia. Sua mãe deveu-me a mim serviços que Paulina ignora. Qual foi a minha recompensa? O bando vermelho poz-lhe um chapéo na cabeça e um revolver na mão. Paulina matou meu pobre pae, por que é mulher e banal e porque a convenceram a transformar-se em martyr da Santa Russia. Mas presentemente o senhor, seu advogado, não encontra uma palavra só para pronunciar em sua defesa. Levaram-n'a para ser açoutada, para a tortura, e diz: «Pois que vá.» Quem merece censura, Ingersoll ou eu? Quem é o juiz, a minha consciencia ou a sua?...

Parou, encarando-me quando passava. Senti subir-me ás faces uma onda de sangue e apossar-se de mim tal vergonha que não consegui pronunciar uma palavra. Nunca ouvira uma censura que tão acerbamente me ferisse. Santo Deus! Como me cegara completamente, não vira nenhuma das consequencias que n'este momento se me patenteavam. A minha amisade significava cobardia, indiferença, indolencia. Abandonara a pobre creança á primeira coisa que me disseram, prompto a seguir o meu ca-

minho, a continuar nos meus divertimentos, ao passo que sobre ella pesava a maior das ignominias. Era essa a terrivel verdade que se apresentava ante mim n'aquella noite. Abandonara uma creança infeliz a quem o meu auxilio poderia salvar. Oh! que pusillanidade e que vergonha! E era muito tarde agora, tinham-n'a conduzido para a Russia e nunca mais a tornaria a ver. Declaro sem reserva que succumbi a esses amargos sentimentos que me dominavam e occultei de Mr. Cavanagh as lagrimas que me corriam pela cara abaixo.

— Meu amigo — disse Mr. Cavanagh, tocando-me no hombro com um gesto cheio de bondosa sympathia — não comprehende que fui severo? Conversaremos a este respeito em Trieste. Talvez ainda seja tempo. Oxalá que Paulina esteja innocente; os seus labios nol-o dirão.

Não podia responder a esta consoladora indicação, como não podia responder a qualquer outra coisa. Despedi-me de Mr. Cavanagh e atirei-me para cima do beliche até que rompeu a madrugada, repetindo que Paulina jazia n'uma masmorra da Russia e que fôra a minha covardia que a enviara ali.

XXII

NO PALACIO DA PONTE

Na primeira semana de agosto passamos o Lido e ancoramos na Riva dei Schiavoni em Veneza. Por assentimento commum a nossa viagem fôra regulada de modo que se nos deparou a cidade e uma centena de ilhas ao nascer do sol. Não ha panorama de céu ou de mar que exceda o de Veneza quando ella se ergue, «qual nova Cybele», do fundo do oceano.

A principio envôlta em brumas cinzentas começou depois a dourar-se; estendia-se-lhe aos pés um espelho todo azul e prata; corroava-a as joias do diadema solar; flechas, cúpulas, cidadellas, palacios, castellos, mais augmentavam a sua magestade — um misto do colorido e de contornos admiraveis. Quem não se sente extasiado a tal hora, quem se recusa a render homenagem ante semelhante altar!

Toda a gente que se agrupava no convés ficou maravilhada quando Veneza se

revelou com o seu magnifico esplendor. O silencio não era tributo inferior á eloquencia para exprimir a magia que nos dominava. Navegáramos lentamente desde Trieste. Um luar clarissimo banhava as aguas argentinas do somnolento Adriatico. Ao alvo-recer a cidade surgia de subito ante a nossa vista deslumbrada. Fomos divisando um a um todos os marcos d'aquellas aguas familiares aos marinheiros — o Dogana e a Salute, a ilha de Guidecca, San Giorgio Maggiore, e para além o Grande Canal, e toda essa terra prodigiosa de suggestivo mysterio, que faz de Veneza o que ella é.

Visitara Veneza muitas vezes, mas nunca a semelhante hora, quando a sua população dormia e os seus magnificos carrilhões se conservavam silenciosos. Approximarmos-nos d'essa joia indo de Maerto, pela via ferrea, é manter a nossa curiosidade constantemente em vibração. A lagoa era n'esse momento uma toalha de agua estagnada sem haver nada que lhe encrespasse a superficie. Veneza pouco tem que mostrar ao viandante quando este se debruça da portinhola de um comboio. Mas contemplada do oceano, depois de uma viagem ao luar, quando uma especie de extase nos empolga em seguida a sahirmos do Adriatico e quando a nebrina principia a desvendar um cento de ilhas, que delicioso conjunto! A Europa não possui nada com que se orgulhe mais, constitue como uma especie de premio para os que viajam n'este seculo xx, de olhos cansados e de desoladora indifferença.

Mas a minha missão não é descrever Veneza, nem emittir a minha opinião a tal respeito. Quando as minhas primeiras sensações de deleite cederam o logar a uma mais solida satisfação, — a de que passaríamos alguns dias em terra — comecei outra vez a reflectir, principalmente no negocio que levava Jehan Cavanagh á Italia em agosto e a urgencia que o compellia a ir assar-se em Veneza quando podia muito bem navegar e deliciar-se pelos mares do norte. Com certeza a viagem não fôra para mim uma simples diversão. Trabalhara como um negro desde que sahimos de Barcelona, escrevendo volumes dictados por Mr. Cavanagh e encontrando montões de correspondencia em cada porto onde tocávamos. E' conveniente explicar que eram documentos commerciaes, que nada tinham com os negocios

particulares de Mr. Cavanagh. A despeito da sua opulencia, anciava ainda por ganhar mais dinheiro; não largava mão da gerencia das suas multiplas transacções; tratava de tudo como se fosse um corretor de Wall Street. O seu talento para as finanças, surprehendia-me. Percebi tambem que era um meio de se esquecer.

— A existencia mais digna de piedade é aquella que só tem uma face — observava elle quasi como desculpando-se. — Ganho dinheiro como qualquer outro collecciona porcelanas. E porque não? Não é só bonito mas agradável sentir o fino e assetinado papel das notas e dos cheques que nos sussurram na mão. Talvez não seja tão artistico como um bule com duzentos annos, mas é mais pratico e emocionante. Contam-se muitas pêtas ácerca do dinheiro, meu caro amigo. Nunca acredite na pessoa que lhe declarar que não gosta de enriquecer. Mente, tal creatura não existe. O que elle quer dizer é que não está para se imcommodar para ganhar dinheiro. Existe muita gente indolente, Ingersoll. Afigura-se-me que é até o vicio predominante.

— Mas, Mr. Cavanagh — retorqui — o aneio de enriquecer não é um acto digno de piedade?

— Não acredite isso, Ingersoll. Para juntar uma riqueza honestamente necessita-se possuir as mais altas qualidades de caracter, paciencia e actividade. Empreguei o termo «honestamente», porque qualquer velhaco pode roubar um diamante, qualquer embusteiro fundar uma companhia fraudulenta. Mas um homem que amontôa importantes haveres faz mais pelo bem da humanidade que o maior dos reis.

Era uma doutrina que não podia discutir, voltei de novo para o meu trabalho, desejoso de esquecer os dias que vivera em Bruges e em Madrid. Não o consegui. Passeava á noite no convés do navio — e que soberbo navio era — e repetia a mim proprio que o meu futuro era tão escuro como a noite. Vivia sem esperanza, sem refrigerio. Porque não havia de desembarcar em Veneza, dirigir-me a Baku e salvar Paulina Mamavieff, nesse mesmo instante? Havia momentos em que resolvia fazer isso, outros em que racionava: «Ella é criminosa; não a devo salvar» E assim andava por Veneza cheio de duvidas.

Almoçamos muito cedo nessa manhã, e Luthero James, o homem mais mandrião que tenho encontrado na minha vida, condescendeu em nos acompanhar. Não se importava nada contemplar qualquer cidade ao romper do dia. Só conversou ácerca de febres e disenterias.

— Gostaria de ter no meu laboratório uma garrafa cheia d'estes germens — observou elle, lembro-me, ao almoço — acharíamos com certeza em abundancia bacillos da febre tifoide que estamos agora em via de engulir. Não o quero desanimar, Cavanagh, mas o facultativo tem deveres a cumprir. A minha opinião é que nos conservemos a bordo e não nos arrisquemos. O que é Veneza, no fim de contas? Uma serie de construcções velhissimas á beira de um pantano. Enterrar-me-hão em S. Marcos se morrer, e não falo sufficientemente o italiano para ir d'aqui para o céo. Demais, ha medicos em terra, e a experiencia ensinou-me que ha sempre perigo em qualquer parte onde haja medicos. E' por isso que me ponho ao largo.

— Esqueceu-se então do que lhe disse em Barcelona? Reflecta, meu caro doutor, no perigo que tambem se corre a bordo. Ha tantas contingencias funestas. Olhe, vou tomar esta tarde a mala que parte para Milão. Se quizer...

Fitei muito depressa Mr. Cavanagh a estas palavras e quasi não prestei attenção aos protestos vehementes do medico. Iamos voltar para Inglaterra? Essa simples possibilidade determinou em mim um desalento que não pude disfarçar. Que valor tinham as minhas resoluções quando me encontrasse em Inglaterra? Está claro que Mr. Cavanagh percebeu logo o que se passava em mim. Era um ente que se comprazia com o misterio, e quando acabou de motejar com o doutor, foi com ares misteriosos que disse:

— Metta-se n'uma gondola logo que possa, Ingersoll, e vá onde a direcção d'esta carta indica. N'essa casa dar-lhe-hão instrucções, que seguirá. Se eu não estiver aqui quando voltar o capitão Greenwood fica ao seu dispor. Não perca tempo, e lembre-se que a responsabilidade do que succeder é exclusivamente sua. Confio interesses importantes á sua guarda e deve proceder o melhor que lhe fôr possivel.

Disse isto e muito mais, do qual eu só percebi o sentido muito vagamente. Segundo

todas as apparencias, Mr. Cavanagh preparava-se agora para desembarcar do yacht, e queria deixar-me dinheiro para uma ulterior viagem. A momentanea esperanza que poderia ir até o Mar Negro defez-se como fumo. Adduziu, comtudo, que o *Lobo do Mar* tocaria em Gibraltar e talvez em Lisboa para receber correspondencia. Certamente isto não significava que navegariamos para o Oriente e convenci-me porfim que havia em jogo qualquer interesse commercial e que fôra eu o escolhido, á falta de qualquer outro embaixador. Como não me podia excusar, accitei a missão de cara alegre e esperei até que as badaladas da torre soassem oito da manhã. A essa hora despedi-me de ambos e entrei n'uma gondola.

Os acontecimentos tomavam um novo rumo. Só em Veneza, sem a minima noção do assumpto que ia ali tratar, Mr. Cavanagh voltava a Inglaterra antes de mim, deixando-me uma carta dirigida a uma tal madame Mornier no Palacio da Ponte, que não sabia sequer onde ficava. Felizmente esta ultima difficuldade sanou-se pois o meu gondoleiro indicou-me qual era a direcção a seguir e tomou-me immediatamente debaixo da sua paternal protecção.

— Inglêss... yess, yess... meu pae... tambem inglês. Mim falar muito bem... certamente, signore... teve sorte... ha muitos embusteiros em Veneza... ci saremo in dieci minuti... não mais... eccoli?

Estava satisfeitissimo comsigo mesmo, e, conduzindo a gondola como altiva confiança, sahio do Grande Canal e atravessou numerosos canaes completamente desconhecidos para mim. Estacou por fim deante de uma antiga mansão não longe, como sube depois, da igreja de San Zacaria. Ali, condoendo-se da minha ignorancia de Veneza, trocou as saudações do costume com um porteiro, e decorrido um instante passava eu da torreira do sol para um d'esses antigos e magnificos vestibulos que são o orgulho dos palacios de Veneza.

Fazia escuro dentro de casa, apesar de escoar atravez de uma porta, aberta do outro lado, uma claridade branca. Aquella, enxerguei, deitava para um pequeno jardim, uma especie de pateo com uma fonte ao centro e com algumas raras flores vermelhas em redor. A grande escadaria, collocada do outro lado, fôra em tempos resplendente de

ouro e marmore, mas encontrava-se agora desbotada e gasta. Divisei as linhas de amplas telas penduradas na parede, mas não era capaz de descobrir vestígios de qualquer sêr humano. O caso surpreendia-me, e debatia-me n'um dilemma quando o som de uma voz que partiu do jardim me fez subir o sangue á face e pular o coração.

Era a voz do Paulina Mamavieff, e sem dizer nada a ninguem, entrei pelo jardim dentro. Compreendia agora o motivo porque Mr. Cavanagh me enviara ali e o que significava a sua carta.

XXIII

AS DESCONFIANÇAS DE PAULINA

Trazia um grande ramo de rosas na mão, e estava perto da fonte brincando com um feio cão de agua, que diligenciava arrancar-lhe as flores. Era ao animal e não a qualquer pessoa que dirigia as suas palavras, e tão entretida se encontrava que cheguei ao lado d'ella antes que sentisse os meus passos na vereda. Trajava um vestido azul claro, mas estranho e italiano para os meus olhos de inglez. Deixara cahir o seu bello cabello pelas costas abaixo e trazia um bonnet tambem azul claro. Era, não havia duvida, a minha pequena anarchista.

— Paulina — exclamei — esqueceu-se de mim?

Tremeu quando eu lhe toquei e as flores cahiram-lhe dos seus dedos nervosos. O rosto, onde se estampavam momentos antes as côres da felicidade, tornou-se pallido como o marmore da fonte. Não me resistiu, não respondeu á minha ardente pergunta; quedou-se muda e pregou em mim os seu inolvidaveis olhos. Conheci então que desconfiava de mim.

— E' o meu amigo inglez que me levou chocolate — disse por ultimo, e perguntou: — Porque voltou? Porque está em Veneza?

— Para a transportar para Inglaterra, Paulina, eis o motivo que me traz aqui.

— Foi Mr. Cavanagh quem o mandou...

— Que outro me poderia mandar? Vamos contar-lhe toda a verdade... a verdade inteira. Empenhei a minha palavra que assim succederia. Quer ajudar-me Paulina?

— Ajuda-me?!— gemeu, e eu recuei ante o

seu tom de desprezo. — Mas o senhor abandonou-me em Bruges. Oh, prometteu salvar-me e fingiu que não me conhecia na estação. Bem o vi ali; não tinha um unico amigo; não me quiz falar...

A sua phisionomia chammejava ao lembrar-se de tal e afastou-se de mim n'uma accusação justa, a que eu não podia responder. Que verdade encerravam aquellas palavras! Toda a minha discussão em Bruges terminara por uma docil submissão aos seus juizes. Assistira á sua partida para a Russia e não erguera um dedo para a libertar. A affirmativa do seu crime, a futil negativa da sua historia, satisfizera-me. Que esforços empregara eu para rebater os argumentos de Mr. Cavanagh, fossem elles quaes fossem? Tinham sido tão fracos, que se os rememorasse n'esse momento não me honrariam nada.

— Não me julgue ao de leve — balbuciei, procurando approximar-me d'ella — Lembre-se que conhecia pouco a sua vida quando fui a Bruges. Paulina, não me contou ao certo o que se passou em Baku... não me deu margem a auxiliar-a. Que podia dizer a Mr. Cavanagh... que Paulina confessava o crime, mas que eu acreditava na sua innocencia? Disse-lh'o; respondeu-me que as minhas affirmativas não eram exactas. Depois veio o caso do caminho de ferro...

Paulina ouvia-me com a maxima attenção.

— Que caso?

— Uma tentativa dos seus amigos para destruir o expresso de Vienna. Não o conseguiram... evitamos o attentado. Sahi de Bruges com Mr. Cavanagh e só quando voltei é que a vi na carruagem, mas muito tarde para lhe falar. Paulina, succedeu tudo isso por culpa minha? Tem razão para me censurar?

Não me respondeu immediatamente mas a sua mão que eu conservava na minha, tremeu, e senti o sangue pulsar-lhe com força nas veias. Se a nossa conversação se tornou assim íntima com tal rapidez foi devido á solidão do jardim. Quão distante elle estava da antiguidade que nos cercava! Muitos namorados tinham ali estreitado a amante nos braços; muito doce suspiro echoara por baixo d'aquellas amplas abobadas. E os sinos de Veneza repicavam então celebrando as suas alegrias, como hoje celebravam as nossas.

Disse que Paulina não me respondeu immediatamente, e, na verdade, as minhas palavras tinham-n'a tornado pensativa. Quando falou, foi ainda para me accusar, mas de uma maneira que eu não provocara.

— Pensa que eu tenho singulares amigos, não é verdade?

— Penso o que disse... nada mais.

— Ha muita gente louca que procede assim.

— Porque fala dessa maneira?

— Porque pensa uma injustiça. Nenhum dos meus amigos estava em Bruges quando Mr. Cavanagh ali se encontrava... excepto um, o velho Andrea, e esse jazia na prisão.

— Mas Paulina, conviveu com essas creaturas... visitou-os em Roma, Madrid e Napoles.

Paulina riu zombeteiramente.

— São dirigidos por creanças e obedecem-me — esclareu ella socegradamente. Havia tal franqueza na sua resposta que não redargui uma palavra.

— Só a comprehenderei bem Paulina... depois de ter vivido comsigo muitos annos. Mas agora vae para Inglaterra e isso será um inicio. Diga-me... porque não me devo esquecer do motivo porque vim aqui... quem é madame Mornier, e onde está?

— E' uma mulher velhissima, tão velha que deve ter nascido antes de Veneza emer-

gir do mar. Falou em carta? Não a pode ler; está quasi cega.

— Leia-a então a Paulina a ella e traga-me a resposta.

Não hesitou em fazer o que lhe aconselhei, embora eu percebesse que as minhas palavras a tinham perturbado fundamentalmente. Pegou na carta, e lendo o endereço com vivacidade, soltou uma exclamação que me intrigou, e em seguida deitou a correr para dentro de casa.

Decorreu um longo quarto de hora sem que tornasse a ver mais ninguem. Não se ouvia um unico ruido no jardim a não ser o murmurio da folhagem. Ouvia os gritos dos gondoleiros no canal, e as suas vozes chegavam até mim como de um sitio remoto a um subterraneo. Então, como por ironia, um lacaio appareceu na escada, e vi que trazia uma carta na mão.

— Senhor — participou em inglez. — Conduzirei mademoiselle ao yacht ás seis horas. Minha ama lamenta não se encontrar em condições de o receber.

— E mademoiselle? — perguntei-lhe.

— Está com madame Mornier.

Surpreendeu-me a sua ausencia. A carta que me entregavam não era para mim. Não tinha nenhum pretexto decente para me conservar no jardim. Sahi... mas dominado pela maior perplexidade.

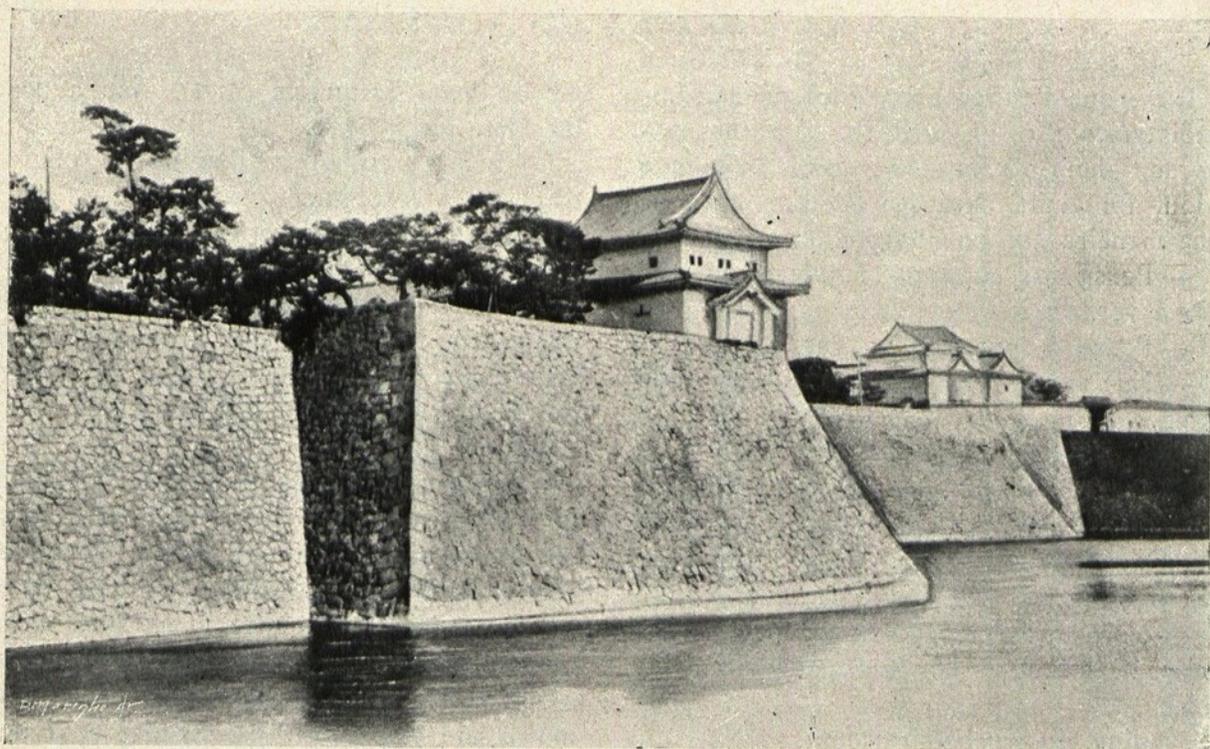
(Continúa.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.



Anniversario funebre

Em vez de um ramo de orvalhadas flôres,
Eu venho n'este dia, em magoa absorto,
Trazer ao teu jazigo — ó meus amores!
Meu pobre coração tambem já morto!



O CASTELLO DE OSAKA (Aspecto actual)

Vestígios da passagem dos portuguezes no Japão



colônia portugueza, estabelecida no Japão, reduz-se hoje a dois funcionarios (se tanto) — um ministro e um consul —, e algumas dezenas de macaenses e descendentes de macaenses, ocupando geralmente modestas situações nas firmas estrangeiras. Mercê do seu exotismo gracioso e das encantadoras apparencias da paisagem, o Japão é um paiz largamente frequentado por estranhos, por *touristes*; pois os *touristes* portuguezes resumem-se annualmente a uma meia duzia de individuos, vindos da China em curta visita de passeio, ou, como funcionarios, transitando entre Macau e a metropole, via America. Quanto a relações mercantis entre Portugal e o Japão, não passam ellas ainda de meras tentativas, indolentemente mantidas e de exito duvidoso. Quando a gente se ponha a pensar em tudo isto, parece quasi inverosimil — mas está a Historia a affirmal-o — que

houvessemos sido nós, portuguezes, que descobrimos, por meados do seculo xvi, o Nippon ao mundo occidental, encetando immediatamente intimas relações com os nipponicos, reservando-nos o exclusivo trafego europeu com o imperio e sendo mensageiros de um novo credo, a religião christã, que implantámos, exercendo em curtos annos uma brilhantissima catechese.

Bem curtos annos foram, com effeito — cêrca de oitenta —. Passámos, para rapidamente desaparecermos. Fomos um meteoro social. No entretanto, esta passagem deveria ter deixado aqui, na exotica civilisação que de surpresa devassávamos, vestígios inequívocos da sua acção prestigiosa. E deixou-os. O que acontece é que, desinteressados do Japão, como de todo o Oriente, e acalmada a febre aventureira que nos creou logar proeminente na vida mundial, pouco ou nada nos importa agora o estudo critico do rasto dos nossos proprios feitos, embora o assumpto se mostre captivante; abandonando a ta-

refa a outros, a estranhos, cujas apreciações peccam por vezes por falta do criterio e pouca lealdade.

As linhas que vão seguir-se referem-se aos vestigios que aponte. Não teem porém a pretensão, nem por sombras, a um estudo serio do assumpto; são simples notas avulsas, reunidas ao acaso, com o unico intuito de irem despertar algum interesse, sem demasiado enfado — por serem breves —, a leitores da minha terra.

Em 1542 (a data é um tanto discutida), os portuguezes descobrem o Japão ao mundo do Occidente. Em 1549, o missionario jesuita Francisco Xavier, hespanhol de origem, mas servindo os portuguezes, desembarca no Japão, em Kagoshima, e enceta a sua propaganda religiosa, seguido de perto por outros nossos missionarios e por numerosos mercadores. Em 1587, dá-se a primeira perseguição contra os christãos. Em 1597, em Nagasaki, vinte e seis christãos perecem em martyrio. Em 1624, após luctas cruentas, tragedias e massacres, o Japão fecha á christandade as suas portas, com excepção dos hollandezes, que acceitam, a troco de proventos mercantis, uma humillissima condição de quasi captiveiro, encerrados na ilhota de Deshima, no porto de Nagasaki. Durante 229 annos, o imperio mantem-se, pode dizer-se, incommunicavel. Em 1853, um commodoro americano, Perry, fundea a sua esquadra cêrca das aguas de Yokohama; é o primeiro passo para um reatar de relações, que marcam a extraordinária

evolução effectuada no paiz durante os ultimos cincoenta annos, bem conhecida de nós todos.

Começando pela data do nosso advento ao solo japonéz, é curioso observar que não restam do facto informações precisas. Não admira, todavia. Não podemos comparar este advento a uma verdadeira descoberta, como a da America, por exemplo. Desde os primeiros annos do seculo xvi, éram-nos familiares os mares do Extremo-Oriente; conheciamos a Formosa, o archipelago de Luchú (Ryúkyú em japonéz), as costas da Coréa; portuguezes e japonezes deviam encontrar-se amiudada-

mente no mar e em terras asiaticas, sem d'isto fazerem grande caso; e a uma ou outra das innumeradas ilhas do Japão, corridos com o mau tempo, alguns dos nossos teriam abordado por ventura, precedendo Mendes Pinto, que por seu turno a ellas abordou, trazido por uma tempestade.

Note-se, como circumstancia interessante, que o nome de Mendes Pinto não figura nas velhas chronicas nipponicas. N'um livro da época de Keicho (1596-1615), citado como a melhor auctoridade japoneza no assumpto, menciona-se que no 25.º dia da 8.ª lua do anno 12.º de Tembum (23 de setembro de 1543), chegou ao porto de Ta-

negashima (cêrca de Kagoshima) um grande navio tripulado por estranha gente de equipagem, sendo dois dos seus chefes Francisco e Kirishita (Christovão?) da Mota. Descreve-se em seguida, com minuciosa ingenuidade, as



GUERREIROS SERVINDO-SE DAS «TANEGASHIMA»

(De uma gravura de Hokusai)



O CASTELLO DE NAGOYA

(Aspecto actual)

espingardas que os estrangeiros possuíam, a que chamavam *téppô* (talvez por onomatopeia), de entre as quaes os habitantes do lugar compraram duas, por alto preço, aprendendo a usar d'ellas e depois a fabrical-as. O nome de *tanegashima*, em memoria do local, ainda hoje é empregado para indicar as antigas espingardas japonezas — agora artigos de museu, — iguaes ás nossas escopetas; e *téppô* é o termo corriqueiro de qualquer arma de fogo. Assim na lingua, ficou, o documento persistente do grande acontecimento que os portuguezes trouxeram ao Japão —: a introduccão das armas de fogo, as

lera dos Shoguns, dos generalissimos, os quaes, expulsando ou massacrando os missionarios, os mercadores e os convertidos, ordenavam ao mesmo tempo a destruição de todos os vestigios, que podessem recordar a religião da cruz. O rigor da censura subiu a ponto tal, que nem foram permittidas, em livros, as mais ligeiras referencias ao assumpto; nem os termos que designavam os christãos, os estrangeiros, podiam ser escriptos; o que explica a escassez de documentos litterarios que o Japão offerece em tal materia.

O fervoroso padre Francisco Xavier, desembarcando em Kagoshima, visitára segui-



NAGASAKI (Aspecto actual)

quaes impozeram desde logo importantissimas modificações na tactica da guerra e na construcção dos *shiró*, os castellos, alguns dos quaes ainda hoje de pé.

A nossa influencia no Japão, limitada ao periodo de 1542-1624, foi essencialmente religiosa e mercantil. Considerando-a pelo lado religioso, começo por dizer que não ficaram d'ella monumentos, no sentido usual d'esta palavra. Taes monumentos, se existissem, seriam egrejas. A madeira, que é aqui o material mais empregado na construcção dos edificios, a custo podéra resistir até aos nossos dias. Mas não foi a acção do tempo que derrubou os templos christãos; foi a co-

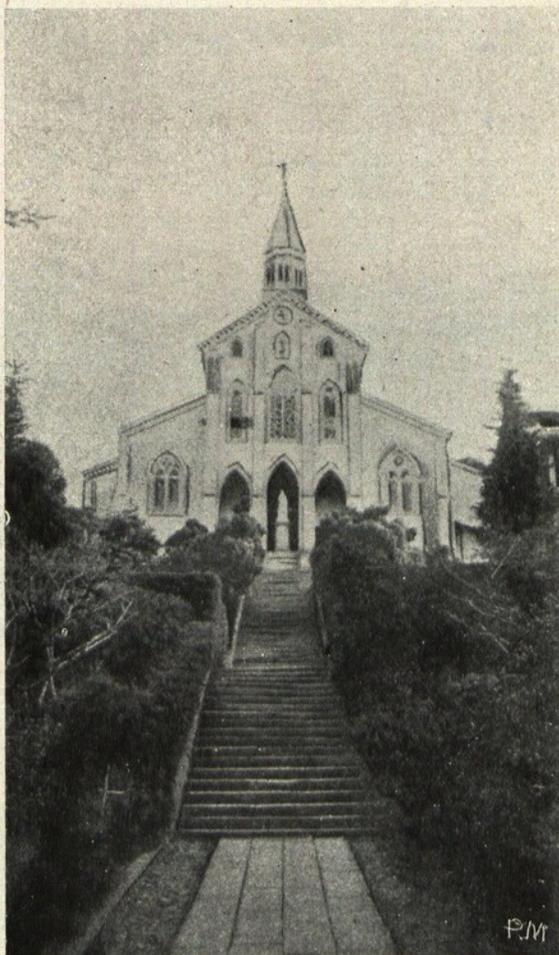
damente Hirado, Yamaguchi, Kyôto (a capital); effectuando milagres numerosos, segundo resam chronicas christãs, e convertendo nobres, e convertendo bonzos, e convertendo o povo. Outros jesuitas portuguezes seguiram-lhe o exemplo, juntando-se-lhes após os frades hespanhoes. Em 1582, a inteira ilha de Amakusa, grande parte das ilhas de Gotô e dos daimyatos de Omura e de Yamaguchi são christãos, contando-se umas seiscentas mil almas convertidas. Embaixadas japonezas vão a Roma, prestar obdiencia ao chefe supremo da Egreja, e passam por Lisboa. No começo do seculo XVII, cêrca de um milhão de catholicos, espalhados por todo o

imperio, representam a christandade japoneza. E é pouco após que, por ordem de Hidayoshi, de Iyeyasu e dos shoguns que se foram succedendo na dynastia Tokugawa, as perseguições começam, inauguram-se e proseguem os massacres, os martyrios, os terríveis decretos repressivos, é arrasada a obra inteira dos missionarios portuguezes, a religião christã julgada um crime, sendo expulsos ignominiosamente os estrangeiros. Foi então que muitos japonezes convertidos fugiram para Macau, onde deixaram traços — de raça, de costumes, de linguagem — reconhecíveis até hoje.

Agora é tempo de alludir, de relance, ao vestigio mais commovente, mais enternecedor e mais inesperado, que ficou da nossa passagem no Japão. Após a vinda do commodoro americano, o Nippon ia reabrindo pouco a pouco as suas portas aos estranhos, não de bom grado, mas á força. Redigiram-se e ratificaram-se tratados. Uma missão catholica, franceza, estabeleceu-se no imperio. Em 1862, uma igreja foi erigida em Yokohama. Em janeiro de 1865, uma outra, a igreja dos Vinte e Seis Martyres, elevou-se em Nagasaki. Ora, no dia 17 de março de tal anno, em Nagasaki, um grupo de doze ou quinze japonezes — homens, mulheres e rapazio — juntava-se á porta da igreja. Surpreso, o padre Petitjean abriu a porta, entrou com elles, ajoelhou junto do altar e poz-se a orar. Então, tres mulheres, já idosas, approximaram-se do padre; e uma d'ellas, com as mãos sobre o peito e falando mui de manso, como se receasse que as paredes tivessem ouvidos para escutal-a, disse-lhe que o coração d'ella e os corações de todos os presentes eram iguaes

ao seu, ao coração do padre... Petitjean, commovido, perguntou-lhe donde vinham. Vinham de Urakami, aldeia proxima. E a velha accrescentou: — «*Santa Maria no go zô wa doko?*» (onde está a nobre imagem de Santa Maria?).

Desvendava-se um interessantissimo mysterio. Todas as perseguições, todos os martyrios, todos os decretos repressivos, toda a espionagem exercida contra o christianismo, durante dois seculos e meio, não haviam logrado extirpal-o do Japão. Embora sem padres e sem templos, as crenças persistiam, em familias contadas por milhares. Em Urakami, em Gotô, em Nagasaki e n'outros pontos, os christãos pullulavam, praticando o culto como melhor podiam, a occultas; de quando em quando, denunciados por espiões ás auctoridades do local, alguns pagavam com a vida a constancia na fé dos seus avós. Gente simples e rude — pescadores, camponezes —, aquelles pobres crentes faziam recordar de certo modo os primeiros discipulos de Jesus, unidos como irmãos pelo prestigio de uma idéa, soffrendo pelo martyr de Golgotha. Em cada um dos gremios secretos dos



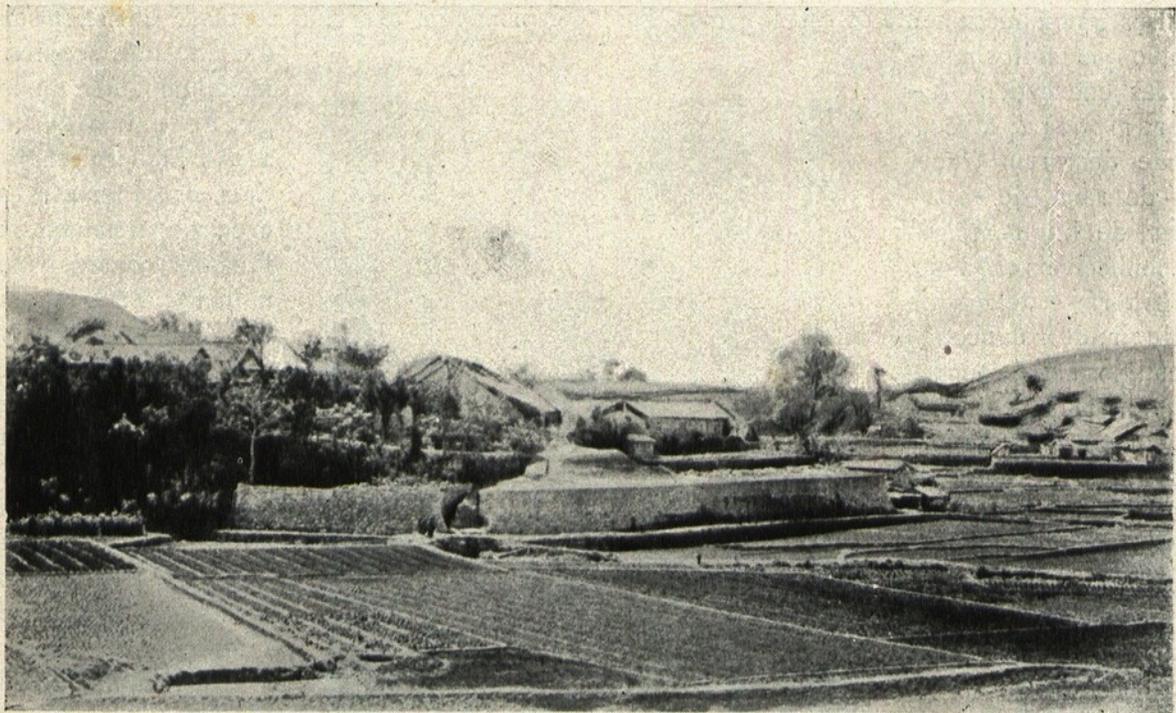
A EGREJA CATHOLICA DE NAGASAKI
(Aspecto actual)

christãos, havia um individuo que exercia o cargo hereditario de baptisar as creancinhas, conhecendo, mais ou menos, as praticas latinas usadas em taes casos. Todos aquelles japonezes possuiam, além do seu nome nipponico, dado aos registros officiaes e correntemente conhecido, um nome christão, de baptismo, para uso intimo, apenas balbuciado em confidencia; um era *Paoro* (Paulo), outro *Domingo* (Domingos), outro *Rorenço* (Lourenço), outro *Mikeru* (Miguel), uma mulher chamava-se *Iwana* (Joana), uma

rapariga tinha o gracioso e ingenuo nome de *Izaberina* (Izabelinha). Sabiam de cór, em latim, o Padre-Nosso, a Ave-Maria, a Salvè-Rainha; tinham livros de orações, resavam juntos, commemoravam o Natal, a Paschoa, guardavam os domingos; benziam-se á portugueza, o que a principio deu muito que

bisnetos — ás vezes uma simples conta, destacada de um roزاریo.

Em plenos meados do seculo XIX, resurgiram, por algum tempo, as perseguições contra os christãos; alguns d'elles, fracos de espirito ou postos a tortura, fizeram publica apostasia; outros — o grande numero



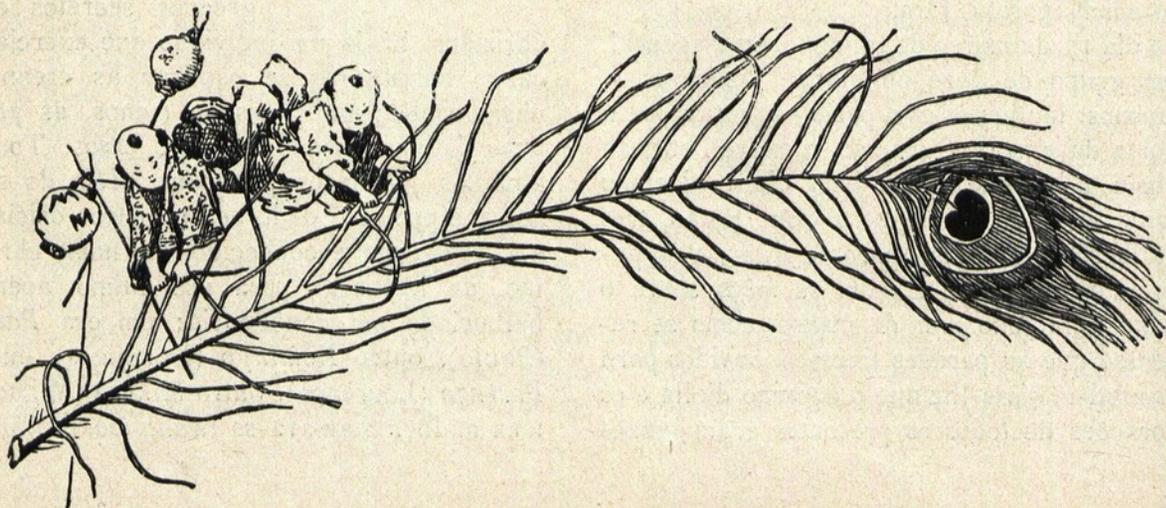
O VALLE DE URAKAMI

pensar ao padre Petitjean, que se benzia á sua moda. Os missionarios francezes encontraram uma gentil pintura, representando a Virgem, uma bella cruz de cobre e outras reliquias; muitas familias possuiam uma lembrança qualquer dos padres portuguezes, legada de paes a filhos, e d'estes a netos e a

— distinguindo-se entre elles o septuagenario Domingos Zenyemon, mostraram nobre firmeza em suas crenças. Mas, mercê da intervenção dos diplomatas estrangeiros, e tambem do espirito da época, tudo cessou em breve; a liberdade dos cultos assentava arraias no paiz do Sol Nascente.

(Continúa.)

WENCESLAU DE MORAES.

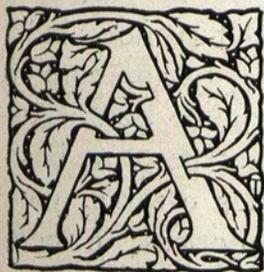


A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

ALEMTEJO



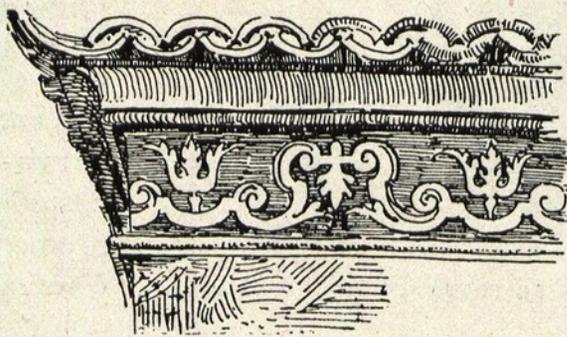
SACRISTIA conserva a sua formosa abobada hemispherica: os caixotões que a adornam são de estuque com motivos ligeiros, as tabellas com uns como brutescos italianados, em pintura de bom lavôr; nas praças, largas, intermedias, umas fracas pinturas jesuiticas, conversões e quejandos assuntos. O atrio respectivo representa uma abobada de base quadrada, hemispherica, reparada em esquadraturas, descansando em quatro columnas, de aspecto aprazivel.

A capella particular do Cardeal, no primeiro andar, é bella, já como architectura já como decoração; é um recinto rectangular com abobada de berço e tendo um annexo redondo com uma cupula. O primeiro compartimento é de abobada de berço, estucada, com tabellas e caixotões; a cupula de mar-

more com uma bella cornija sobre arcos e penduraes; a janella redonda emoldurada por escudetes; por cima ergue-se um tambor com quatro janellas, duas das quaes, cegas, e nos intervallos uns nichos com imagens de jesuitas.

A abobada é formosa, com o seu adorno de caixotões, pretos e brancos. Nos lanços inferiores da parede atinentes ao altar de obra de talha, alternam o estuque e azulejos, obra muito mais moderna.

E' importante o pateo nobre da Universidade com as suas arcarias; estas, de dois andares nos dois lados principaes, á mão esquerda e á direita, e apenas praticaveis no piso



EVORA — FRISO DE ESGRAFITO, EM UMA CASA

terreo. As proporções do conjuncto, bem como as proprias columnas de marmore, são pesadas e deficientes em finura. Ao centro da frontaria encimando a entrada, a antiga aula (a igreja em época anterior), no primeiro andar; a despeito do seu estado de ruinas, a melhor quadra em todo o edificio.

A fachada é um tanto maçada, posto que não destituida de effeito; pilastras de marmore com embutidos pretos e de côres, e tres janellas rectangulares lhe decoram a superficie; o frontão que a topéta é pronunciadamente barôco com os seus anjos e quartões, toscos e grosseiros, comquanto sejam de marmore.

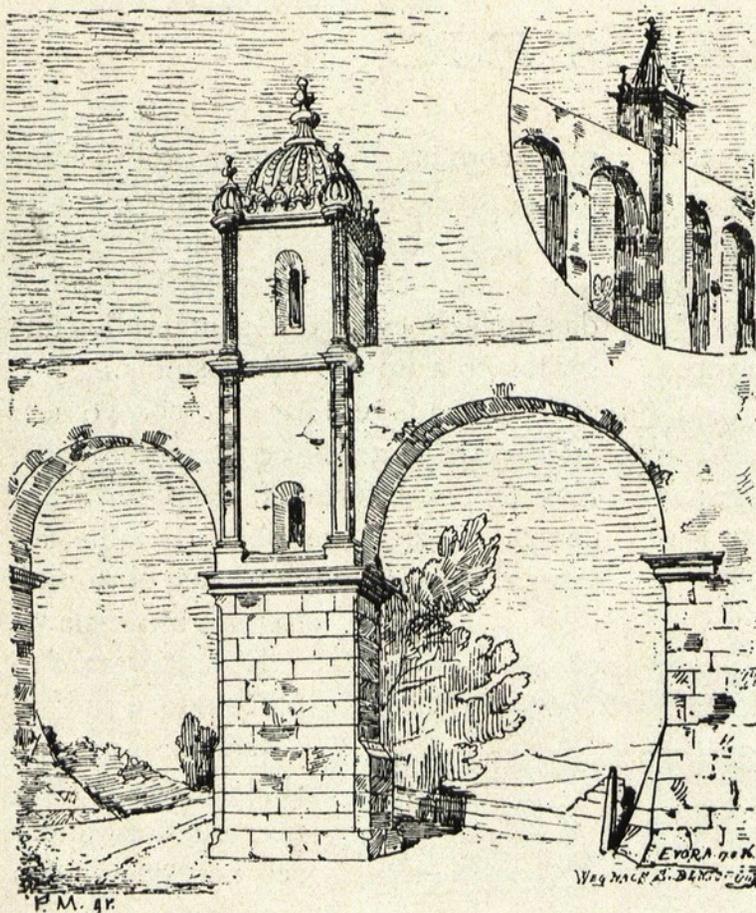
O interior da sala descreve um pa-

ras de grutescos; no topo, os alizares e parapeito de marmores da tribuna para os ouvintes, entrecorridos de estuques, muito ricos.

Na face que fica em frente da entrada, no espelho do frontão, um escudo de armas de marmore aguentado por dois anjos, por baixo o taburno com uma escada de marmore branco, (o sitio do altar ou logar para o Cardeal?). A decadencia de tão sumptuoso recinto é objecto de magua para todo aquelle que préza a Arte.

Das edificações religiosas do Cardeal topamos ainda, mais para baixo, com a vasta igreja de Santo António, no mercado, uma basilica, simples e tosca, com columnas doricas; e bem assim com o convento de Santa Clara, proximo da Universidade, ostentando um famoso claustro geral com uma grandiosa columnata de columnas doricas, de granito, inferiormente, e cujo effeito é deveras monumental. Na sacristia conserva-se uma esplendida custodia da Renascença, promanando egualmente do Cardeal.

Edifícios quer profanos quer particulares não abundam pela cidade; apenas o primitivo carcere municipal, no mercado, do tempo de D. Manuel, é digno de menção, com a sua architectura gothica do ultimo periodo, austera e de bom aspecto, augmentado ainda pela arcada do piso inferior, e as competentes grades de ferro, fortes e rudes, com cabeças de animaes e carrancas. Em frente da outra metade



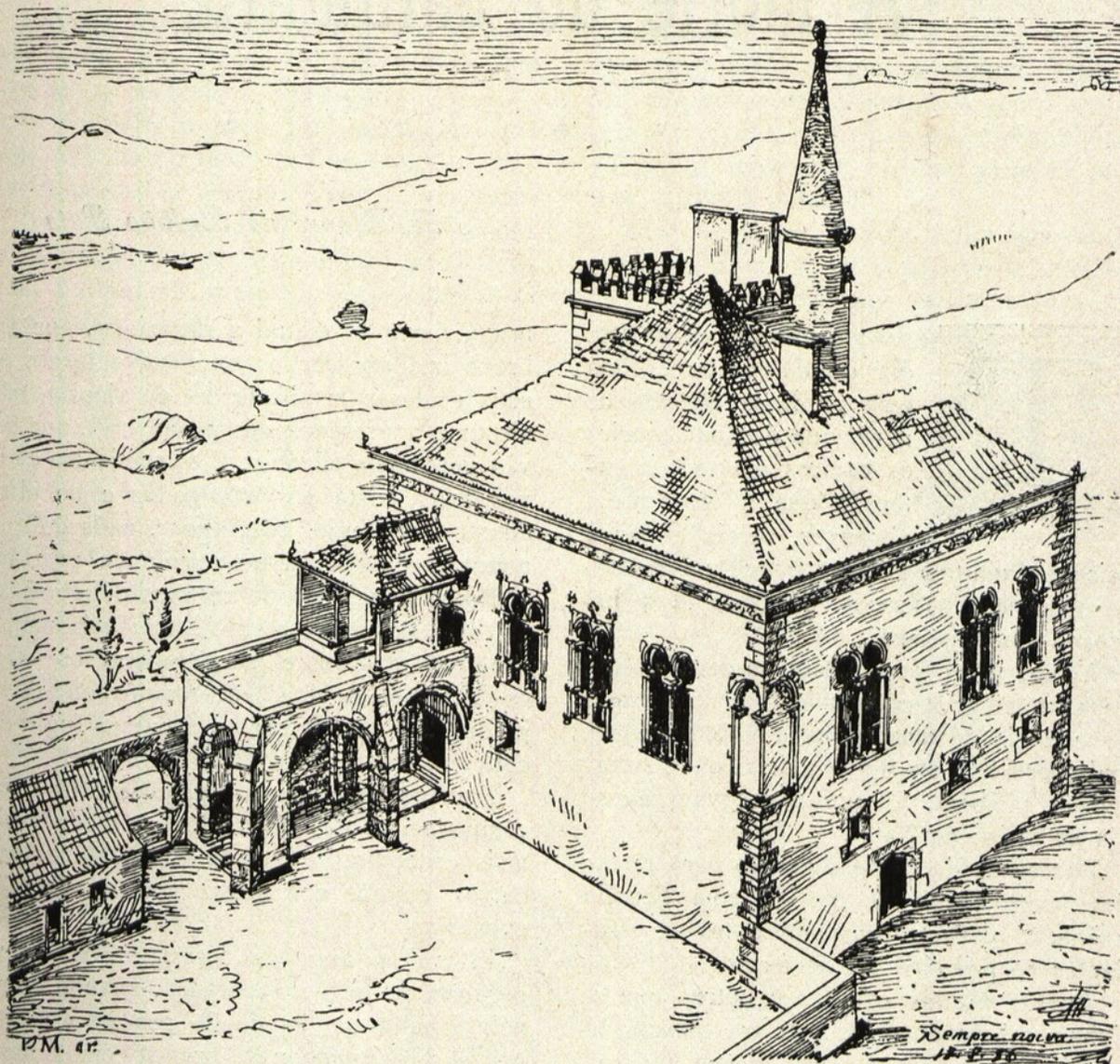
EVORA — AQUEDUTO

rallelogramo, com tecto de maceira flexuado, estragadissimo. Depara-se-nos em frente uma tribuna, e em redor um estrado com um luxuoso antemural de marmore branco; as paredes apresentam um silhar de azulejos, entre pilastras muito pintalgadas, por cima uns listões de estuque, á laia de hermetas, com seraphins e festões, entre estes, umas tabellas com pintu-

do edificio existe uma arcaria no primeiro pavimento com nove finissimas columnas doricas sobre um eirado, nos intervallos uns fragmentos romanos encastoados na parede. A colum-

actividade de Andrea Sansovino, no paiz.

As ruas, conforme ficou exposto, estão cheias de architectura amouriscada coetanea de D. Manuel; o exemplo de



PAÇO DA «SEMPRE NOIVA», PROXIMO DE EVORA

nata de singular elegancia, toda ella de marmore, pelos visos é coeva de D. João III, e comtudo, não consigo esquivar-me á impressão, de como poderá apresentar ainda uma reliquia da

uma janella caracteristica reproduzida a estampa da residencia de Garcia de Resende, biographo e valido de el-rei D. João II, que aqui veiu a fallecer em 1520.

(Continúa.)



A morte do barqueiro

A Alvaro de Bulhão Pato



MINHA amanhecido triste esse dia de dezembro. Nem essa immensa camada de neve, que de noite cobrira os campos em toda a extensão que a vista podia abranger, servia a dar á paisagem um tom alegre, porque um espesso nevoeiro circumscrevia o horisonte a um espaço limitadissimo.

Apesar d'isso porém sentiam-se possuidos de uma alegria communicativa os rapazes do collegio de uma pequena villa do norte, muito proximo da minha aldeia, onde eu estudava tambem. E' que começavam n'esse dia as férias do Natal.

Puzera-se de parte o estudo para tratar dos preparativos da partida com aquella animação característica de todos os estudantes no primeiro dia de ferias.

Apenas alguns cabulas e outros que se tinham salientado pelas suas travessuras, ficavam de castigo. Eu era d'estes ultimos.

Já minha mãe havia escripto ao director do collegio, pedindo-lhe que, pelo menos, me deixasse ir a casa os dias de festa, mas nada conseguira.

Que não, que eu precisava ser punido severamente, pois d'outra fórma nada se faria de mim, dizia.

Eu sabia tudo isto, mas não tinha perdido a esperança: custava-me a crêr que minha mãe se resignasse facilmente com a idéa de que eu passasse fóra de casa o Natal — essa tradicional festa de familia.

No emtanto decorreram longos momentos de cruel expectativa; soára a hora do al-

moço, durante o qual a rapaziada, que em breve iria abraçar os seus, dava largas ás mais ruidosas manifestações de alegria, não obstante a presença dos professores, que em vão impunham silencio. E eu sentia-me cada vez mais triste por não poder como elles deixar o collegio, que, agora, mais do que nunca me inspirava uma profunda aversão.

No meu cerebro de creança debatiam-se já os mais tenebrosos projectos; pela minha imaginação ardente perpassavam os mais extraordinarios planos de revolta; eu estava já disposto a, em ultimo recurso, fugir do collegio, escalando o muro da cêrca.

Em vão procuravam animar-me os meus companheiros de infortunio: conservava-me mais concentrado e triste que qualquer dos outros, eu que era talvez o mais alegre e expansivo.

Estava no auge do desespero, visto que perdera de todo a esperança, quando entra pela janella um bando de pombas e d'esse bando se destacou uma, branca como a neve que cobria os campos e, no seu vôo, passou tão perto da minha cabeça, que eu senti as suas azas tocarem-me ao de leve nos cabellos.

Fui, n'esse momento alvo de uma manifestação dos meus camaradas, que pretendiram animar-me, fazendo-me crêr que a pomba branca era emissaria de boas novas.

Confesso que me deixei influenciar pela superstição, e que este rapido incidente me veio distrahir um pouco.

Mas o tempo ia passando, faziam já os meus condiscipulos as suas despedidas, sem que nada viesse avivar-me a esperança.

Ia novamente sentir-me assaltado pelo mais profundo desanimo, quando vi que o director do collegio se dirigia a mim, trazendo na mão uma carta.

Esperei, invocando toda a minha coragem, pois calculei que pouco agradável seria o que eu ia ouvir, a avaliar pelo seu aspecto carrancudo.

Enganei-me porque elle apenas me disse com uma voz secca e grave com que procurava occultar a commoção:

— Prepara-te para ires para casa, que tens alli um creado á tua espera. Tua mãe ha-de perder-te com tanta condescendencia.

Não havia duvida: a pomba intercedera mysteriosamente por mim. Minha mãe escrevera novamente, suplicou, pediu como só as mães sabem pedir.

Eu ia a ferias.

Dissipara-se o nevoeiro; não se sentia a mais leve aragem; o sol, em todo o seu esplendor, dissolvia lentamente os crystaes da neve, arrancando-lhes, ao mesmo tempo, fulgidas scintillações que me deslumbraram.

Para se apreciar bem a felicidade é preciso que ella nos tenha custado muito sacrificios. Nenhumas ferias eu apreciei tanto como estas, porque nenhuma das outras tinham sido precedidas de tantas e tão dolorosas emoções para mim.

Foi por isso que eu, já na estrada, a caminho de casa, me julguei o homem mais feliz do Universo.

O criado ia-me contando as novidades da aldeia e, entre ellas, deixava-me pensativo a que se referia á doença do barqueiro que provavelmente nós iamõs encon-

trar já sem vida, pois dissera-me o creado, na sua rustica ingenuidade, que elle apenas esperava ser confessado para morrer tranquillo.

Era meu amigo o velho barqueiro.

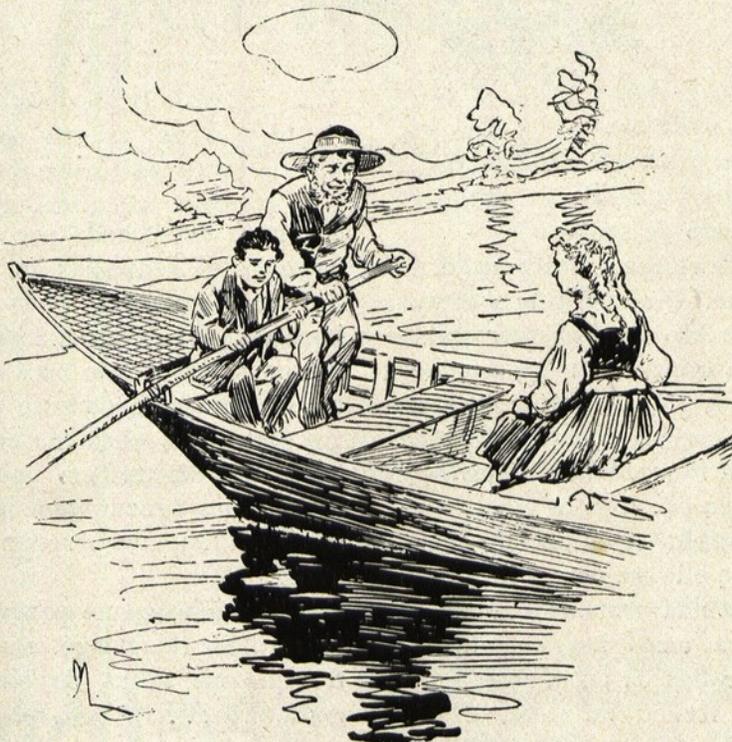
Ensinára-me a nadar, ensinara-me a remar e contava-me historias de mouras encantadas e de tragicos naufragios que me produziam arrepios e ao mesmo tempo divertiam a minha imaginação infantil. Depois, era elle o pae de Leonor, essa gentil creança, a flôr das raparigas da minha aldeia, cuja rara formosura exercia já sobre mim uma estranha influencia.

Bem reconhecia o bom velho que, entre mim e a filha, havia uma grande affeição, mas eramos ambos muito creanças para que esse factõ pudesse preoccupal-o.

Na concentração do espirito que me adveio, da impressão de desalento que em mim produzira a noticia da doença do barqueiro, e da piedosa tarefa, que a mim proprio impuz, de confortar Leonor no caso mais provavel da morte de seu pae, eu ia-me aproximando de casa sem dar por isso. Esse soberbo espectaculo que a natureza me offe-

recia, era-me quasi indifferente.

Eu via já as casas da minha aldeia, amontoadas na margem do rio, que eram como um bando de cysnes que tivesse deixado os alcantis da serra; divisava já as oliveiras da encosta, qual multidão immensa de noivas gentis, vergadas ao peso do véo branco da neve; sentia o Douro, d'essa inconfundivel belleza funebre,



ERA MEU AMIGO O VELHO BARQUEIRO.
ENSINARA-ME A REMAR...

a marulhar soluçante por entre as pene-dias.

Tudo isso, tudo, tinha para mim uma melancolica poesia. Esse vasto lençol de neve dava-me apenas a idéa de uma mortalha colossal, a envolver o cadaver do desventurado barqueiro.

Foi sob uma immensa impressão de tristeza, a contrastar com a alegria de minha familia, que eu entrei em casa, onde pouco depois chegava tambem o padre que vinha administrar a extrema-uncção ao barqueiro.

Pedia-me o padre que o acompanhasse.

Fui.

Ao entrar em casa de Leonor, ao ver essa casa de um irreprehen-sível asseio, mas na qual se notava logo a extrema pobreza de seus paes, eu avalei n'um momento as dificuldades que se seguiriam á morte do barqueiro que, a ella e a seus irmãos, deixava como unico patrimonio o barco, que elle recebera tambem, como unica herança de seus paes, que por sua vez o tinham herdado de seus avós.

Senti-me verdadeiramente horrorizado ao ver o pobre velho. Dir-se-hia que estava alli um cadaver se não fosse a sua respiração offegante, que commovia todos aquelles que presenciaram os seus ultimos momentos. Leonor que trocára commigo um olhar em que brilhou uma alegria fugaz, estava de joelhos, junto da cama de seu pae, com os olhos, vermelhos de chorar, solto o seu cabello louro, esse cabello de que ella me dera n'uma despedida, uma pequenina trança perfumada.

O padre dissera umas breves palavras em latim e, mal acabou de pronunciar a ultima, o barqueiro fechou os olhos, e não mais se ouviu a sua respiração.

Morrera.

Mas, antes de morrer, eu vi que o seu olhar vitreo, gelado como a morte, ameaçador como a lamina d'um punhal, se fixava insistentemente, ora em mim, ora na filha, como se tivesse a dizer-me alguma coisa em relação a ella.

Não sei qual fosse a significação d'aquelle olhar, o que sei é que, a partir d'esse momento, eu reconheci que entre mim e Leonor, havia um abysmo insuperavel — o cadaver de seu pae.

E foi por isto que eu d'ahi em deante

me desviava sempre dos logares onde podia encontrar-a. Ella estranhou a minha ausencia e, passados meses, procurou occasião de se encontrar a sós commigo, sob um pretexto futil, para censurar o meu procedimento.

Linda, como nunca, no seu vestido preto, a contrastar com a alvura da sua pelle, não sei que estranha influencia exerceu em mim, que eu senti-me enfeitado pelos seus

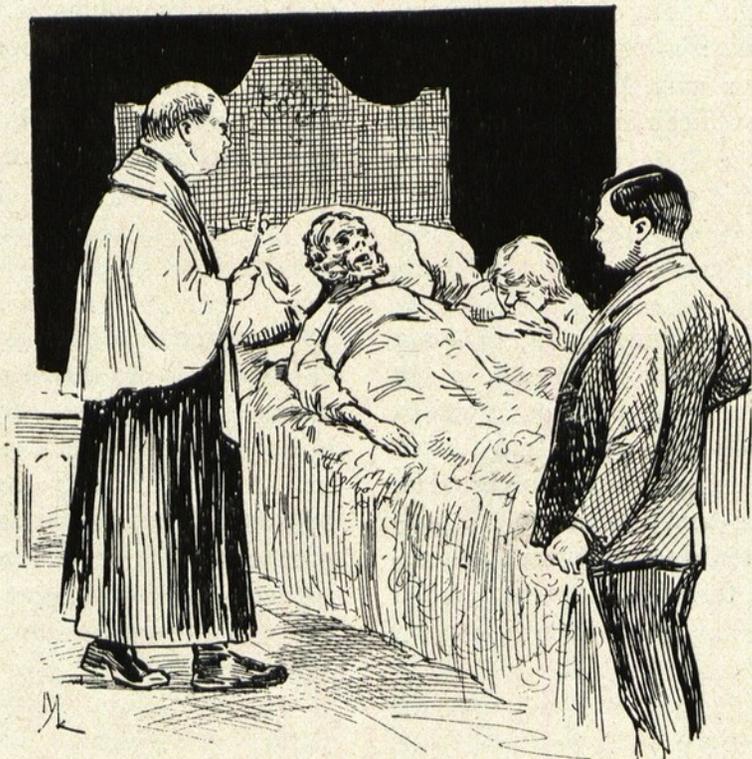
encantos, esquecendo por completo todos os protestos de renunciar ao seu amor.

Poucas palavras tinha dito quando as lagrimas lhe embargaram a voz. Essas lagrimas foram bem mais eloquentes do que tudo quanto ella pudesse dizer-me.

Commovido, cheio de entusiasmo, apertei-a ternamente em meus braços e os meus labios procuravam já os seus, quando senti um impulso irresistivel a afastar-me d'ella.

Pela minha mente perpassara, com a rapidez d'um relampago, essa impressão sinistra que me ficara do olhar do barqueiro moribundo...

Desculpei-me o melhor que pude, fiz-lhe ver todas as vantagens da nossa separação



LEONOR ESTAVA DE JOELHOS JUNTO DA CAMA...

e por fim despedimo-nos, ella chorando, eu, triste é certo, mas com aquella resignação evangelica que nos advem do dever cumprido.

São decorridos bastantes annos, Leonor! Mas apesar d'isso, ainda hoje, quando evoco essas saudosas recordações da minha infancia,

esse querido rio que nós sulcavamos destemidos no teu barquinho, as suas margens



COMMOVIDO APERTEI-A TERNAMENTE EM MEUS BRAÇOS...

morte, ameaçador como a lamina d'um punhal...

F. A. CORRÊA.

GENEZIS

Trazia na minh'alma entristecida,
Da dôr de te não vêr ha tanto tempo,
Não sei que vagas sombras, que da vida
Me tornavam de dôr cada momento.

Para tí a fugir-me, o pensamento
Só em tí se quedava; e tu, querida,
Como cruel, ligeira como o vento,
Fugindo me deixavas triste lida.

Emfim. Hontem passei á tua porta;
E avezinha voltando ao doce ninho,
Fazendo reviver a estancia morta,

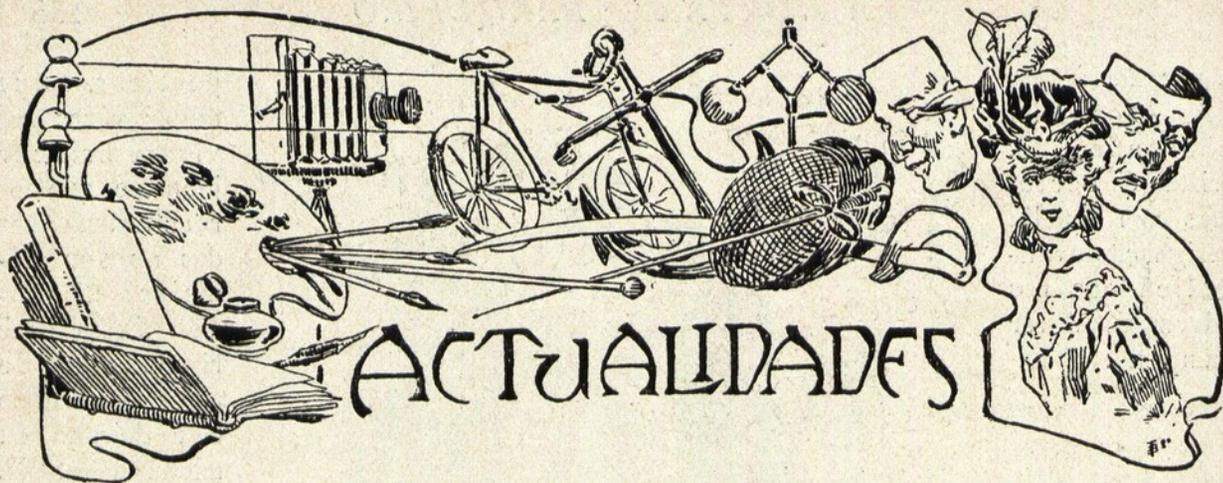
Com tal doçura olhaste e tal carinho,
Que já a vida agora me transporta.
Bem dito o teu olhar, ó meu anjinho!

Fundão.

Celestino Monteiro.

Somatose

Reconstituente de primeira ordem
Estimula fortemente o appetite
Farbenfabriken vorm. FRIEDR. BAYER & C.^o, Elberfeld.



Grandes topicos

A Turquia constitucional. — A evolução que ha pouco menos de um anno se tem manifestado na politica interior da Turquia, e que teve como resultado substituir o absolutismo por um regimen constitucional, recebeu a sua consagração na fundação de um parlamento ottomano, cuja abertura official se realisou em Constantinopla a 17 de dezembro do anno passado.

O novo parlamento compõe-se de duas camaras: a dos Senhores ou Senado e a dos Deputados. O presidente e os membros da primeira são designados pelo Sultão, não podendo o numero dos senadores exceder o terço dos membros da camara dos deputados. Os deputados são eleitos por escrutinio secreto á razão de um por cada cincoenta mil habitantes do sexo masculino, realisando-se as eleições geraes todos os quatro annos.

A constituição que rege a nova fórma do governo ottomano data de 23 de dezembro de 1876, tendo sido promulgada solemnemente alguns mezes depois da elevação ao throno do actual sultão Abdul Hamid II, que bem pouco tempo, porém, cumpriu a promessa de respeitá-la, e desde 1880 submetteu a Turquia ao systema de governo despotico mais absoluto.

Os partidos liberaes, cujos chefes tiveram de refugiar-se no estrangeiro, não desarmaram porém, mantendo diversas associações secretas, que, desde ha dois ou tres annos, haviam organizado a propaganda methodica entre o exercito e as auctoridades religiosas e no proprio povo. Em começos de julho do anno passado, contando com o apoio de alguns corpos do exercito que tinham ganho para a sua causa, os *jo-vens turcos*, — como são denominados os reformistas — decidiram iniciar o movimento revolucionario tão pacientemente preparado durante trinta annos. Houve ainda uma veleidade de resistencia por parte do sultão, mas Abdul Hamid depressa comprehendeu que, dada a gravidade da situação, lhe convinha mais transigir, e por isso em 24 de julho a antiga constituição era officialmente restabelecida.

As operações eleitoraes começaram logo em setembro e tiveram como resultado uma importante maioria parlamentar em favor dos partidarios das reformas, que estabeleceram um programma politico e social destinado a completar a obra tão brilhantemente encetada, sendo essa a tarefa que o actual parlamento prometeu executar, mas que provavelmente não terá forças para realizar.



(Ulk)

(Berlim)

A DOENÇA DA ALLEMANHA

— *Minha senhora, o seu temperamento tem crises que eu não posso con jurar. Confesso francamente que não espero que este remedio lhe faça muito bem.*

(Na Allemanha o excesso das despesas sobre as receitas é formidavel. O parlamento quer impôr economias, mas o governo não se sente disposto a acceptá-las).

pletar a obra tão brilhantemente encetada, sendo essa a tarefa que o actual parlamento prometeu executar, mas que provavelmente não terá forças para realizar.



(Punch)

(Londres)

O PAE ADOPTIVO

ABDUL HAMID — *Quem me diria ha um anno que havia de chegar a isto, a ser ama secca?*

(Refere-se o Punch ao salto que deu a Turquia passando rapidamente do governo despotico do sultão ao systema constitucional.)



(International Syndical)

(Baltimore)

O ACCORDO ENTRE A AMERICA E O JAPÃO

Os Estados Unidos e o Japao fizeram um accordo para olhar pela China e protegerem os interesses d'esses dois paizes no Pacifico.

(A allusão é clara. Feito o accordo entre as duas nações, quem tem tudo a perder é a China.)

O presidente Taft. — E' agora nos primeiros dias de março que o novo presidente dos Estados Unidos eleito em 3 de novembro ultimo, irá insta-

lar-se na Casa Branca, com o fim de cumprir o seu mandato que dura quatro annos.

O sr. Taft, candidato do partido republicano, e protegido de Roosevelt, que reuniu a maioria dos votos, triumphando por isso do sr. Bryan, candidato do partido democratico, seu principal adversario, é um magistrado de carreira. Em 1885, quando era juiz de primeira instancia, mereceu a attenção do presidente Harrison, que o nomeou procurador geral. Foi n'esta occasião que veio para Washington e se ligou com Roosevelt. Em seguida foi juiz do tribunal federal, do qual transitaria seguramente para



(Wahre Jacob)

(Stuttgart)

AINDA OS DARDANELLOS

O urso moscovita e o leão britannico olham sófregamente para o boião de doce do estreito dos Dardanellos e pensam se não seria melhor devorarem-se primeiro e o que escape comel-o depois.

(Allusão ao eterno empenho da Russia e da Inglaterra dominarem no estreito dos Dardanellos, chave do Mar Negro.)

o supremo tribunal dos Estados Unidos, se as circunstancias o não tivessem obrigado a deixar a magistratura.

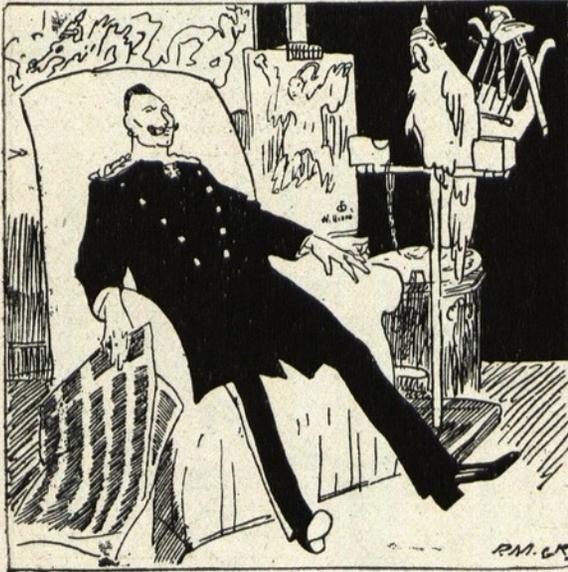
Depois da guerra hispano-americano o presidente Mac Kinley designou-o efectivamente para o logar de governador das Philippinas, e o sr. Taft conseguiu desempenhar-se lisongeiramente de tão pesado e difficil encargo.

Quatro annos mais tarde foi nomeado ministro da guerra e das colonias. N'esta qualidade deu provas de uma excepcional actividade, occupando-se simultaneamente da construcção do canal do Panamá,

dos problemas politicos da America Central, do estabelecimento em Cuba de um governo com bases duradouras e da manutenção da ordem nas Philippinas, sem falar de outras questões de menor importancia.

O sr. Taft só abandonou a gerencia da sua pasta quando foi declarado candidato official á presidencia da republica.

Os acontecimentos de Marrocos. — Como é sabido, o reconhecimento official de Mulaï Hafid pelas potencias é, desde os primeiros dias de janeiro, um facto official. Tendo os representantes estrangeiros recebido o consentimento dos seus governos, uma



(Le cri de Paris)

(Paris)

UM POUCO DE SOCEGO

GUILHERME II — *Boa Madame Steinhel, muito te agradeço o dares-me um pouco de socego.*

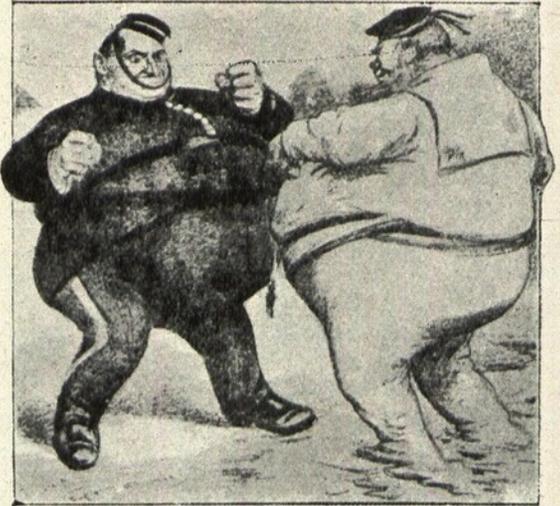
(O imperador da Allemanha com a sua imprudente loquacidade era o thema de todas as conversas. As declarações de Madame de Steinhel sobre o crime do «impasse Roussin», em Paris, desviou as atenções da sua imperial personalidade.)

nota collectiva notificando o reconhecimento, cujos termos foram assentes pela França e pela Hespanha, foi entregue, pelo decano do corpo diplomatico, ao delegado do sultão em Tanger.

Eis resumidamente o texto d'essa nota, conforme as informações das mais auctorizadas revistas politicas estrangeiras:

«Os governos signatarios da acta de Algeciras receberam a carta datada de 4 de Ecada 1326, que Mulaï Hafid lhes enviou por intermedio do decano do corpo diplomatico em Tanger, em resposta á sua comunicação de 18 de novembro.

«Os governos dos paizes representados em Marrocos acolheram com satisfação esta resposta, na qual



(Fischietto)

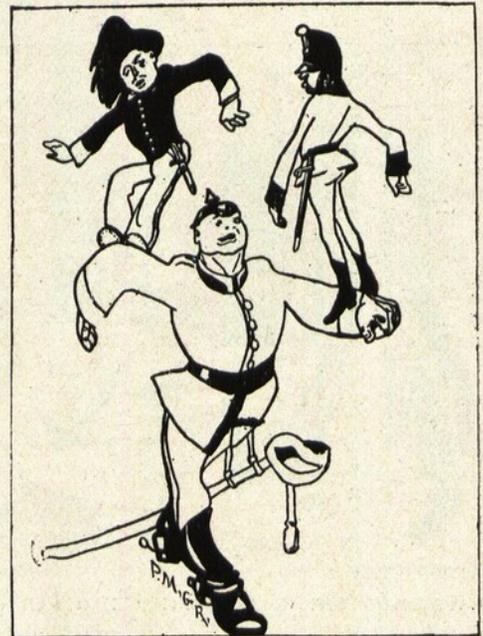
(Turim)

UM PONTO DE VISTA ITALIANO

As esquadras inglesa e allemã teem augmentado tanto, que d'aqui a pouco não se poderão chegar uma á outra para combater.

(Satyra que verbera a rivalidade entre a Allemanha e a Inglaterra sobre o dominio dos mares.)

encontraram a prova de que as explicações que formularam, na citada nota de 18 de novembro no proprio interesse das relações de amizade e confiança que desejam manter com a auctoridade soberana d



(Pasquino)

(Turim)

A TRIPLICE ALLIANÇA

ALLEMANHA — *Cautela rapazes, ou cahimos todos tres.*

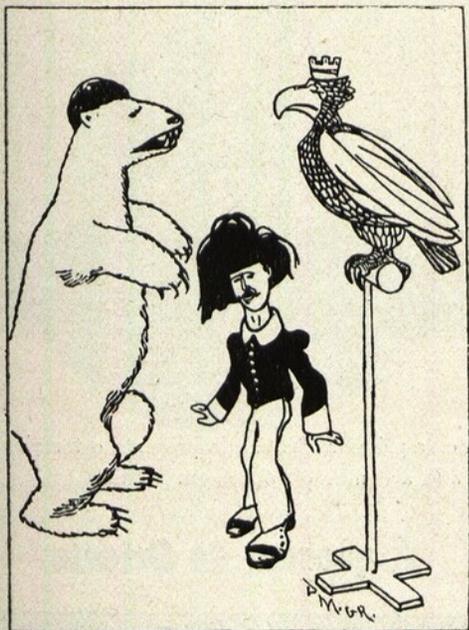
(A triplice alliança formada pela Austria, Italia e Allemanha, esta periclitante. Se um d'esses paizes foge ao pacto, como a Italia parece disposta a fazê-lo, a triplice alliança fica desfeita.)

imperio cheriffiano correspondeu ao pensamento de Mulaï Hafid.

«Por consequencia as potencias signatarias da acta de Algeciras decidiram reconhecer Sua Magestade Hafid como sultão legitimo de Marrocos, e encarregaram o decano do corpo diplomatico de Tanger de notificar este reconhecimento ao representante de Sua Magestade n'esta cidade».

As populações barbaras continuam agitadas, mas parece, á data das ultimas noticias, que a influencia de Mulaï Mohammed vae decaindo.

União monetaria latina. — O governo belga apresentou já ao parlamento o projecto de lei apro-



(Pasquino)

(Turim)

ITALIA (Entre a Russia e a Austria) A aguia ou o urso? Qual devo escolher? Uma e outro teem as garras muito aguçadas!

(Epigramma que visa á hesitação da Italia entre as duas allianças que se lhe offercem: a da Austria e a da Russia.

vando a convenção adicional á convenção monetaria de 6 de novembro de 1885, concluida em Paris a 4 de novembro do anno passado, entre a Belgica, a França, a Grecia, a Italia e a Suissa.

A nova convenção, que entrará em vigor no primeiro de abril d'este anno, eleva os contingentes de moedas divisionarias de prata para cada um dos estados contratantes a 16 francos por habitante, sendo avaliada a população e 3.600 mil habitantes para a Suissa, 7.300 mil para a Belgica, 39.300 mil para a França, 2.650 mil para Grecia e 33.800 mil para a Italia. Além d'isso, a população das colonias francezas, comprehendendo a Argeïa e Madagascar, é avaliada em 20 milhões de habitantes, e a do Congo belga em 10 milhões de habitantes.

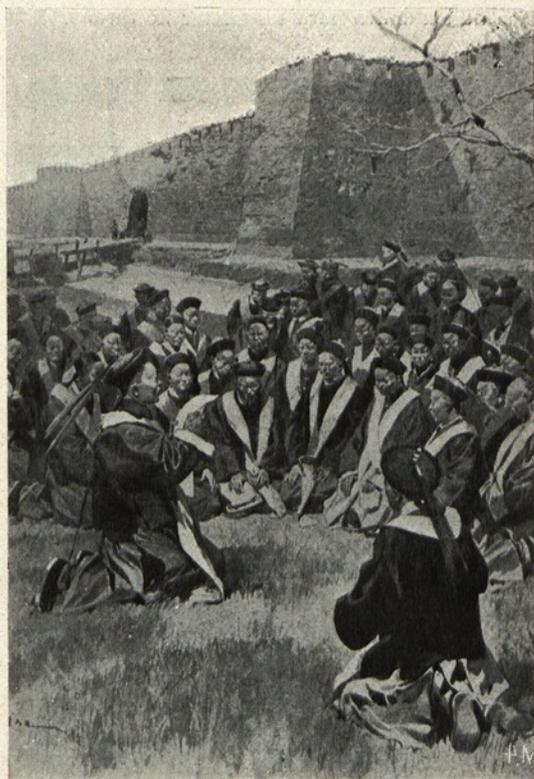
O adiamento da Duma. — As sessões da Duma foram suspensas desde 2 de janeiro por um ukase imperial, que fixou a sua reabertura para o dia 2 de fevereiro. Este adiamento representa a interrupção de um mez nos trabalhos do parlamento russo; tal lacuna torna-se, porém, mais importante quando se reflectir que poucas semanas transitarão entre a reabertura e as ferias da Paschoa e que, depois d'estas, a ultima phase da sessão (abril-junho) não comprehenderá mais que um periodo de cerca de dez semanas.

De mais, o regimen parlamentar está ainda no seu periodo de aprendizagem na Russia. E' a este respeito bastante expressiva a seguinte estatística, que nos fornece um jornal estrangeiro:

«Sobre as trinta e cinco sessões plenarias realizadas desde 28 de outubro do anno passado até á data do adiamento, a Duma consagrou dezecete ao exame de diversos projectos de lei; mas, apesar da limitada importancia dos assumptos examinados, e da inutilidade para a maior parte d'elles, de um debate publico, quarenta e nove apenas d'esses projectos foram aprovados definitivamente.»

E' extrao:dinario que as nações que começam a applicar de novo o regimen parlamentar encontrem logo de entrada os defeitos dos já experimentados.

Na China



REI MORTO, REI POSTO

A nossa gravura representa varios mandarins, proclamando fora das muralhas de uma cidade mongolica, o novo imperador da China.

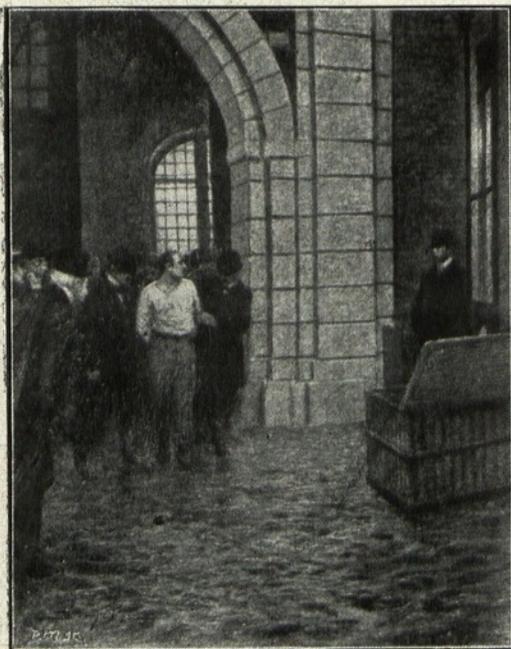
O throno do schah da Persia

Agora que o schah da Persia está tanto em foco com a revolta dos seus vassallos, vem a talho de fouce



mostrar as grandezas de um potentado, que lucta com serias difficuldades para se manter no throno.

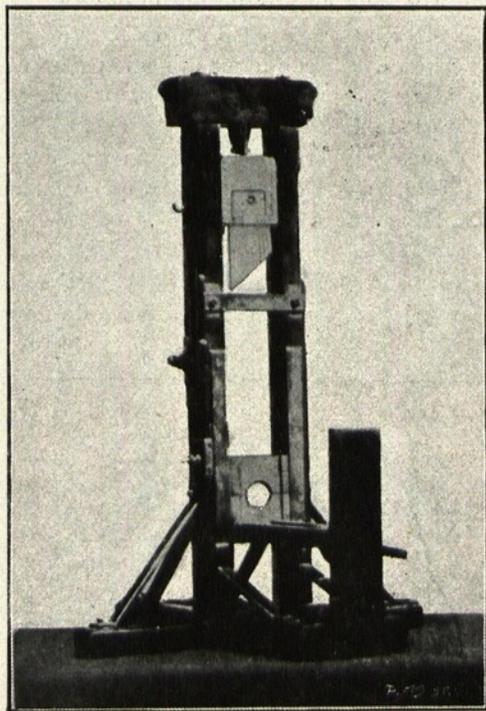
A pena de morte em França



A CAMINHO DA GUILHOTINA

Depois de abolida a pena de morte, as Camaras francezas viram-se obrigadas a decreta-la outra vez, de tal fórma os crimes augmentavam n'aquelle paiz.

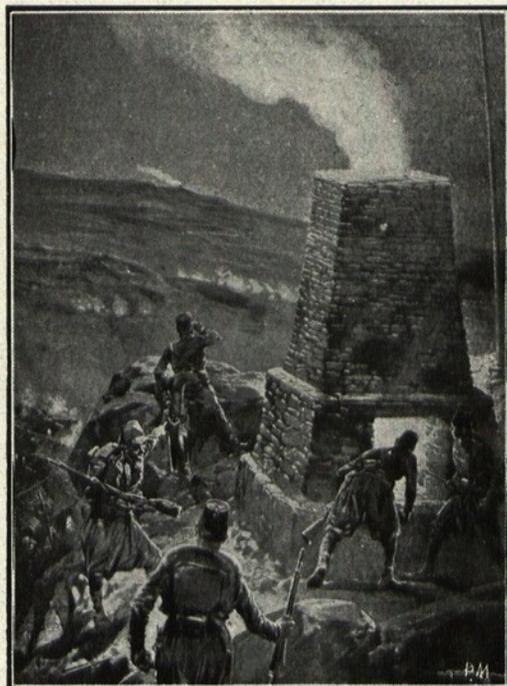
A primeira execução feita, de quatro assassinos realizou-se em Bethume, em janeiro.



A GUILHOTINA

A nossa primeira gravura representa o terceiro condemnado a caminho para a guilhotina.

A questão do Oriente



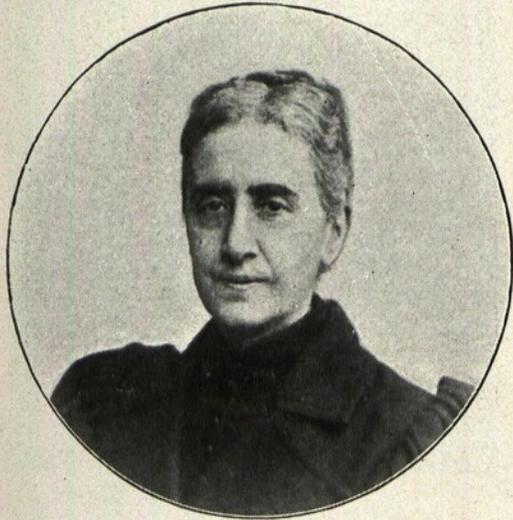
POSTOS AUSTRIACOS DE SIGNAES NOCTURNOS NAS FRONTEIRAS DA HERZEGOVINA

Resenha Mundial

Senhoras em evidencia

Marqueza de Rio Maior. — Esta senhora, pertencente a uma das primeiras familias da velha aristocracia, é uma das pessoas a quem a pobreza de Lisboa mais deve.

O seu nome, querido e respeitado de todos, é diariamente abençoado pelo incalculavel numero de desgraçados de quem tem sido abrigo e caridoso amparo.



Comprehendendo a caridade com espirito verdadeiramente christão, pensa como o poeta que

Nem só da mão sahe a esmola

e a sua palavra, intelligente e persuasiva, leva tambem o conforto a muito coração dilacerado.

Pode-se dizer sem favor, que esta individualidade attrahente e delicada, passa pela terra sem a tocar.

Livros novos

Contos. — O notavel escriptor Candido de Figueiredo, deu á luz da publicidade um elegante voluminho, intitulado *Contos*, affectuosamente offerecido a sua mulher, e no qual reuniu tres joias litterarias de inestimavel preço: *Conto do Natal*, *Arminho*, e *Um drama na aldeia*, narrativa historica. São interessantissimos, mas o segundo em que, observador e sentimental, o auctor nos descreve o supplicio moral d'um cão, que se suicida por não peder com o fardo da existencia, é simplesmente primoroso. Lêsse, relêsse com piedade e acaba-se... por dar razão ao cão.

Livro que se pode pôr em todas as mãos e que, só pelo nome que o firma, se venderia com a mesma rapidez, pelo dobro do preço.

A Encida de Vergilio, traducção de *Coelho de Carvalho*. — A cuidadissima e trabalhadora traducção

da immortal obra do genial Mantuano, veio mais uma vez demonstrar, que o talento notavel de Coelho de Carvalho, sabe superar as innumeradas difficuldades que



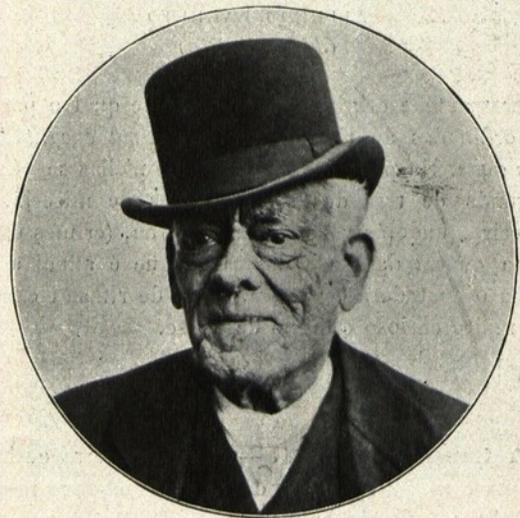
sempre surgem quando se trata de exprimir com clareza e propriedade pensamentos alheios.

Não será nunca elle que justifique a engraçada phrase italiana: *Traduttore traditore*.

É um livro excellente e elegante, e a edição, muito esmerada, da Livraria Ferreira. A parte artistica honra a typographia do Annuario-Commercial.

As glorias da scena

Taborda. — Quanto diz respeito a esta rutilante e inolvidavel ornamento da scena portugueza, interessa não só Lisboa como Portugal inteiro. Taborda



é para todos o *nosso Taborda*: — nosso não porque lhe chamem assim. mas porque todos temos orgulho e vaidade n'elle. Todos lhe queremos, todos o cele-

bramos, e não ha a falar no seu nome sem lembrar as suas geniaes creações em peças de Molière, traduzidas por Castilho.

Que auctor! que traductor! que interprete! Onde se encontra um mais harmonioso conjuncto?

Mas, pegando na penna para lhe prestar em nome dos *Servões* uma sincera homenagem de consideração e apreço pelos seus 85 annos, tão rijos e sadios, iam-nos esquecendo em divagações. Culpa, e só culpa, do seu nome que se não pode pronunciar sem que arraste apoz si mil idéas admirativas.

Escreptores brasileiros

João do Rio. — A João do Rio, o talentoso jornalista que ha pouco deixou Lisbôa em direcção a Paris, foi offerecido por despedida, um lauto banquete com que collegas e amigos quizeram provar-lhe o seu sincero aprêço, e marcar por uma grata recordação a sua passagem por Lisbôa.

O seu ultimo livro publicado ha pouco, é muito



ALFREDO BARRETO
(João do Rio)

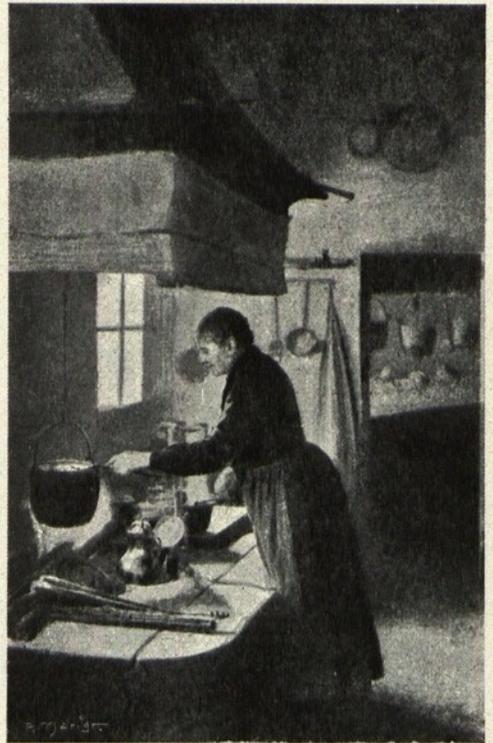
interessante e original. Compõe-se de quatro partes, subordinadas ao titulo gentil de *Alma encantadora das ruas*. Na primeira trata do que n'ellas se vê; na segunda de tres dos seus aspectos de miseria, na terceira, onde ás vezes termina a rua, (crimes etc.); e na quarta da musa das ruas, que é afinal a sua alma encantadora e poetica, cheia de rimas e cantos. E' muito curioso e digno de lér-se.

Contrastes

A irmã de Pio X. — A vida encerra curiosas coisas e as suas vicissitudes causam espanto mesmo aquelles que estão habituados a observa-la nos seus assombrosos contrastes.

Que de immensas considerações não traz ao espirito, vêr Pio X no primeiro logar do mundo catholico romano, no esplendor e galas da sua reconhe-

cida realza e Lucia Sarto Parolim, sua irmã, preparando pelas suas proprias mãos, a ceia na pobre casa que habita em Rieso?



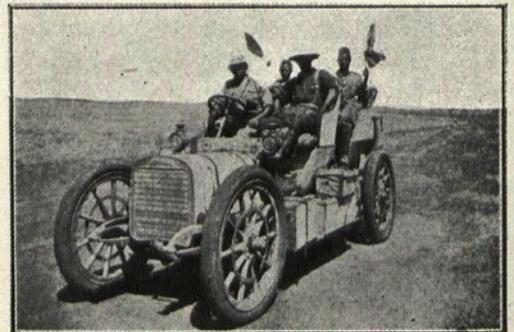
A sua semelhança com Sua Santidade é notabilissima e surprehe todos que conhecem o Summo Pontifice.

O maior vapor fluvial

E' o *Robert Fulton*, construido este anno nos Estados Unidos da America do Norte com destino á navegação do Hudson.

Tem 120 metros de comprimento, 13 de largura, uma altura total de 24 metros e pode transportar 5:000 passageiros. E' movido por duas rodas de 7 metros de diametro, que lhe imprimem a velocidade de 38 kilometros por hora.

Em Africa



O TENENTE ALLEMÃO GRAETZ
ATRAVESSANDO A AFRICA DE AUTOMOVEL

A catastrophe da Italia

Encontrar palavras com as quaes se dê uma pallida idéa do que o coração sente ao lér os telegrammas e noticias que annunciaram e dão promenores da terrível catastrophe que enlutou a Italia, e por ella



RAINHA HELENA, DE ITALIA

o mundo, seria, e é o natural desejo de todos que têm por qualquer razão de se occupar d'esse assumpto. Mas é quasi impossivel. Como nas dôres irremediaveis e grandes, a mente espantase, os olhos seccam, a palavra estrangula-se na garganta, e a penna é impotente para descrever quadros de tanto horror.

Existe a Providencia? Esqueceu-se ella dos homens?

A crença, por arreigada que seja, sente-se fortemente abalada, e a alma, enternecida pela contemplação de tão pungentissimo quadro, aniquilada pela instavel fragilidade das cousas terrenas, mais uma vez dolorosamente evidenciada, fica oppressa, esmagada

por todo aquelle immenso cataclysmo, e não encontra senão uma palavra que involuntariamente lhe descerra os labios: — Compaixão.

E que grande compaixão! Fogo, lucto, fome, loucura e morte! E, mais que tudo a furia da impotencia da vontade ante a desolação, da perda de seres queridos: o desespero moral para o qual não ha soccorros nem podem existir consolações.

Em todos os pontos da terra a que chegou a triste nova não houve um unico ser, que de humano tivesse o nome, que se não impressionasse fundamentalmente; mas em Portugal, mais do que em qualquer outro paiz, a commoção, passando o enternecimento, attingiu a dôr. E' que o nosso povo tem ainda bem vivas na memoria as lembranças do terremoto de 1755.

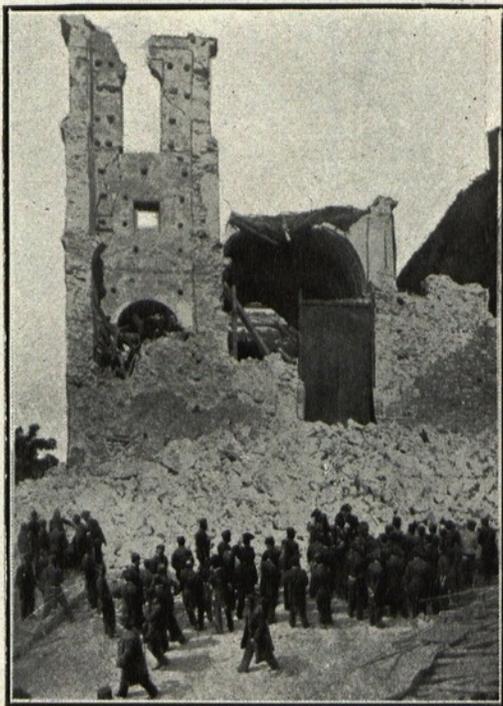
Contadas de avós a netos, correm ineditas historias e lendas atterradoras a que os abalos sismicos de Messina e Reggio de Calabria, vieram dar vulto e côr. E assim, a idéa de passados males faz-nos



UM TRISTE EXODO

sentir como proprias as desgraças alheias. Povo pobre, não pode a nossa generosidade suprir os nossos desejos. Se é largo o coração, é estreita a bolsa, o que o não impede de bater unisono com o do povo italiano, partilhar a sua dôr, e vestir o seu lucto.

Os portuguezes, extremamente arrebatados im-



A EGREJA DE S. GREGORIO EM MESSINA

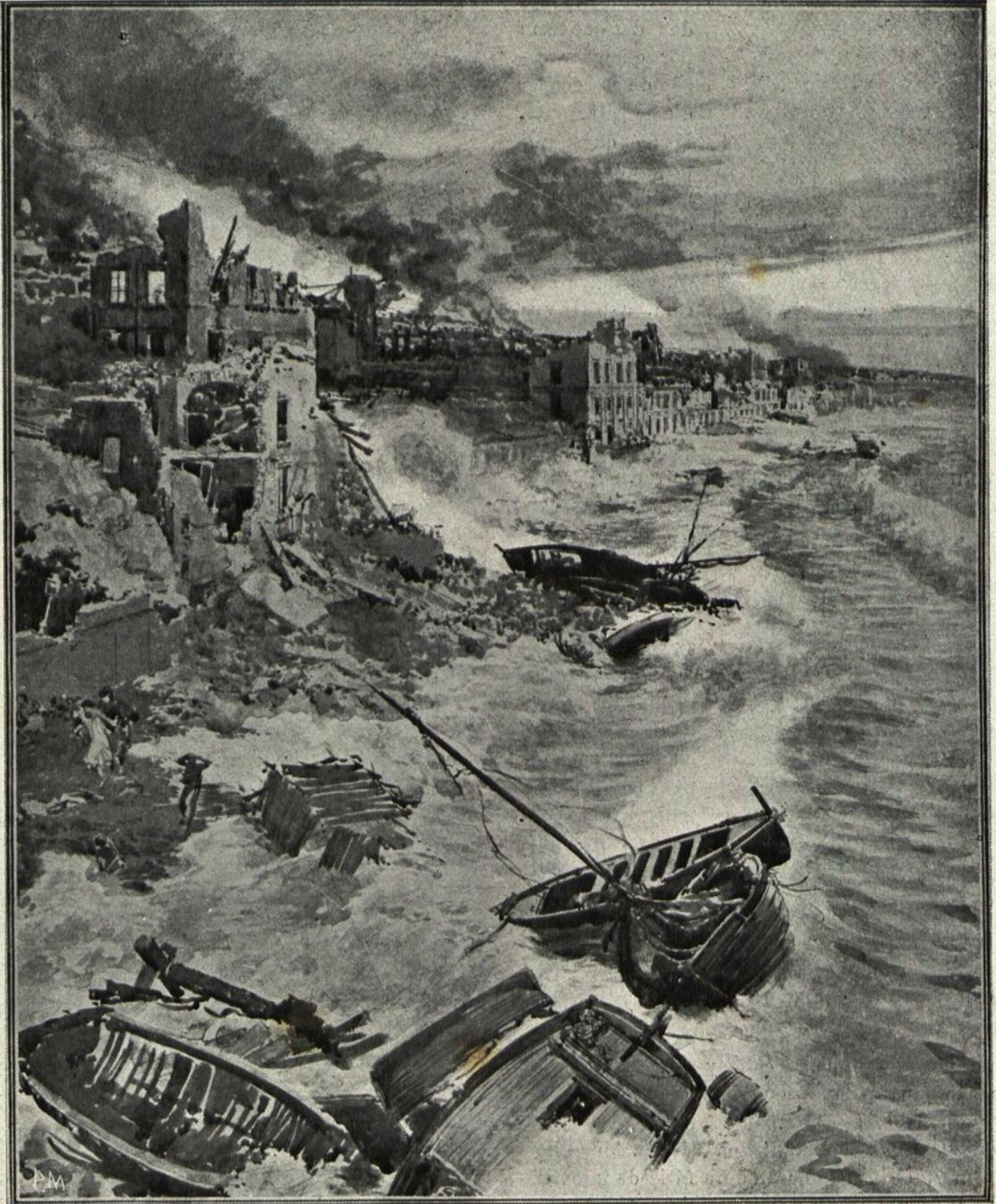
pulsivos, têm alma aberta a todo o generoso sentir. Podem esquecer-se ou affastar-se dos grandes em festas e alegrias; porém na tristeza e na dôr são, e

sempre fôram, companheiros fieis e compadecidos de todos os que soffrem. E' lhes grato, como a todos que prezam o bem social, vêr a fraternidade dos povos n'esta triste occasião; é-lhes grato vêr que o coração não conhece barreiras, que a generosidade não entende limites, que a dedicação chega ao

— As calamidades foram tres: o terremoto, malfeitores e ladrões, e os especuladores da Bolsa.

E' incrível que a perversidade possa existir ante a demonstração irrefutavel do nada que é a vida.

Como a imaginação é acanhada e estreita para poder abranger tudo que ha de estranho, baixo,



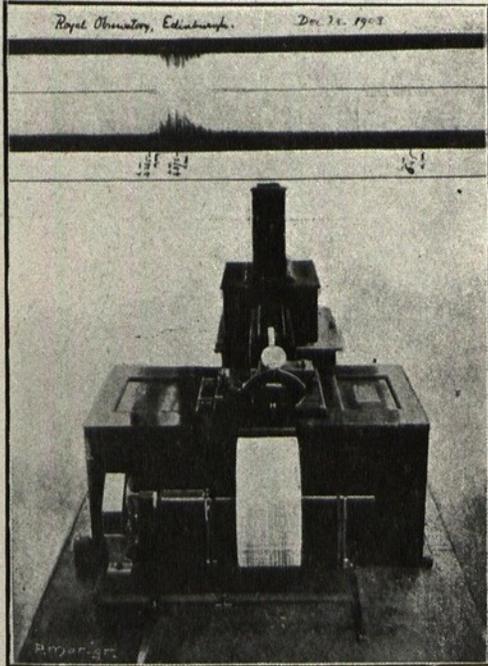
O TERRAMOTO EM REGGIO

heroismo. Mas a par do altruismo e abnegação sem fim de muitos, quantos seres que não se podem considerar homens, tanto semelham feras, têm querido especular com a catastrophe? E' assim que Giolitti entrevistado por um jornalista e dominado pela mais justa e explicavel indignação, lhe declara,

torpe, elevado e nobre n'esta tragedia horrivelmente triste! Mortos aos milhares juncando o solo; animaes, raivosos e esfomeados, devorando os cadaveres; homens, mulheres e creanças, desviadas pela fome, matando gatos e cães para comer, loucos, passando a cantar através das ruínas; feridos agonizando; in-

cólumes que perderam mais que a vida nos seres que a morte lhes arrebatou, e que para mais soffrer conservam inteira a razão.

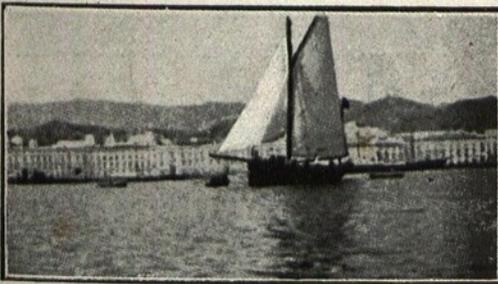
E atreveram-se a tocar nos cadaveres, não para lhes dar sepultura, mas para os despojar; nas mulheres, não para as proteger mas para as violar; nas



O SISMOGRAPHO
DO OBSERVATORIO DE EDIMBURGO

creanças, não para as acalantar, mas para as roubar, vender, e servirem depois como animaes amestrados para saciar a ganancia de empregarios sem escrupulos. A ordem, dada pelo governo italiano para a liquidação summaria de taes creaturas, é, além de justa, piedosa até para os proprios que a soffrem: mais vale não sêr do que sêr assim.

Resistir a vêr tanto com os seus olhos sem desejar

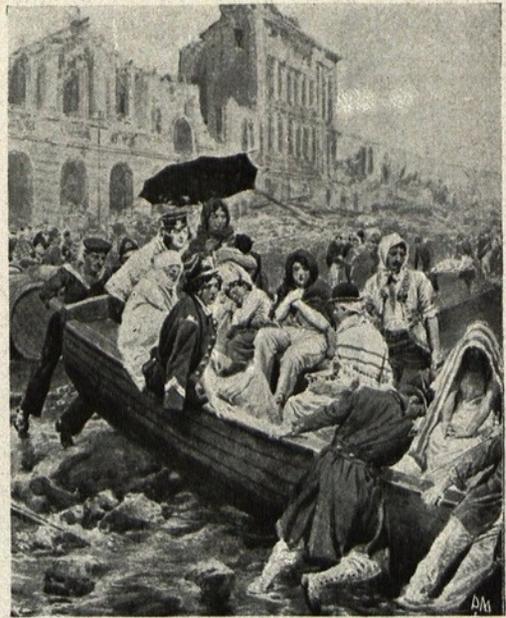


PORTO DE MESSINA

repartir-se por quantos padecem para os socorrer e consolar, seria já de si monstruoso; mas procurar no mal alheio a satisfação de instinctos e vicios proprios, não tem nome: mais vale não sêr do que sêr assim, é uma verdadeira abjecção?

Os reis de Italia de ha tantó adorados pelo seu povo, pelo justo mouvo de serem pessoas fielmente cumpridoras dos seus deveres, n'um tempo em que todos mais ou menos transigem com os seus gostos e commodidades com manifesto detrimento das suas obrigações, acabam de dar ao mundo um grandioso exemplo de civismo e de alta comprehensão do difficil mister de dirigir povos. Com reis assim não ha republica possivel. Isto demonstra mais uma vez que onde ha homeas bons não ha fórmas de governo maos.

Refazer de prompto quanto em breves instantes os abalos sismicos destruíram seria o sonho, não só de tão bons reis como de todas as almas compassivas, Não póde contudo a vontade do homem, fraca como tudo que é humano, conseguir satisfazer-se com a



O EXODO DE MESSINA

As fugitivas vestindo os trajes mais variados e pittorescos.

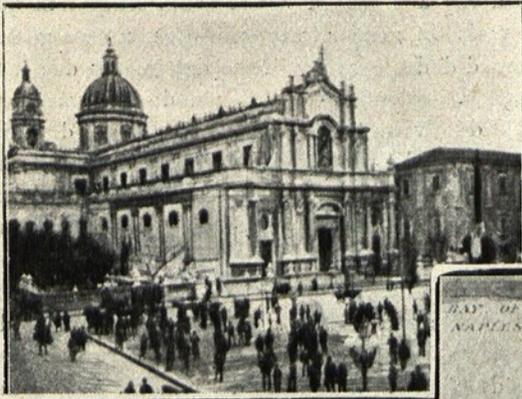
rapidez que o pensamento aneia, mas póde, e quer, valer desde já por todos os meios no seu alcance, ás victimas dos terremotos. Assim, a caridade do mundo n'um gesto unico de fraternal solidariedade exclama com voz tremula de angustia e piedade:

— Para as victimas de Messina e Reggio. Para os aldeões da Calabria.

Esposos, filhos, paes, vós todos que tendes affeições a perder, lembrai-vos d'aquelles que na sua dôr procuram um coração amigo onde encostar a cabeça e só encontram pedras informes que lh'as ferem em agudas arestas.

A Sociedade da Cruz Vermelha e muitas outras collectividades não menos dignas da confiança publica, continuam ainda a receber donativos de todo o genero a favôr das victimas.

A CATHEDRAL DE CATANIA
ANTES DO TERRAMOTO



A CATHEDRAL DE MESSINA
ANTES DO TERRAMOTO



QUINHENTOS BARCOS DESTUIDOS
EM CATANIA

VISTA A «VÔO DE PASSARO»
DÔ ESTREITO DE MESSINA
(Do Sphere)



VISTA GERAL DE MESSINA

Aqui fica o commovido e sincero apello dos *Serões* á caridade dos seus leitores.

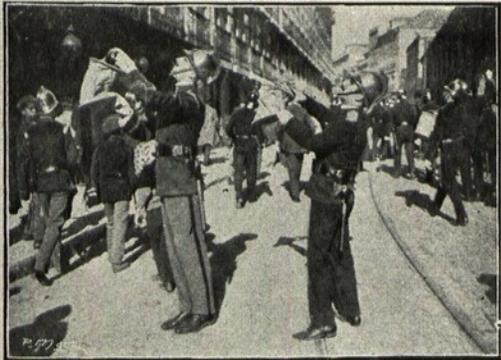
Foi imponentissimo o cortejo que os bombeiros



PASSAGEM DO BANDO PRECATORIO
NA PRAÇA DO PRINCIPE REAL

voluntarios e municipaes de Lisboa organisaram para recolher donativos a favor das victimas da horrorosa catastrophe italiana. Os carros iam lindamente ornamentados com material de salvacão e plantas.

A colheita foi larga devido não só á grande im-



COLHENDO DONATIVOS

pressão que em todos os espiritos causou aquella immensa desgraça, como tambem as vivas e geraes sympathias que o corpo de bombeiros goza em toda a cidade pelas suas constantes e quasi diarias provas de abnegacão e altruismo.

Necrologia

Jayne Arthur da Costa Pinto. — O fallecimento de Costa Pinto consternou a cidade. O bondoso provedor da Real Casa Pia, era geralmente, estimado pelas suas raras qualidades, entre as quaes sobressahia uma grande dedicacão pelos amigos, um notavel desprendimento de bens e honras e uma grande e altruista philosophia.

El-Rei D. Luiz propoz-lhe um dia fazê-lo conde.

— Meu senhor, peço licença para pensar até amanhã.

No dia seguinte voltou.

— Então? perguntou-lhe El-Rei.

— Aceito, meu Senhor, mas não para mim; para fulano, que dá tantos contos para o asylo de tal, que precisado está de dinheiro.

El-Rei sorriu e fez-lhe a vontade.

Estes homens assim, em que pode mais o coração que a vaidade, deixam sempre no espirito dos que os conheceram uma funda e sentida saudade.

O general Francisco Maria da Cunha. —

Era um bom e um carater impolluto, foi director do Real Collegio Militar, ministro de Estado e chefe da Casa Militar de El-Rei. E em todos estes elevados cargos, onde nem sempre se conquistam sympathias, soube crear amizade e dedicacões sinceras.

Viveu sempre modestamente; muita vez, quando ministro da Guerra, sahindo da sua secretaria, subia para o banco dianteiro d'um a' aquelles horribes *omnibus* que faziam carreira entre Carnide e Lisboa, e lá seguia para casa, bonacheira e despreoccupadamente fumando o seu inseparavel cachimbo, sem se importar com os olhares de reprovacão que lhe lançavam os elegantes ao passar na rua do Ouro e Rocio.

Adorado pela familia, deixa n'ella um vacuo que nada pode encher, e o partido progressista, em que militava, perde n'elle um dos seu mais leaes e importantes vultos.

Contra as «interviews»

Uma excentrica. — Lady Auckland, que os jornaes ingleses dizem ser um typo muito original, tem a mais viva antypathia á maneira descereimoniosa e intromettida por que os jornalistas realisam as suas *interviews*. N'um premeditado proposito de lição, of-



fereceu cem libras ao primeiro jornalista que conseguisse entrevistá-la na occasião do seu desembarque em Inglaterra de volta da America.

Seria extravagancia ou reclamo commercial sabiamente preparado?

A moda

E' da maior elegancia a toilette de recepção de que damos a estampa. A saia, ou antes o vestido, é de setim *Liberty* cõr de peito de rola, e a casaca de velludo de tom mais escuro, bordada a crystal da cõr do setim. As abas da casaca, graciosamente torcidas, terminam por grandes laçadas de setim e velludo, seguras por vistosos passadores de crystal.



VESTIDO EM CACHEMIRA DE SEDA BORDADO A OURO E PRATA



MODELO DE UMA CAPA

Damos em segundo lugar uma riquissima capa, para sahida de baile ou theatro, de zibelina forrada de magnifico setim branco e guarnecida de pennas, perolas e coraes.

Continuam a usar-se muito os penteados com fitas das cõres dos vestidos.

Caprichos da moda

A criação de avestruzes. — O uso das plumas e enfeites de pennas de avestruz, que **SOMATOSE.**

a moda generalizou, deu origem a uma industria cujos resultados são altamente vantajosos. O avestruz, originario das planícies da Africa e da Arabia, foi domesticado no Natal em 1874, e esta industria desenvolveu-se tão rapidamente, que em 1879 dispunha de um capital 36:000 contos de pennas. As guerras de que a Africa do sul foi theatro, vieram a aruinar tão florescente industria e levaram alguns proprietarios a transportarem-se com meio cento d'estes animaes para a Nova Zelandia, onde o mais lisongeiro exito veio coroar as suas esperanças. A Sociedade de Acclimação de Melbourn, conhecedora dos optimos resultados que esta industria proporcionava, introduziu-a e desenvolveu-a em muitas regiões de Australia, onde actualmente existem herdades que contam até um milhar de avestruzes.

Um avestruz de tres mezes custa a bagatella de 25:000 réis; um casal de reproductores paga-se por 500:000 réis. E', como se vê, uma riqueza.

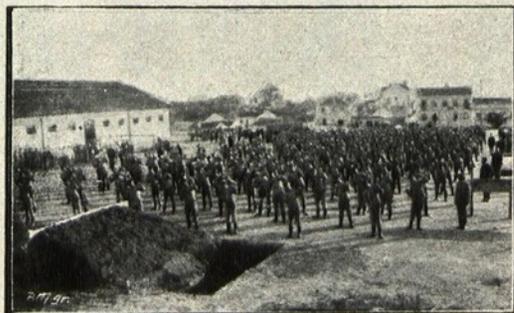
Estimulo aos inventores

O conselho de administração dos caminhos de ferro allemães estabeleceu, á semelhança do que se pratica nas fabricas, uma verba especial destinada a remunerar as invenções dos seus agentes, operarios ou outros empregados que tenham por fim melhorar a exploração das linhas ferreas.

No quartel de engenharia



VISITA DE EL-REI



EXERCICIOS DE GYMNASICA

Congresso feminino



UM CONGRESSO DE DAMAS, CELEBRADO NA RUSSIA, NO QUAL FORAM ADVOGADAS «AS UNIÕES LIVRES E A POLYGAMIA»

Neste congresso, o primeiro congresso de damas, realisado na Russia, na casa da camara de S. Petersburgo, uma delegada classificou o casamento de mera escravatura e advogou a polygamia como uma instituição ideal. Outras, na mesma ordem de idéas, reclamaram o reconhecimento da sociedade para as «uniões livres».



UMA SCENA DA ZARZUELA «EL SANTO DE LA IZIDRA»

Recitas de caridade

No theatro de D. Maria. — As recitas realisadas em principios de janeiro no theatro normal, por um grupo de gentis senhoras e rapazes da nossa sociedade elegante, a favor das officinas de S. José, foram coroadas do melhor exito. Representaram-se as comedias *Manãna de sol*, *L'anglais tel qu'on le parle*, e a graciosa zarzuela *El Santo de la Isidra*, peças em que os mesmos interpretes já tinham colhido em Cintra fartos applausos. Ninguem os dirá

amadores, mas profissionaes. Salientaram-se, entre todos, a familia Morales de los Rios e Nunó Almada pela excessiva naturalidade com que desempenharam os seus papeis.

As officinas de S. José, é uma das mais uteis instituições que se tem creado para suavisar a miseria dos pobres, pois lhes dá meios de a combater e lhes prepara os espiritos para as luctas da vida. Soccorrer este prestimoso estabelecimento, é praticar o bem, coisa que nem sempre se faz.

Bem hajam suas Ex.^{as} pela sua louvavel iniciativa.



GRUPO QUE CANTOU O CÔRO DA ZARZUELA «LAS ZAPATILLAS»

Foot-ball



UM GRUPO DE JOGADORES DO SPORT,
CRUZ QUEBRADA, NO CAMPO DO BOM SUCESSO



UM GRUPO DE JOGADORES DO, INTERNACIONAL,
NO CAMPO DE ALCANTARA



O PRIMEIRO E SEGUNDO GRUPO DO CRUZADOR
«D. CARLOS» NO CAMPO DO BOM SUCESSO

Receitas

A pintura invernizada das paredes, fica muito brilhante quando se limpa com chá. Fervem-se as folhas de chá velhas em agua. Isto tambem é bom para limpar mobilia preta, que esteja empoeirada.

Para limpar molduras douradas, põe-se a ferver n'um quartilho e meio d'agua, uma porção de flôr de enxofre, sufficiente para tingir a agua, e quatro cebolas. Filtra-se o liquido, e depois de frio applica-se com uma escova macia nas molduras.

A melhor maneira de se ferver leite, é dentro de uma caçarola de agua fria. Esta põe-se ao lume, e deixa-se ferver a agua, durante quatro minutos, depois do que, se tira rapidamente do lume.

Vae-se então mudando a agua em diferentes temperaturas até o leite esfriar. O leite deve ser arejado antes de se dar a beber a uma creança, basta agital-o rapidamente na colher durante uns momentos.

As dôres de cabeça nervosas alliviam-se rapidamente, fungando-se rabano raspado, e levemente quente.

A festa dos pinhões

(Em Santo Amaro)



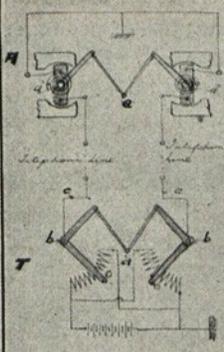
UM ASPECTO



OUTRO ASPECTO

Aproveitando o telephone

Um apparelho que dispensará o correio.
— O telephone que escreve e desenha. — A escripta ou o desenho feita com o lapis do instrumento transmissor, são reproduzidos em fac-simile pela penna do instrumento receptor. O apparelho completo consiste no transmissor e receptor que funciona com a linha do telephone sem interferencia ou



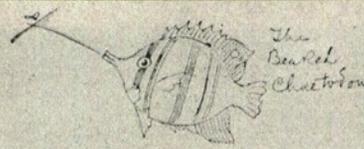
R RECEIVING
T TRANSMITTING

THE MOVEMENT MADE BY THE TRANSMITTING PENCIL (D) IS TRANSFORMED INTO SEMI-ROTARY MOTIONS OF THE TWO SHAFTS (S.S.).

THE MOVEMENT OF THESE SHAFTS CONTROL THE CURRENT SENT TO THE LINE WIRES (C.C.).

THE LINE CURRENTS PRODUCE SEMI-ROTARY MOTIONS OF TWO SHAFTS (S.S.) AT THE RECEIVER.

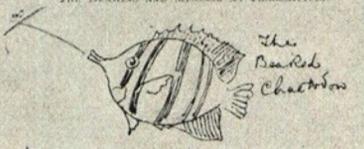
THE RECEIVER SHAFT MOTIONS ARE TRANSFORMED AT THE RECEIVING PEN (R) INTO A REPRODUCTION OF THE TRANSMITTING PENCIL MOVEMENT.



The Bearded Chacton

possesses the same faculty as the Archer fish (Toxotes jaculator) using its beak as a blow pipe for shooting drops of water at insects - Am sending rough outline above.

THE DRAWING AND MESSAGE AS TRANSMITTED.

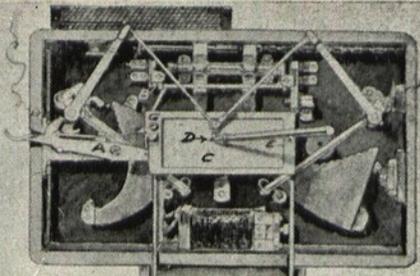


The Bearded Chacton

possesses the same faculty as the Archer fish (Toxotes jaculator) using its beak as a blow pipe for shooting drops of water at insects - Am sending rough outline above.

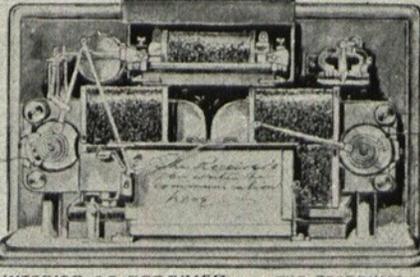
THE DRAWING AND MESSAGE AS RECEIVED.

The movements of the Transmitting Pencil (D) and the Receiving Pen (see lower diagrammatic drawing) being limited in extent, it is necessary that the paper shall be fed over the available writing space. This is done mechanically at the Transmitter and electrically at the Receiver. In the interior view of the Transmitter is shown a Finger Lever (A) connected at its inner end by a rod to the Paper-Shifter (B). When the Lever A is moved to and fro between its stops, the Paper-Shifter rocks backwards and forwards and feeds paper over the Platen C, at each movement. The pen is dipped in ink with each movement. The Lever A also operates a switch which regulates the current operating the Paper-Shifter on the Receiver.



INTERIOR VIEW OF TRANSMITTER.

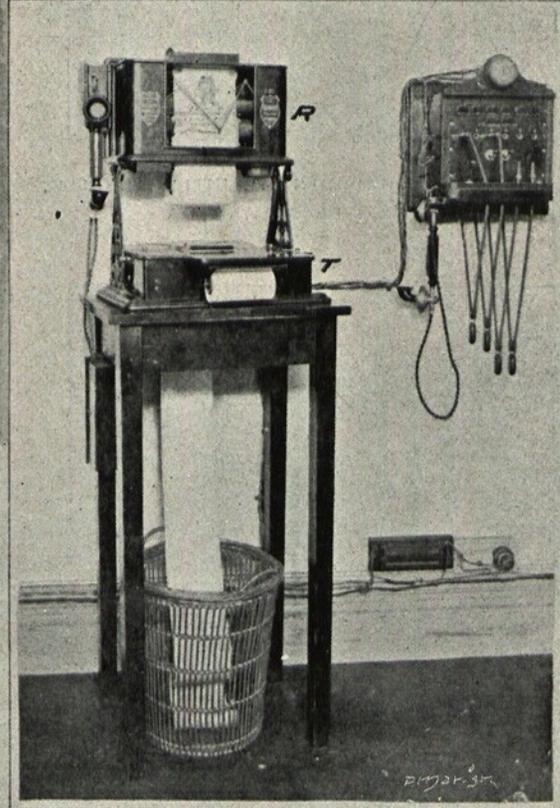
(A) FINGER LEVER. (B) PAPER SHIFTER. (C) PLATEN. (D) PENCIL POINT. (E) PENCIL HANDLE. (F) ROLL OF PAPER. (G) PENCIL PUSH.



INTERIOR OF RECEIVER. — THE RECEIVING PEN (R) WHEN NOT IN USE IS HELD BY THE INK WELL (S). IT IS ALSO BROUGHT TO THIS POSITION EVERY TIME THE PAPER IS MOVED, AND IS THUS KEPT FULLY SUPPLIED.



THE SENDER WRITES HIS COMMUNICATION IN PENCIL ON THE ROLL OF PAPER ATTACHED TO TRANSMITTER (T).



HANDWRITING SKETCHES ARE RECEIVED ON THE RECEIVING MACHINE AS THEY ARE EXECUTED ON TRANSMITTING MACHINE — THE RECEIVER (R) IS IN EVERYWAY AUTOMATIC.

TELEWRITER

Apparelho por meio do qual se pôde enviar uma carta e um desenho pelo fio telephonic

(Da Illustrated London News)

alteração do serviço do telephone. Não é, por ora, uma coisa absolutamente pratica, mas de futuro

pode fazer com que se prescindia do correio para enviar cartas, telegrammas e desenhos.

Theatros

S. Carlos. — A bella opera de Saint-Saens, apesar do andamento d'alguns trechos que offereceram ao publico novidade e estranheza, por não estar habituado a esta interpretação, agradou.

A sr.^a Meicik e o sr. Scampini nos papeis dos protagonistas fizeram-se applaudir sem reservas. O sr. Rosanoff, que substituiu em recitas subsequentes o sr. Scampini no papel de Sansão, excedeu este senhor em muito, excepto na estatura que briga com o papel. A esta opera seguiu-se a segunda recita popular com o *Barbeiro de Sevilha*.

A concorrência foi numerosa e a peça bem escolhida,

mente um excellente director de orchestra e o seu merecimento impõe-se muito notavelmente.

D. Maria. — A Empreza do Normal decidiu tambem, e honra lhe seja, seguir o exemplo de S. Carlos dando recitas populares. Realizou a primeira com o applaudido drama *Beijos por lagrimas*.

A *Rosinha do Castello*, nova peça de Maximiliano d'Azevedo, é digna de todo o elogio. São tres actos passados nas ilhas e que tem scenas encantadoras de observação e colorido.

Adelina Abranches e Barbara foram inexcediveis; e Joaquim Costa e Ignacio têm n'ella uma scena primorosa.



THEATRO DE D. MARIA — O ULTIMO ACTO D'«A ROSINHA DO CASTELLO»

por ser das que mais teem agradado n'esta época em que a Companhia Italiana não tem conseguido despertar enthusiasmo nos espectadores.

A *Aida*, e a *Lucia* não conseguiram interessar. N'esta ultima só o sr. Carpi, a quem faltam alguns recursos vocaes, que a encantadora opera de Donizetti exige, mereceu applauso e nem mesmo elle o obteve, tão friamente recebida foi esta *primeira* pelos espectadores.

No *Rigoletto* sim; o sr. Carpi teve de bisar *La donna é mobile* e a sr.^a Nevada e o sr. Nani cantaram o ultimo duetto da opera entre o Rigoletto e Gilda. Foi uma deliciosa surpresa para o publico que está habituado a vê-lo suprimir. Em todos os actos os artistas fôram muito ovacionados.

Mugnone tem feito prodigios. E' inquestionavel-

O sarau promovido pela Real Sociedade de Geographia em favor das victimas dos terremotos da Italia foi brilhantissimo. Todos os que n'elle tomaram parte mereceram calorosos e vivos applausos, que pela sua vehemencia bem demonstraram quanto eram sentidos; mas as honras da noite couberam inquestionavelmente ao sr. Alpoim pelo seu primoroso discurso.

Têm-se tambem repetido n'este theatro a *Morgadinha de Valflôr* e *Les Fourchambaut*.

D. Amelia. — Além de algumas repetições da *Zazá*, *Ladrão* e *Minha mulher noiva d'outro*, houve n'este theatro as seguintes *primeiras*:

M'Amour de Bilhaud e Hennequim, levada pela troupe Mayol.

Não é, como em geral o theatro moderno, d'uma grande moralidade, mas, talvez por isso mesmo, agradou bastante ao publico que applaudiu freneticamente.

Quanto ao *Je ne sais quoi* de Francis de Croisset e *Depuis six mois* de Max Maurey cahiram decididamente no gosto dos espectadores.

O terceiro espectáculo d'esta companhia deu-se com a peça de Sardou *La papilone*, canções de Mayol e *La chance du mari* de Roberts de Flers e Cailavet.

Despediram-se com uma *matinée* em que se representou a peça em tres actos *Les trois sultanes* e a

Trindade. — Taveira não tem senão a louvar-se da nova fórma por que explora este theatro.

O publico tem corrido ali e não tem regateado palmas aos interpretes do *Barbeiro de Sevilha*, *Bohemia* e *Carmen* que tiveram um exito completo.

Muito brevemente sobe á scena *A Serrana* de Lopes de Mendonça e A. Keil.

Repetiram-se alli tambem as conhecidas peças *Madame Favart*, *Capital Federal* e *Solar dos Barrigas*.

Principe Real. — O Kean teve, como era de esperar, uma verdadeira enchente. Brazão houve-se com a sua costumada mestria e os outros actores com



THEATRO DA TRINDADE — UMA SCENA DA «CARMEN»

linda comedia de Musset *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée*, além das canções de Mayol.

Esta companhia deixou no publico a melhor impressão e gratas recordações de difficil esquecimento. A' contrariedade de a ver partir pode-se responder, com a phrase consagrada ás andorinhas:

Ils reviendront.

O *chá das cinco* do Dr. Augusto de Castro é uma comedia interessante sem grandes scenas que impressionem o publico, mas simples, natural, cheia de graça delicada e fulgurante de espirito: pois com todas estes predicados não prendeu muito os espectadores. As plateias estão tão habituadas á graça chula, ditos picantes e phrases vermelhas, que a uma comedia de sala prefere-se (é triste) sem duvida a *Lagartixa*.

correção muito de elogiar: agradou como sempre.

A comedia drama de Strimberg que se intitula *Pae* e na qual Ferreira da Silva tem uma das suas melhores creações, teve tambem na Rua da Palma exito identico ao que obteve no Normal.

E da *Timidez de Cornelio Guerra* não é preciso dizer mais do que isto: Brazão desempenhou-n'ella um interessante papel e a adaptação á scena portugêsa foi feita por Eduardo Garrido. Para se fazer idéa é preciso mais?

Representaram-se tambem *Fr. Luiz de Sousa*, *Mysterios do Convento* e *João José*, tudo peças conhecidas do publico e recebidas por elle com prazer.

Gymnasio. — O *olho da Providencia* de tal modo se acha bem no cartaz que só ha pouco permittiu

logar n'elle aos *Doidos com juizo*, comedia allemã engraçadissima, que desperta sempre no publico gargalhadas consecutivas *A virtude triumphante*, *Calixto Junior*, *Fonseca e Roquette*, *Dilosa bofetada*, monologo dito pelo Valle e que faz rir as pedras, têm acompanhado a *Providencia* no cartaz.

Avenida. — Foi recebida com grande e sincero applauso a *Severa*, opera comica em tres actos de Julio Dantas e André Brun com musica de Philippe Duarte. Julia Mendes é primorosa no papel da protagonista e todos os outros actores vão bem não desmanchando o conjuncto harmonioso da peça que tem o merito, infelizmente tão raro entre nós, de ser genuinamente portugêsa. A partitura encerra trechos de grande melodia, e honra muito o compositor.

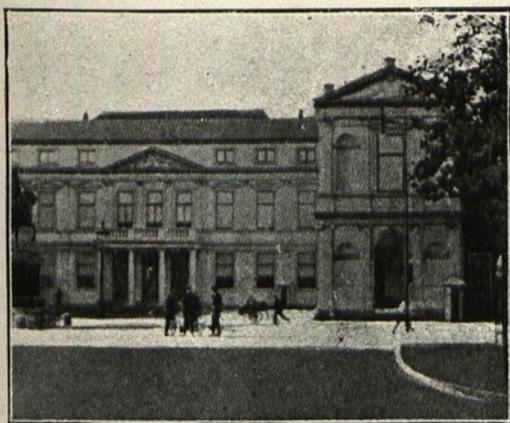
A *viagem da noiva*, tambem tem sido representada.

A festa dos Reis



O MINISTERIO CAMPOS HENRIQUES
A' SAHIDA DA SÉ

Rainha Guilhermina



PALACIO REAL EM HAYA

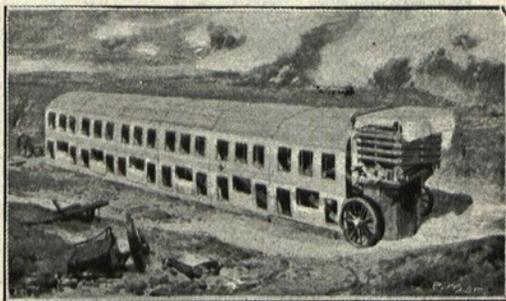
Foi nos aposentos que ficam na frente do palacio que a rainha da Hollanda teve o seu parto.

Lucta



POULE DE LUCTA GRECO-ROMANA
NO REAL CLUB NAVAL

Outro invento

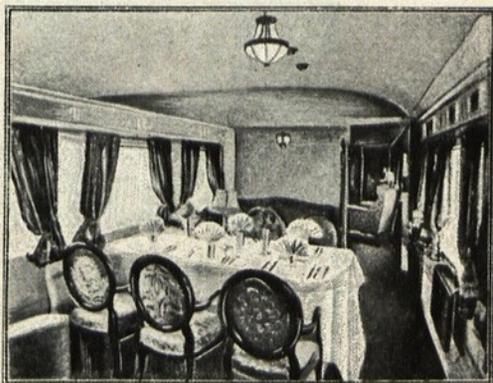


UM NOVO CARRO PARA AMBULANCIA
INVENTADO EM INGLATERRA

O dictographo

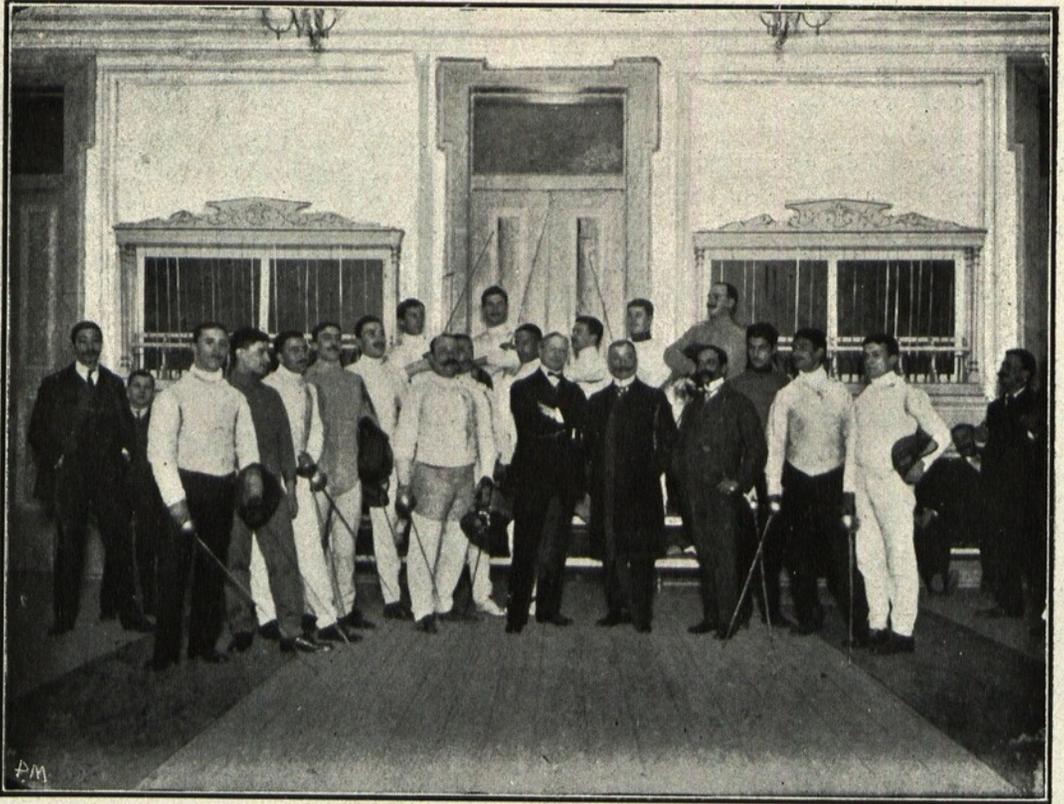
Quem conhece o *telephone* não ignora o inconveniente da conversação poder ser interceptada por um terceiro. Para assegurar o segredo das communições telephonicas, um inventor americano construiu um apparelho muito engenhoso e pratico, a que deu nome de dictographo. Nas experiencias realisadas, mostrou de modo decisivo, satisfazer plenamente ao fim a que era destinado.

Commodidades principescas



CASA DE JANTAR DO COMBOIO REAL
DO REI EDUARDO VII DE INGLATERRA

Centro nacional de esgrima



UMA DAS RECEPÇÕES SEMANAES DOS ATIRADORES DOS OUTROS CLUBS

A direcção do Centro Nacional de Esgrima, querendo dar prova da boa camaradagem que anima todos os seus socios, resolveu receber todas as semanas os membros das outras associações congeneres. A photographia que reproduzimos é tirada no mo-

mento em que, depois de varios assaltos ao florete e á espada, tanto convidados como socios, tendo os seus dois mestres de armas Antonio Martins e Vega á sua frente, se juntam em fraternal e aprazível convívio.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Preço 400 Réis.

MUSICA

DOS

SERÕES



D. Francisca Gonzaga
Maestrina brasileira



A Bota do Diabo

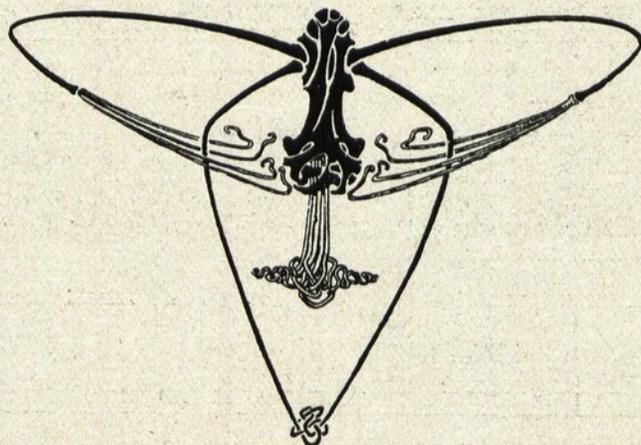
Opera comica phantastica em 3 actos e 11 quadros

Letra de

Dr. Avelino de Andrade

Musica de

Francisca Gonzaga



A Bota do Diabo

MUSICA DE
Francisca Gonzaga

2.º ACTO
Coplas dos Ministros

Allegretto
com chic

Só-mos do rei-no e mi-nis-te-rio Cin-co ca-be-ças do mo-

nar-cha. Cin-co ca-be-ças do mo nar-cha Quando há negocí-ur.

gen-te e se-rio, Lo-gó-entres-ri-ta elle nos marca Logo en-tre-

vis-ta el-le nos marca nos marca. Ao ve-ne-ran-do.

che-fe de es-ta-do Pa-mos con-se- lhos Tão se- cer- ta- dos

Que a nau na- ve- ga, Ri- ca e al- te- ro- sa,

Dé- ven- to em pó- na Num mar de ro- sa! de ro- sa!

F F DC

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

Os Agentes em Portugal

REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS

86, Rue de la Réunion

PREÇO : 800 REIS

Franco de portos em todo o Portugal por 2 frascos.

DEPOSITO GERAL: 19, Rua do Arco a Jesus, LISBOA

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

GOTA

NEURALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO

BARBA

PESTANAS

SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvie e todas as affecções do couro cabelludo.

L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

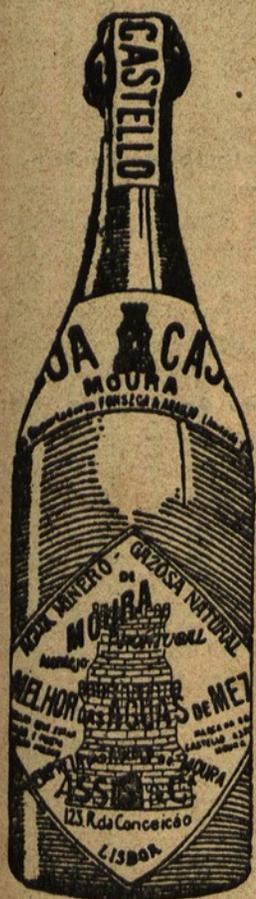
Pedidos á

Administração dos "SERÕES"

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27 Passagem do ANNUARIO COMMERCIAL
Telephone 805 — LISBOA

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO
Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.
LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

Contos do estio e do outomno, por *Luiz de Magalhães*. — O filho do grande orador parlamentar que foi José Estevam, é pelo seu talento, digno representante do nome doirado que herdou.

Poeta de alma e coração, o prosaismo da politica não conseguiu affasta-lo das lettras que cultivava com arte e primor. Veja-se :

... quando chegam da velhice os gélos, quando ella n'uma auréola de prata vem, austera, cingir nossos cabellos, — Oh! nessa idade desolada e ingrata consola o coração, triste e descrente, ir folheando pensativamente essas antigas paginas da vida...

A Cruz de Villa Viçosa — Encontrada pelo sr. *Francisco Ribeiro da Cunha* no espolio litterario de Rodrigo Vicente d'Almeida, foi por este senhor editada com manifesta vantagem e applauso de quantos se interessam por estudos historicos.

A questão agraria, por *Antonio Lino Netto*. — E uma obra valiosa para todos que desejem conhecer as riquezas do solo patrio. O auctor investiga n'ella não só a multiplicidade de culturas a que se prestam os terrenos de Portugal, como vai procurar no desleixo e abandono de tão interessante assumpto, evidente fundamento da miseria e decadencia da raça.

Leitura muito interessante e instructiva é livro que, estamos certos, todos lerão com prazer.

Diz o auctor no prefacio, que o escreveu por ter de apresentar uma dissertação para o concurso da 16.^a cadeira do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa. Ainda bem que teve esse motivo que nos proporciona tão uteis conhecimentos.

Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal — Primeira serie — Tomo I — Esta Academia, fundada apenas ha pouco mais de um anno, tem sido d'uma actividade muito digna de louvor. A publicação d'estes seus primeiros trabalhos é interessantissima e muito para lêr-se.

Sendo escasso o nosso tempo para estudar como merece tão valiosa obra, referimo-nos apenas á parte que d'ella já podemos apreciar. Assim, os estudos anthropologicos do Dr. Aurelio da Costa Ferreira, continuador incansavel da magnifica obra de Ferraz de Macedo, sobre João de Deus, são de grande interesse.

As investigações sobre o auctor da Arte de Furtar, que segundo as curiosas observações de Bruno não é como se julgara o padre Antonio Vieira, a quem se attribuia aquelle livro de graça e espirito inequalavel. Este estudo tem o melhor convite aos olhos no nome que o firma.

Sobre a renovação material de Lisboa, por *Abel Botelho*. — E' uma conferencia interessante na qual o orador se insurge contra a falta de esthetica que predomina na construcção da cidade em que ha a mania de abusar da linha recta, etc.

Como se vê é substanciosa e variada a materia d'este volume que promete a sequencia de outros não menos valiosos.

A boa mãe, Uma lição da historia, Para as creanças. — tres livros optimos recentemente postos á venda e que farão as delicias dos pequeninos leitores. D. Anna de Castro Osorio, sua auctora, cujo inquestionavel merito é notorio, tem dispensado os maiores disvelos e estudado com minucioso cuidado todos os processos modernos de educação. Os seus livros tem nos espiritos infantis uma grande e benefica influencia, e recommenda-los ás mães, é fazer-lhes favor e conquistar sympathias das creanças a que devem ser dados como premio de bons estudos. Serão indubitavelmente, certo estimulo.

Manhã, por *João Maria Ferreira*, que no ultimo concurso dos *Jogos Floraes* teve, n'este poemeto a classificação de bom. Editou-o o auctor e já em tão curto-espaco o reedita. E' esta, sem duvida, cabal recommendação.

Poeira de Paris

POR

JUSTINO DE MONTALVÃO

Com prefacio de GUERRA JUNQUEIRO

1 vol., 500 réis

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA